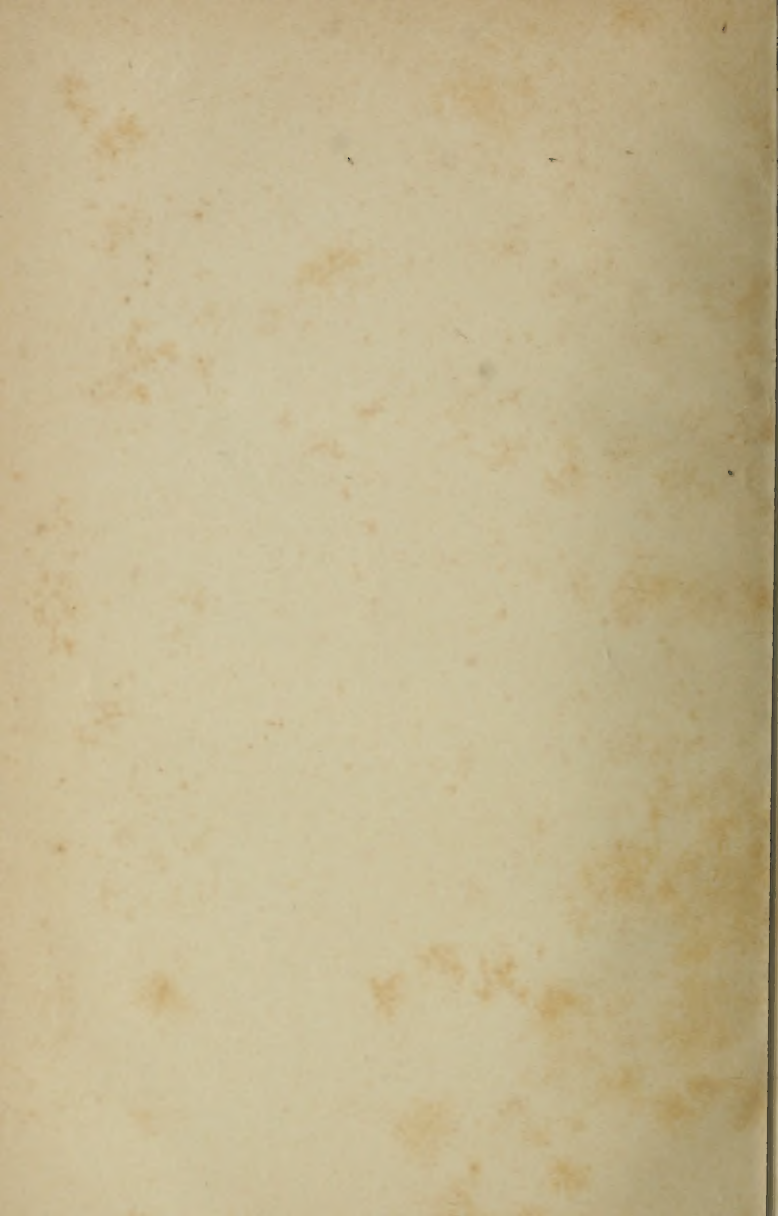
Tobias Barreto

Dias e Noites

por

Sylvio Roméro

Ao Bello Espirito de Maria Amalia Vaz de Carvalho, em nome de Sylvio Romero, off.ce o

Rio, 16-9-904. Arthur Guimarães.

DIAS E NOITES

TOBIAS BARRETO

TOBIAS BARRETO

DIAS E NOITES

PUBLICAÇÃO POSTHUMA
DIRIGIDA POR
SYLVIO ROMÉRO

NOVA EDIÇÃO AUGMENTADA

LAEMMERT & C.IA
LIVREIROS-EDITORES
RIO DE JANEIRO E S. PAULO
1903

Tobias Barreto

Breve noticia de sua vida.

Este principal iniciador do *condoreirismo* em a poesia, do *allemanismo* em a critica litteraria, do *monismo evolucionista* a Haeckel e Noiré na philosophia e no direito no Brasil, nasceu na villa de Campos, na provincia de Sergipe, aos 7 de junho de 1839.

Seu pae — Pedro Barreto de Menezes — era alli escrivão de orphãos; mas o municipio não era populoso e rico, o cartorio quasi nada rendia e o funccionario não passou acima da pobreza.

O pae do poeta tinha genio folgazão e satyrico, pronunciado talento anecdotico e innegavel quéda para as luctas politicas locaes, nas quaes se revelara intelligente, insubmisso e desabusado.

Sua mãe — D. Emerenciana de Menezes — era meiga, de genio suave e doce, temperamento melancolico e cheio de resignação. Pedro era mestiço accentuado: D. Emerenciana passaria por fidalgamente branca em qualquer parte do Brasil.

Campos demora em uma planicie, quasi na confluencia do riacho Jabibery no Rio-Real. A região é aspera, a terra esflorada a trechos, cheia de arêiaes extensos, contrastados por bellas e frescas moitas de

altas quixabeiras nas margens do Real e do Jabibery. E' um pedaço dessa região, caracteristicamente chamada no Norte — *o agreste* —, que é a passagem das terras das *mattas* para a zona dos *sertões*.

A vegetação é falha em geral e de pequena apparencia, excepto, como é o caso em Campos, nas margens dos rios. Predominam as caatingas, mangabeiras, guabirabas, quixabeiras e imbuzeiros. E' pronunciada a antithese entre a planicie arienta e esteril e as altas moitas frescas que bordam os rios. O clima é quente, appetitosos os banhos nos poços sob as folhudas ramagens, os luares esplendidos, o ar impregnado do cheiro das plantas campezinas.

Bem se comprehende a selvagem e original poesia que um meio desses iria accumulando n'alma intelligente do filho de Emerenciana e Pedro Barreto. Quem viu aquellas paragens entende bem o que vêm a sêr os *roupões de sombra desvestidos pelos quixabás* e sente a verdade de versos como estes:

«Aos reflexos da lúa que pratêa
Os brancos arêiaes de minha terra,
Ao vivo trescalar das guabirabas
Nas aragens de um céo desabafado»[1].

Tobias estudou primeiras letras em sua terra natal com o professor Manoel Joaquim de Oliveira Campos, figura notavel na provincia, como poeta, jurista e politico. A convivencia deste espirito, addicionada á de Pedro Barreto, influiu consideravelmente na formação do talento e da compleixão intellectual do joven sergipano.

Aprendidas as primeiras letras de 1846 a 49, partiu em 1850 o futuro poeta dos *Dias e Noites* para a cidade da Estancia a cursar a aula de latim do padre Domingos Quirino de Souza e seguir as

[1]) Vide pag. 219 deste volume.

licções de musica do maestro Marcello Santa Fé. Na Estancia demorou-se até 1852. No anno seguinte partiu para o Lagarto a completar os estudos de latinidade sob a direcção do famoso professor padre José Alves Pitangueira, em cuja casa viveu até 1854. No anno subsequente abriu aula de primeiras letras, iniciando d'est'arte, aos dezeseis annos, a carreira do magisterio, seu modo de viver, mais constante até á morte.

Em 1857, aos dezoito annos, por conselho do Dr. Salustiano Orlando, entrou em concurso para o provimento da cadeira de latim da villa Itabayana, na qual foi provido, pois que tinham sido brilhantissimas as provas dadas de sua capacidade e competencia no assumpto. Em Itabayana demorou-se até fins de 1860. De dezembro de 1858 existe a bella elegia, em estylo ovidiano, dirigida a seus discipulos, por occasião do encerramento do curso, tendo de seguir o joven professor para Campos em descanço das ferias. E' como segue:

«Tandem jam superest tantum valedicere vobis;
Quando quidem cedo, stante magisterio,
Quod finitum hodie nunquam mihi forte reduci
Possit, alîqui cadat sic literis dociles
Formandi juvenes: quid ita? certo grave munus
Commissum immerito parvo aliquando mihi.
Vellem, Discipuli. vobis, qui repitis isthuc,
Ut possem sapiens, in rudibus tenebris
Lumen ego prœferre, erudiens itidem, et vos
Memet, adhuc video, viribus exiguis
Quam doceo; desunt autem magnæ Sophiæ mî
Principia, atque ideo jam cogor ad studium.
At vos licturus; desiderio madefit cor
Planctibus obtectis; ergo valete, Boni.
Semper ero, atque fui, inter amicos me numerate.
Vos qui pendo, dabunt tempora temperius.»

Primeiras letras, musica e latim foram as cousas unicas aprendidas por Tobias em Sergipe e elle costumava dizer mais tarde, quando já era mestre

profundo de direito no Recife, que *latim e musica* eram as unicas disciplinas que suppunha bem conhecer.

Desde os quinze annos de idade começou a poetar e a escrever trechos musicaes. Destas primitivas manifestações de seu talento existem ainda algumas amostras de que darei exemplos no correr destas paginas.

O anno de 1861 passou-o todo o moço sergipano na Bahia, onde conviveu com o seu parente Moniz Barreto, o famoso repentista e cursou diversas aulas de preparatorios, entre as quaes avultava a de philosophia, sob a direcção do theologo e conhecido orador sagrado Frei Itaparica. Tobias chegara á velha capital brasileira com a intenção de fazer o curso theologico e receber ordens sacras. Deu logo entrada no seminario, onde passou este dia e a noite apenas, retirando-se no dia seguinte pela manhã. Durante a noite passada n'aquelle mansuéto retiro, dizem as lendas correntes a seu respeito, commettera a imprudencia de começar a cantar no silencio do dormitorio uma modinha de seu repertorio sergipense. Esta anecdota era referida pelo padre José Antonio de Vasconcellos; mas creio que é simples creação lendaria. A verdade é que, sahido do seminario, o irrequieto sergipano vagou pela cidade á procura de certos patricios que não chegou a encontrar n'aquelle dia. A' noite foi ao theatro de São João: assistiu ao espectaculo, findo o qual, um companheiro de occasião levou-o a dormir n'uma estalagem de segunda ou terceira ordem. Poucas horas ahi se demorou, porque foi acordado aos gritos de fogo.

Effectivamente a estalagem estava a arder. Era de madrugada. Não sem novas difficuldades conseguiu descobrir o paradeiro dos patricios que andava a procurar, e em cuja casa viveu, ajudando algum tempo parcamente as despezas, todo o anno de 1861.

Foi durante este periodo que, além de outros preparatorios, como o de philosophia, conforme disse, estudou a lingua franceza e passou a mór parte do tempo na Bibliotheca Publica, a ler os poetas romanticos, nomeadamente Quinet e Victor Hugo, cujo livro das *Contemplações* mais de perto o prendera.

Na Bahia fôra companheiro de Rozendo Moniz, de seu irmão Francisco, o musico talentoso, morto ultimamente no esquecimento, e ambos filhos do inegualavel repentista citado linhas acima. Na bella capital bahiana os estudos e leituras o absorveram por completo, deixando-lhe diminuto lazer para a producção; por isso quasi nada alli escreveu. Tenho apenas conhecimento de duas poesias. Uma, consagrada ao *Dois de Julho*, o dia bahiano por excellencia, o poeta m'a recitou por vezes; mas guardei de memoria apenas duas estrophes, que reproduzi em seu livro dos *Dias e Noites* [1]).

A outra — *Anhelos* — anda no mesmo volume incompleta e com a data errada; só agora sae exacta nesta edição.

As pequenas economias levadas de Itabayana estavam esgotadas desde meiados de 1861 e os preparatorios não estavam prestados, posto que aprendidos em sua quasi generalidade [2]).

De Sergipe não vinha recurso algum; era mistér bater em retirada. O desanino principiava a ganhar o espirito enthusiasta do pobre ex-professor de latim, que já nesse tempo havia perdido sua cadeira.

Foi em tal transe, ao travor desse acabrunhamento, que se deu o passo a mim referido com lagrimas nos olhos: deitado em sua rêde, lia a collecção

---

[1]) Pag. 200, edição de 1893; pag. 153 desta edição.

[2]) *Eram:* latim, francez, inglez, arithmetica, algebra, geometria, historia universal, geographia, historia do Brasil, philosophia, rhetorica e poetica.

de trechos de prosadores e poetas de Charles André; a alma estava ennegrecida pelo desmoronar de todos os planos; n'um momento de impaciencia atirou pelos ares o livro, que foi cahir esparramado a um canto da pequena sala.

Levantou-se, apanhou-o, estava aberto n'uma pagina, onde se liam uns versos, entre os quaes se achava este: *on perd son avenir par trop d'impatience* . . . Os temperamentos poeticos, quando atribulados, vêem presagios em qualquer cousa. Aquellas palavras foram um balsamo para esse espirito acabrunhado. Mas era indispensavel partir e teve de recolher-se a Sergipe. Em Campos passou o anno inteiro de 1862; pois só em dezembro seguiu para o Recife, sem recursos, é certo, porém cheio de esperanças, confiado na mocidade e no talento. Saudou a bella *Veneza transplantada* com a famosa ode *A' Vista do Recife*, escripta a bordo do pequeno paquete que o conduzira do Aracajú. Mas nem tudo foram rosas em Pernambuco para o novo hospede. Poucos dias depois de sua chegada, em janeiro de 1863, era atacado de variola de máo caracter; o lance foi cruel, esteve quasi ao desamparo e escapou milagrosamente á morte. Foi o passo mais afflictivo de sua existencia, segundo m'o revelou sempre.

Uma vez curado, porém, repassou os preparatorios durante 1863, prestando-os todos nos exames do fim do anno

Em março de 1864 estava matriculado no curso juridico. Nesse tempo fez concurso de latim para o preenchimento da cadeira vaga no Collegio das Artes; apezar de brilhantes provas, não foi provido na cadeira; entrou de novo em concurso da mesma disciplina no anno seguinte. Ainda não foi provido nella; o que tambem lhe aconteceu com a de philosophia do Gymnasio Pernambucano, para a qual

concorreu em 1867, a despeito de ter sido collocado sempre em primeiro logar. Deveria formar-se em fins de 1868, o que não aconteceu, por haver perdido por faltas, em 1866, o terceiro anno do curso, que só veio a concluir em dezembro de 1869.

Depois de formado ainda residiu no Recife, onde abriu um collegio de instrucção secundaria, sendo que durante o curso academico fôra sempre no ensino que encontrara meios de subsistencia. Leccionava francez, latim, historia, rhetorica, philosophia e mathematicas elementares.

Não mettendo em linha de conta os tempos de Sergipe e Bahia, é licito dizer que o periodo de fins de 1862 a principios de 1871 constitue a sua primeira phase do Recife, na qual cultivou preponderantemente a poesia, iniciando apenas a acção critica, que encheu o periodo seguinte (fevereiro de 1871 a outubro de 1881) que constitue a phase da Escada, do nome da pequena cidade pernambucana, que habitou nesse tempo.

Ao periodo de fins de 1881 a junho de 1889, segunda phase do Recife, pertence a acção juridica, exercida pelo magisterio na Faculdade de Direito. Os factos mais notaveis da vida espiritual do escriptor durante esses tres periodos de actividade são os seguintes: em 1862 publicou — *A' Vista do Recife*; em 1863 — *Pela morte de um amigo*, *Dia de Finados no Cemiterio*, *A' uma Mulher de talento*; em 1864 — *A' Polonia*, *Trovadores das Selvas*, *Amalia*, *Inspiração*, *Mãe e Filho*, *Depois de ouvir a aria final da Traviata*; em 1865 — *Capitulação de Montevidéo*, *Vôos e Quedas*, *Lenda Civil*, *Ideia*, *Voluntarios Pernambucanos*, *Sete de Setembro*, *Pelo dia em que nasceste*, *Leões do Norte*, *Em nome de uma pernambucana*, além de alguns discursos e um artigo sobre as poesias de *Paes de Andrade*; em 1866 — *Lenda Rustica*, *Genio da*

Humanidade, *Os Tabaréos*, *Suprema Visio*, *Contemplação*, *Quando nasceste*, *Amar*, *Supplica*, *A Caridade*, *Carmen*, *Oh! isto mata*, além de um artigo sobre as poesias de *Lycurgo de Paiva* e sustentou uma polemica com Castro Alves; em 1867 — *Polka Imperial*, *Presentimento*, *A Luva* (traducção), *O beijo*, *Leocadia*, *Como é bom! cantai! Malerola*, *A Viuva de Pedro Affonso*, *Luctas d'alma*, *Sé meiga e terna*, *Porque me feriste? A Bottini*, *Adelaide do Amaral*, além de um artigo sobre *Nahum*; em 1868, ao de mais de varias poesias, *Guizot e a escola espiritualista do seculo XIX*, *Sobre uma theoria de S. Thomaz*, *Theologia e Theodicéa não são sciencias*; em 1869 — *A Religião Natural de Jules Simon*; *Os Factos do Espirito Humano de Gonçalves de Magalhães*, *A Força Motriz*, e varias poesias; em 1870, redigiu — *O Americano* e publicou, além de diversas poesias, como *Decadencia*, *Volta dos Voluntarios*, *O Rei reina e não governa*, *Diante de um batalhão que voltara da Campanha*, alguns artigos, como *Os homens e os principios*, *Moysés e Laplace*, *Politica Brasileira*, *Notas de critica religiosa*, *Theologia Rationalis-confutatio*, *A Religião perante a psychologia*, *Chronica dos disparates*; em 1871 — *A Sciencia d'alma ainda e sempre contestada*, *Uma Excursão nos dominios da sciencia biblica*, *Uma Lucta de gigantes*, *O Direito Publico Brasileiro do Marquez de S. Vicente*, *A Questão do poder moderador* (principio); em 1872 — *A Provincia e o provincialismo*, *O Atraso da philosophia entre nós*, *O romance no Brasil* (inacabado); em 1873 — *Sobre um Escripto de Alexandre Herculano*, *Auerbach e Victor Hugo*, *Uma Excursão nos dominios da sciencia biblica* (o final); em 1874, redigiu o periodico — *Um Signal dos Tempos*, onde iniciou a publicação de — *A Alma da mulher*, *Principios da estylistica moderna*, *Hartmann e a philosophia do inconsciente*, *R. Gneist como publicista*, *Socialismo em litteratura*, *Carolina*

Michaelis e a nova geração em Portugal, Sobre David Strauss, A Musa da felicidade, Victor Hugo e o Congresso de Genebra; em 1875, redigiu — *O Deutscher Kaempfer* e publicou — *Brasilien wie es ist, Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica, A Comarca da Escada, O Desabuso* periodicos estes dois), e sustentou polemicas com os Srs. Albino Meira e José Carlos Rodrigues; em 1876 — *O Povo da Escada* (periodico); em 1877 — *Aqui para nós, A Igualdade* (periodicos): em 1878 — *Ein offener Brief an die deutsche Presse, Jurisprudencia da vida diaria* (a proposito do livro do mesmo titulo de R. Ihering); em 1879, redigiu — o periodico *Contra a Hypocrisia*, onde se acha o artigo famoso — *Delictos por omissão*; publicou — *Um Discurso em mangas de camisa*, acompanhado de notas, e proferiu varios discursos na assembléa provincial de Pernambuco, sendo desse anno tambem o artigo — *A Questão parlamentar do dia*; em 1880 — *Alguma Cousa tambem a proposito de Meyerbeer, O haeckelismo em zoologia, O dia de Camões, Organisação communal da Russia* (começo), *Treitschke e o movimento anti-semitico n'Allemanha* (inacabado); em 1881 — *Traços sobre a vida religiosa no Brasil, Ensaio sobre a tentativa criminal, Fundamento do direito de punir, Uma nova intuição do direito* (começo), *Influencia do salão na litteratura, Estudos Allemães* (como revista mensal); em 1882 — *Mandato Criminal* (these de concurso), *Estudos Allemães* (livro), *Theoria da móra, Direito autoral, Sobre o artigo 10 do Codigo Criminal*; em 1883 — *As Artes e a industria artistica, As Flóres perante a industria, Prehistoria da litteratura classica alleman*, além da polemica com os padres do Maranhão; em 1884 — *Notas sobre a evolução emocional e mental do homem, Variações anti-sociologicas* (principio); em 1885 — *Introducção ao estudo do direito, Prolegomenos do estudo do direito criminal:*

em 1886 conclusão da — *Analyse do Artigo 10 do Codigo Criminal*, formando a 2.ª edição dos *Menores e Loucos em Direito Criminal*; em 1887 — *Recordação de Kant*, *Traços de Litteratura comparada*, *Oliveira Martins e a historia do Povo de Israel*, *Variações anti-sociologicas* (final); em 1888 — *Commentario ao Codigo Criminal* (inacabado), *A Irreligião do futuro de Guyau*, *Questões Vigentes de Philosophia e de Direito*, *Deixemo-nos de lendas*, *Self-government*, polemica com o Dr. José Hygino; em 1889 a 2.ª edição dos *Ensaios e Estudos*.

Ahi ficam, em ordem chronologica, indicadas as principaes publicações que fez de poesias e artigos pelos jornaes ou em avulso.

Cumpre, porém, acrescentar, para melhor comprehensão dos factos, que, abandonando quasi completamente a poesia de 1870 em diante, atirou-se mais de perto ao estudo da critica, da philosophia e do direito, coincidindo com isso o esquecimento em que foi deixando os seus mestres francezes, substituidos pelos allemães, de cuja lingua se apoderou completamente, acabando por fallal-a e escrevel-a correcta e elegantemente.

Retirado na Escada desde 1871, viveu principalmente da advocacia em que teve amiudadas occasiões de abrir violentas luctas com os juizes da comarca e com os mandões politicos locaes. Montou alli uma pequena typographia, onde imprimiu os periodicos da epocha escadense citados linhas atraz, além de brochuras, como: *Brasilien wie es ist*, *Ein offener Brief*, *Discurso em mangas de camisa*, *Fundamento do direito de punir*, *Estudos Allemães* (*revista*), *etc.*

Em lucta renhida com herdeiros de seu sôgro, teve a casa cercada por capangas, foi insultado, ameaçado de morte e compellido a mudar-se para o Recife.

Era em outubro de 1881. Nos começos do anno seguinte entrou em concurso para o logar de lente da faculdade de direito, a justa scientifica mais brilhante de que rezam os annaes academicos de Pernambuco. Tirou a cadeira, a despeito da guerra que lhe moveram, a favor do candidato Dr. Augusto de Freitas, o Conselheiro Souza Dantas e o Dr. Sancho Pimentel, devido principalmente ao alto espirito de justiça do imperador D. Pedro II, que oppôz embargos á deslavada prepotencia dos politiqueiros rélapsos.

Curto foi o periodo do magisterio juridico de Tobias Barreto: apenas sete annos incompletos, de 82 a 89, sendo que nos ultimos dois annos a molestia não o deixava comparecer ás aulas. Na Faculdade regeu as cadeiras de philosophia do direito, direito publico, direito criminal, economia politica e pratica do processo. Esta ultima foi a cadeira que lhe coube, quando de substituto passou a cathedratico.

Um de seus primeiros actos, após sua entrada para a Faculdade, foi estimulal-a a dirigir-se ao professor Holtzendorff em apoio da fundação Bluntschli. A carta, para tal fim endereçada ao sabio allemão, foi redigida na sua lingua e era uma bellissima peça. Tobias era o seu auctor.

Pouco depois teve occasião de, servindo de paranympho ao Dr. Hermenegildo de Almeida, recitar seu celebre discurso sobre a *Ideia do Direito*, em que apostolava a intuição monistico-darwiniana dessa e de outras creações humanas. Sahiram-lhe ao encontro os redactores da *Civilisação*, orgão official dos padres do Maranhão. Travou-se renhida polemica, em que a padralhada intolerante cobriu dos mais feios baldões o professor pernambucano.

Prestou aos padres poderoso auxilio o Dr. Antonio Carneiro da Cunha, sob o pseudonymo de *Hunger*.

Era isto em 1883. Neste anno appareceu seu bello livrinho — *Menores e Loucos em Direito Criminal*, de que tirou segunda edição mais completa em 1886. Neste ultimo anno abriu o curso de *litteratura comparada*, no qual pronunciou trinta e tantas prelecções, em pequena parte reproduzidas nos artigos sob o mesmo titulo publicados no *Jornal do Recife* [1]).

Em 1888, já presa da molestia, que o tinha de victimar, travou com o Dr. José Hygino a prolongada discussão, em que, sob o pseudonymo de *Beslier*, interveiu furiosamente o já citado Dr. Antonio Carneiro da Cunha. Este conceituado medico deliciava-se, entre os maiores insultos e improperios, em pintar o estado morbido do polemista adverso, no claro intuito de o atemorisar, sabendo como os doentes graves são impressionaveis á notificação do pessimo estado de sua saúde e á lembrança da morte proximamente irremediavel.

Carneiro da Cunha publicava pela *Provincia*, jornal de seu irmão José Mariano, cousas como esta: «Se aos olhos de um leigo é de toda a evidencia o mal que o persegue e que lhe attenúa, senão faz desapparecer, a imputação, *com maior clareza se apresenta a mim que tenho acompanhado pari passu, de visu atque auditu, a decomposição de seu organismo.*»

E' incrivel, dito de sangue frio por um medico intelligente, que nada tinha a vêr com a questão da organisação do *Selfgovernment*, objecto da disputa entre o Dr. José Hygino e seu collega da Academica! E' incrivel; mas é a verdade e traz a data de 7 de dezembro de 1888.

A polemica do Dr. José Hygino e os improperios do Dr. Carneiro da Cunha apressaram no

---

[1]) Acham-se na edição dos *Estudos Allemães*, do Rio de Janeiro.

escriptor sergipano *a decomposição do organismo*... Os seis mezes que ainda viveu em 1889 não passaram de uma dolorosa agonia. Não sahia mais á rua, teve de recorrer a subscripções publicas para manter a grande e pesada familia.

Ainda assim seus desaffectos não o deixavam em descanso; divertiam-se em passar telegrammas, dando-o por morto. Li algumas dessas falsas noticias, e, ainda aos 19 de fevereiro, me avisava elle: «Devo prevenil-o de uma cousa; se lhe mandarem alguma noticia ou telegramma, *dando-me como morto*, não acceite logo Ha por aqui gente encarregada de espalhar falsas noticias neste sentido, afim, não só de incommodar me, *como de difficultar a arrecadação das subscripções*...» O alvo principal destas era tentar uma viagem em busca de melhoras! O mal progrediu, a viagem não se fez, o malogrado escriptor fallecia na noite de 26 de junho de 1889.

Seis dias antes tinha-me soluçado suas magoas nestas palavras pungentes como farpas: «*Estou reduzido ás proporções de pensionista da caridade publica*... Que exemplo a futuros escriptores nas regiões brasilicas!....

Rio — 1903.

Sylvio Roméro.

PARTE I.ª

GERAES E NATURALISTAS

I

Lenda Rustica

Como um perfume que embalsama os campos
E as abelhas attrahe á flôr que o exhala,
Vaga o renome da mulher mais linda
Que na selva se vio. Rivaes perdidos
Já no punho mediram-se por ella.
Por ella triste o sertanejo bravo,
Que amostra da corage' a côr e a seiba,
Sangue nos olhos e suor na fronte,
Deixou tombar aos sóes do meio dia
Pelo ermo a cabeça atormentada.

* * *

Lá se avista uma choça. Alli se esconde
No seu ninho de palha a ave esgarrada:
Cançada e louca e só, núa se atira
Nesse banho do céo, fervendo em sonhos,
Que é o seu dormir. Sobre ella arregalados
Da noite os astros, através das frestas,
No leito vêem-na estremecida, anciosa

Revelar ao seu anjo espavorido
Daquelle corpo os candidos mysterios.
Dívino sangue lhe realça as veias;
E, do somno emergindo á face nitida,
Nas alvas carnes docemente escorrem
Tenues fios azues de ondas celestes.

* * *

Abandonada assim, de riso em riso,
De sonho em sonho, dilatando as graças,
Não acorda, desbrocha, abre com as flôres,
E a estrella da manhã lhe accende os olhos
Inquietos, grandes, que borbulham d'alma...
A esmo lavram nos seus lombos rigidos
Louros cabellos, fluctuando esparsos,
Como uma irradiação do sol nos mares.
Basto, abundante, pesa-lhe nos hombros
O massiço das tranças, balançadas,
Como torrentes, que d'um monte cahem,
Em suas ondas rolando arêas de oiro.
E has de vêr: este archanjo é condemnado,
Esta pomba cahio em laço ignobil,
Esta mulher se mancha em lodo infame!
Prostituta, com seios de donzella,
Off'rece aos beijos vis aquella testa
Branca, pendida, como a lua baça,
Lá para o occaso, ao despontar do dia.
E nem sei como os sopros da lascivia
Não lhe murcharam inda os beiços rubidos,

Folhas de riso e mel, que abrem polposas,
Ao biquinho dos passaros implumes,
Que ella tira do ninho e traz no seio.
Por que muda de côr a cada instante?
Dir-se-ia fluctuarem-lhe no rosto
As sombras vagas de visões angelicas;
Que altamente se elevam e revoam
De su'alma na escura immensidade
Legiões que passam, candidas, purpureas,
E atraz... o anjo pallido da morte!
O bosque verde, a solidão florida,
As grutas cheias de mysterio e sombra,
Moitas folhudas, onde a rola geme,
E debaixo remoe a corça arisca,
Eis ahi, trescalando, as mil alcovas
Do prostibulo immenso dessa douda.

*
* *

De bem longe a pomba linda
Fugindo sentou-se aqui:
E pensas que o odio finda,
Que não se lembram de ti?

E' já muito e não se estanca
Dos teus o pranto infeliz;
Cresce, cresce a barba branca
Do velho que te maldiz...

Em braços d'homem repousas,
As tranças varrem-te o chão:

Por que ensinas essas cousas
A's flores da solidão? . . .

No vicio teu corpo illustre
Não murcha, sempre gentil!
E' como uma flôr palustre,
Que cheira no lôdo vil.

De beijos queimada, esqueces
Que a morte te vê . . . pois bem:
Tu peccas e adormeces! . . .
Espera, o raio ahi vem.

* * *

E' noite, bem noite. Na estrada arenosa,
Que em leguas de plaino se vê branquear,
Qual serpe disforme de prata lustrosa,
Que ahi se estirasse dormindo ao luar,

Vae um cavalleiro... Fluctuam nos ares
Ao sôpro do vento, que açoita cruel,
Os fios ligeiros de negros pensares
E as crinas brilhantes de negro corcel.

A senda achatada sumio-se na mata,
E o vulto nocturno com ella embocou.
Do ventre das brenhas, que têm a cascata,
Rugido medonho na mata estrondou.

E' d'onça terrivel, que vae diligente
Na secca folhagem pisando subtil.
Refuga o cavallo na mão do valente,
Como um pyrilampo clarêa o fuzil.

Sua arma querida, que não desfogona,
Diabo!... medrosa!... lhe mente esta vez;
Medroso o cavallo tambem no abandona,
Lançando-o por terra, n'um gyro que fez.

Mas elle, que a queda previne adestrado,
De um salto adiante se firma de pé!
Com as redeas seguras, cabello eriçado,
Lembranças perdidas, nem sabe o que é!...

Ninguem lhe apparece. Cavalga ligeiro;
Palavras soturnas murmura e sorri.
Caminha... e sahindo n'um largo terreiro,
Quem visse-lhe o gesto, diria: é aqui!...

*
*   *

De certo a aragem campestre
Levemente sussurrou
Na palha. Uma estatua equestre
Diante da choça brotou.

*
*   *

Mas eil-o já de pé. N'um braço d'arvore
Enfia as redeas, e o ginete espera.
Avança e pára... O coração se encolhe.
Com o ferro em punho, de bainha argentea,

Faz um aceno rapido de sombra,
Como impondo silencio á natureza,
E ao monstro horrivel, que lhe morde n'alma.
Avança e chega. Cede a porta fragil,
E entra lugubre o espectro da vingança.
Na lareira incinzada um lenho ardendo
Brota de um sopro a tocha, que allumia
O miserrimo alvergue. Olhou em roda,
E nos labios correu-lhe um riso tremulo,
Porque ella apparece emfim! Coitada!...

*
* *

Resona a pobre, despida,
Com o corpo todo risonho,
Suada, lidando em sonho
De amor e beijos talvez...
Como que um tepido orvalho
Sobre ella a noite derrama,
E lingua de etherea flamma
Lambe-lhe a florea nudez.

*
* *

Elle a vê... sua irmã!... Retira os olhos,
Lança-lhe em cima um véo, que acaso encontra,
Chega-se a ella, trava-lhe do braço,
Sacode-a e diz: acorda, eu vim matar-te!
Mal estremunha, a victima conhece
O seu algoz, que descarrega o golpe,
Rugindo: a um velho pai este offereço,

E mais este, que é meu, e, agora morta,
A punhalada ultima, profunda,
Seja este beijo que saudosa envia,
Por despedida, minha mãi ... Calou-se.
E o toque desses labios enraivados,
Que poisaram na fronte de um cadaver,
Queimando-o, lhe deixou medonho estigma.

*
* *

Já começava a desbrochar, corando,
A papoula dos céos, a aurora. Os passaros
E as flôres confundiam suas preces.
No momento em que as choças humilhadas
Aos pés da Virgem Santa um hymno erguendo,
No levante a sorrir, a alva tremia,
Como cruz de diamante em seio pallido,
E suavissimas vozes de donzellas
Cantavam — *Salve, stella matutina!*
Passava um cavalleiro a trote surdo
De agitado corcel. Com as mãos crispadas,
Olhos torvos, cabeça descoberta,
Que os bafos matinaes não refrescavam,
Era horrivel!... O ancião rustico e forte,
Que madruga, aspirando o aroma puro
Da guabiraba, a se benzer dizia:
«Nunca vi de manhã cara tão feia!...»
(1866)

II

O Genio da Humanidade

Sou eu quem assiste ás luctas,
Que dentro d'alma se dão,
Quem sonda todas as grutas
Profundas do coração:
Quiz vêr dos céos o segredo;
Rebelde, sobre um rochedo
Cravado, fui Prometheu;
Tive sêde do infinito,
Genio, feliz ou maldito,
A Humanidade sou eu.

Ergo o braço, aceno aos ares,
E o céo se azulando vai;
Estendo a mão sobre os mares,
E os mares dizem: passai! . . .
Satisfazendo ao anhelo
Do bom, do grande e do bello,
Todas as fórmas tomei:
Com Homero fui poeta,
Com Izaias propheta,
Com Alexandre fui rei.

Ouvi-me: venho de longe,
Sou guerreiro e sou pastor;
As minhas barbas de monge
Têm seis mil annos de dôr:
Entrei por todas as portas
Das grandes cidades mortas,
Aos bafos do meu corsel,
E ainda sinto os resabios
Dos beijos que dei nos labios
Da prostituta Babel.

E vi Pentapolis núa,
Que não corava de mim,
Dizendo ao sol: eu sou tua,
Beija-me . . . queima-me assim!
E dentro havia risadas
De cinco irmãs abraçadas
Em voluptuoso furor . . .
Ancias de febre e loucura,
Chiando em polpas de alvura,
Labios em brazas de amor! . . .

Travei-me em luctas immensas,
Por vezes, cançado e nú,
Gritei ao céo: em que pensas?
Ao mar: de que choras tu?
Caminho . . . e tudo o que faço
Derramo sobre o regaço
Da historia, que é minha irmã:
Chamem-me Byron ou Gœthe,
Na fronte do meu ginete
Brilha a estrella da manhã.

E no meu canto solemne
Vibra a ira do Senhor:
Na vida, nesse perenne
Crepusculo interior,
O impio diz: anoitece!
O justo diz: amanhece!
Vão ambos na sua fé . . .
E ás tempestades que abalam
As crenças d'alma, que estalam,
Só eu resisto de pé! . . .

De Deus ao immenso ouvido
A Humanidade é um tropel,
E a natureza um ruido
Das abelhas com seu mel,
Das flôres com seu orvalho,
Dos moços com seu trabalho
De santa e nobre ambição,
De pensamentos que voam,
De gritos d'alma, que echoam
No fundo do coração! . . .

(1866)

III

Aspiração

No drama universal, cujo desfecho
Do mundo e d'alma o hymenêo encerra,
Tudo é scena de amor, sim, tudo falla,
Tudo tem seu dialogo na terra.

Conversa o mar com o céo; a flôr e a estrella,
Como duas irmãs que dormem juntas,
Beijam-se, abraçam-se, estremecem languidas,
Fazendo mutuas infantis perguntas . . .

Sómente o coração geme isolado
Neste deserto de perpetua lida;
Por isso folga d'encontrar um verbo,
Uma voz que lhe falle d'outra vida . . .

D'outra luz, d'outro ar, que se respira,
D'outro mundo vestido de alvorada:
Ou sejam québros de um olhar de virgem,
Ou sons d'uma harpa d'anjo além vibrada . . .
(1864)

IV

Vôos e Quedas

QUEBREI a cr'ôa de espinho
Que a minha fronte sangrou:
Como a serpe occupa o ninho
Que o passaro abandonou,
Jaz em meu peito o desgosto . . .
Do abysmo lava-me o rosto
A onda crepuscular;
De minh'alma a fibra extrema
Sai nas unhas do problema,
Que não se deixa pegar . . .

Vêr o mysterio eriçado
Rodeando os mausoléos,
Morrer . . . subindo agarrado
No escarpamento dos céos,
E' triste! Mas é a vida . . .
O homem, de tanta lida
Cançado, indagando vai;
Chora embalde, grita, escuta,
E a terra, mãi prostituta,
Não lhe diz quem é seu pai! . . .

E a Humanidade rolando
De queda em queda a gemer,
E o pensamento voando,
E o coração a bater;
Do genio augusto aos ouvidos
Mal chegam vagos ruidos,
Que sôam: Deus ahi vem . . .
Eu digo a Virgilio terno:
Foste com Dante ao inferno,
Leva-me a elle tambem.

Do prazer tenue resabio
Fica n'alma que o sentio;
Subito cerra-se o labio,
Ninguem diz que elle sorrio:
Mas dos olhos, que choraram,
Como ainda se deparam
Indicios na rubidez,
Na tristeza, no quebranto,
Naquelle trilho do pranto,
Que mancha a mais linda tez!...

Na cabeça, que arde e pensa,
Lança em balde os opios seus
A noite, esta gruta immensa,
Cheia da sombra de Deus.
Para a alma entenebrecida,
Pelos mysterios perdida,
Sem fé que vale a razão?
E' como a tocha tremente
Que a *Somnambula* innocente
Leva na pallida mão.

Abalo as ramas celestes,
E um fructo só me não cai;
Seguro d'um anjo as vestes,
E o anjo em fumo se esvai!
Quando cuido, em ledo sonho,
Beijar um vulto risonho,
A aurora grita: sou eu!
E a natureza, acordada,
E' toda uma gargalhada,
Que zomba do engano meu . . .

De tudo a ira reçuma:
O pégo profere além
Sua palavra de escuma,
De sal e raiva e desdem.
Na mata o cedro detento,
Despeitado pelo vento,
Que a coma lhe esfrangalhou,
Range os dentes agastado . . .
Será, meu Deus, irritado
Contra a mão que o enraizou?

Mas o homem . . . que emudeça,
Que se contente em chorar,
Joelhe, curve a cabeça,
E deixe-se coroar . . .
Coroar de espinhos duros,
Cercar de dias escuros,
Por isso o que se lhe dá?
Ah! como é tremula a crença
Firmada na recompensa
Differida para lá! . . .

Lá mesmo, onde não se chora,
Onde se vive feliz,
Falla Tasso a Eleonora,
E Dante abraça Beatriz? . . .
Sinto já monotonia
Neste sol de todo o dia,
No riso destas manhãs;
Contemplo, triste, pasmado,
O gyro desorientado
De tantas idéas vãs.

Apraz-me a tarde saudosa,
Como o olhar de quem chorou,
E a descôr daquella rosa,
Que aberta n'haste ficou.
Luz mais viva me illumina
De vêr o sol, que se inclina,
Como quem diz: terminei! . . .
De vêr, sangrento o horizonte,
Rolar do topo do monte
Essa cabeça de rei! . . .

Doem-me as auras na face . . .
Amor e gozo . . . nenhum!
Ruge o coração vorace,
Ancioso, féro, em jejum.
Como um grito soterrado,
Geme o espirito abafado,
No antro escuro da dôr;
Se então blasphema impiedoso? . . .
Ah! meu Deus, o cão raivoso
Não conhece o seu senhor!

Sobre a dôr, que me consome,
Mão virginea inda não puz:
Tenho sêde, tenho fome
De beijos, de vida e luz . . .
Nas fauces quentes, sequiosas
Não me entornam estas rosas
Tanto orvalho, que ellas têm!
Vejo: só se me revela
Desdem no rir da donzella,
Na bocca da flôr desdem.

Mal a folhada dos dias
Cobre-me a debil raiz . . .
Ao sopro das agonias,
Vacillo, nuto, infeliz . . .
Tão puro em minha nascença! . . .
Arrasta-me força immensa,
E eu chego turbido ao mar:
Na lucta descai-me o braço,
Minha fé, meu peito d'aço,
Que mal te poude varar?

Lembra-me: a garça serena
Voava lá dos paúes;
Morria a tarde morena
Com as suas veias azues;
Fitando o céo do sol posto,
Pallido, como um desgosto,
Limpo, como um seio nú,
Não sei que dôr me doia . . .
E minha mãi me dizia:
Filho, de que choras tu?

Meiga, enxugando-me a face,
Mandando uma prece além,
Pedia que eu não chorasse . . .
Ella . . . chorando tambem! . . .
Brandas auras vespertinas,
Como roupas femininas,
Faziam-me estremecer:
Na fronte — maternos beijos,
No peito — vagos desejos
De meditar e morrer . . .

Meu pai, se não tinhas ouro,
Por que confiaste assim?
Minha mãi, que é do teu chôro,
Que é dos teus votos por mim?
E essas lagrimas, que banham
Faces de mãi, não se apanham,
Deixam-se a tôa . . . cahir?
Os anjos encarregados
Andam ahi occupados
Na graça de algum sorrir . . .

E o meu destino adversario
Ella o não poude escoar
Nas contas do seu rosario,
Nas gottas do seu chorar!
Minha alma vasculejada
Borbulha a palavra irada,
Escuma de essencia ruim . . .
Qual fôra disso o effeito,
Se uma lagrima do peito
Não rebentasse? . . . Ai de mim!

Como um hymno mudo, santo,
Como a prece que mais sei.
Em terminando o meu pranto,
Posso dizer: já resei:
Por mim, por tudo, em abono
Dos mortos, cujo abandono
Não fica bem ao Senhor;
E a elles, doces e gratas,
As preces são serenatas
Da sua noite de horror.

D'arvore o espectro soturno,
O tronco velho de pé
Espanta o viajor nocturno,
Que lhe pergunta: quem é?
Tal o phantasma terrivel,
A negra fórma impossivel
Que se representa além;
Mas que cede á confiança
Do caminheiro, que avança,
E lá murmura: ninguem!

Luctar com o anjo da sorte
Para dizer-lhe: venci! . . .
Tremenda lucta, que a morte
Contempla ao lado, e sorri;
Noites sorver, que consomem,
E não ser mais do que um homem
Pequeno, tosco, vulgar,
Ao muito libando amores
Nos degráos inferiores . . .
Assim . . . não quero luctar! . . .

Pois que não sou um eleito
Para as conquistas da luz,
Eis a vida, eu a engeito,
Amarro-a nos pés da cruz;
E vou-me, espirito audace,
Mais livre no desenlace
Que a hora extrema produz,
A' claridade, em que ondeiam,
Deslumbram, cantam, vagueiam
Verdades, mysterios nus.

Dá em terra o desgraçado
Que a mão sicaria abateu,
A féra ruge — coitado!
E a serpe diz — não fui eu!
Quem sabe se a alma sedenta,
Tomando a porta sangrenta
Que lhe abre o ferro lethal,
Voando por sobre a vida,
Não repete enternecida:
Eu te agradeço, punhal!

Bem sei! . . . a campa desperta
Deitada aos pés do Senhor,
Anceia com a bocca aberta,
Como cão de caçador,
Pois a vida é sua presa . . .
Talvez que d'alma a belleza
Se estrague na escuridão,
Se o Senhor não na reserva,
Tirando a pelle da cerva,
E a carne dando ao seu cão.

Da vida escura, mesquinha,
Quando a alma solta o seus ais,
Como os pios da avezinha
No enleio dos espinhaes,
Vôa talvez de repente . . .
Oh! sim . . . que eu morra contente,
Nem ouça o pranto dos meus:
Sob a campa, em abandono,
Não me acordeis do meu somno,
Deixai-me sonhar com Deus! . . .

(1865)

V

Lenda Civil

A lua é meio loura, o céo sereno.
Desperta, alegre, estremecida, languida,
A noite é uma viuva de quinze annos.
Prostituida envolta em trajos negros . . .
E' a hora em que, ao ouvido attento, sôa,
No relogio e no peito palpitantes,
O tropél dos momentos que galopam
Fugitivos após do immenso nada.
Branca cidade avulta ao pé dos mares;
E os seus templos, em extasis tranquillos,
Erguem as torres, como orelhas fitas
Escutando o silencio das alturas . . .
Porém lá, d'onde vêm uns sons d'orgia,
Palacio ingente, resfolgando estupido,
Com os seus petreos pulmões, atira aos ares,
Baforadas de musica e prazeres
Salão de baile festival, ruidoso,
Tonto de aromas, um paúl de luzes,
Onde batem rasgados, descobertos,
Corações femininos, impalpaveis,
Que escorregam das mãos cheios de lodo . . .
E' alli que uma deusa attrae e prende,
Em longos fios de cabellos negros,
Almas sêccas, nutridas nos seus labios:

Luminosa metade de uma sombra,
Isto é, de um marido que a acompanha
Idiota como um cão . . . N'um angulo escuro,
Como sua alma, habita o desgraçado.
Dorme, ronca, desperta, horrivel, sujo,
Massa rude, animal, esboço d'homem!
Geme ás vezes tambem; seus ais são uivos . . .
E ella em baile a sorrir! . .

Gracil, mimosa,
Ao aperto do cinto, que a adereça,
Aos abraços do amante, expande brilhos,
Como flôr que rescende machucada,
Inflammavel morena, que esperdiça
De seu rosto suado as bagas de oiro,
E, arfando em ondas de vaidade e seda,
Nos frescores do linho a tez banhando,
Falla, e seu bafo matutino, ethereo,
Embebe as almas, embriaga as flôres.
Collo nú, seios tumidos, que lembram
Rigidos papos de selvagens pombas,
Bocca cheia de perola e doçura,
Tingindo de emoções as faces . . . ella,
No senho grave, nos olhares fervidos,
No voluptuoso sacudir das tranças,
Dizer parece ao homem que a contempla:
«Eu sou rica, eu sou bella, eu sou . . . infame.»
Pouco a pouco escoava-se a corrente;
Cessara o riso, o crepitar do espirito;
Morrera a lua; a noite penetrava
Na flôr que abria; o mar, sultão lascivo,
Babava as plantas da cidade núa;

Cahia o orvalho; a terra-mãi chorava
No noivado da sombra e do silencio.
Na sala exhausta as luzes somnolentas
De suave clarão banham as faces
Da senhora, que fulge reclinada
Em colchins de molleza, desleixosa.
Pesa-lhe o somno na cabeça languida,
Como gotta de chuva em floreo calice;
Fogem-lhe os olhos tremulos, cadentes,
Que vão lá s'immergir adormecidos
No oceano interior d'alma enfadada . . .
Está só. De repente se escancára
Porta occulta, que atira um vulto horrivel,
N'uma golphada lugubre de sombra,
Que vem manchar aquella claridade.
E' elle, o triste, o misero que soffre . . .
Vendo-o, a deidade nem se quer se move;
O espectro vivo se approxima della,
E com as mãos afagando-a por cima,
Como rasgando a nuvem que a circunda
De luz, de sonho e de deslumbramento,
Ajoelha-se, pega-lhe na dextra,
Querendo-a só beijar . . . Ella o repelle,
E, dando-lhe com o pé, toda agastada,
Diz-lhe: «Sae-te d'aqui: porque não morres?»
Ai! que esta acção bateu-lhe como um raio,
Como um raio aclarando as trevas intimas;
E o calado, miserrimo indolente,
De um salto poz-se em pé, grande, sublime,
Da estatura de um tronco solitario,
Que range, como dentes de gigante,
Pelos rabidos ventos açoitado . . .

Com os dedos descarnados, penteando
As crinas do leão, que surge nelle,
Abre a custo um sorriso tenebroso
De sarcasmo, de insania e de amargura.
Fica assim a pensar, como escutando
O ruido que faz sua cabeça,
Que lhe parece decepada, enorme,
De degráo em degráo relando tonta
Na escadaria lobrega do inferno.
Treme; e, com um punhal na mão cerrada,
Aperta a raiva, a sede de vingança;
Dá um passo, inteiriça-se, e murmura:
«Como os outros vão rir deste homem mocho! ...
Na verdade, que o facto é bem notavel:
Soffrer, soffrer, soffrer, e n'um instante
Dizer: não soffro mais! Porque não morro? ...
Perguntaste; pois bem, acceito a morte.
Anda, brinca, sorri, deusa, morena,
Linda, moça, feliz, lasciva ... diabo!
Eu sacudo dos hombros esta vida
Salpicada de infamias e miserias;
Não na quero viver. Minha deshonra
Fica só de uma côr, a côr do sangue ...
Uma nodoa sómente, a de assassino!
Ah! mulheres crueis, falsas ... bonitas.
Corrompem-se, e depois que venha um anjo
Amarral-as á cruz pelos cabellos:
Magdalenas, chorosas, penitentes,
De joelhos cahidas, desgrenhadas,
Mendigando perdão ... Será verdade
Que Deus crê nestas cousas? Não te toco;
Vai lavar-te, criança enlameada;

Vai lavar-te, e depois... mas em que fonte?
Inda mesmo que Deus te mergulhasse
Na luz do abysmo, d'onde os sóes borbulham,
E a meus olhos sequiosos, que não choram,
Te mostrasse lavada, branca, núa,
Eu diria ao meu Deus: tem lama ainda!
Como surgindo vão do peito agora
Brios que herdei de minha raça de onças!
Lembra-me que a meu pai contei um dia
Ter visto minha irmã com os pés descalços,
Desvairada, ella só, fallando a um homem,
E elle me perguntou: onde a enterraste?!
Vê meus dedos, repara... elles têm garras,
E eu deixei-as crescer para matar-te!»
Suffocada de fogo a voz lhe falta,
O infelice recúa. A bella immovel
Tem os olhos cravados no phantasma;
Arrebenta-lhe estupida risada,
Cheira uma rosa e diz: «Sempre és um bruto!...
Admiro a transição, pasmo de ver-te
Impetuoso e feroz; mas não me assusto!
Vamos!... grita ao punhal, açula os raios;
Os despresos, os odios fulminantes,
Que venham sobre mim. Ah! que me importa?!...
Tenho sêde de chamma. Anjo ou demonio,
Sob as azas do sol me aqueço e durmo...
Vaidosa! e porque não, se é que sou bella?
Sonhos de amores perfumosos, tepidos,
São effluvios de mim, que exhalo n'alma
De quantos honro com a deshonra minha...
Bella infame!... Olha, tu, que te parece?
Deste seio é que sahe a estrella d'alva!...»

Oh! dir-se-hia que tinha enlouquecido
A pobre da mulher que assim fallava;
Céga, raivosa, pallida, risonha,
Toda agitada de um tremor esplendido.
Volvendo as roupas, que o seu corpo engolpham,
Ao refluxo da sêda um pé mostrando,
Deixa ver arrendados deslumbrantes,
Como de um oceano a escuma alvissima;
E, da vaga ao abrir, pula nos olhos
O fulgor de um diamante em charpa de ouro,
Que é da cintura, e serve-lhe na perna...
. . . .
O raio doudo, que a mulher vibrára,
Varou chiando o coração do espectro.
«Porque não posso, brada o homem féro,
Metter a mão no fundo de minha alma,
E atirar-te na cara as cinzas della?...»

O negocio vai mal, não continúo;
Que a cousa se complica; lá se avenham...
(Fevereiro de 1865)

VI

Os Tabaréos

A noite bole-me n'alma,
E eu sinto não sei que pena...
Amor de minha morena?
Quebrantos de seu olhar?
Grossas auras repassadas
De perfumes e lembranças,
Carregam-me as esperanças,
E eu só me vingo em chorar...,

— Chorar? que bem fazem lagrimas?
A' folha sêcca abrazada
Não vale a fresca orvalhada...
Chorar!... eu nunca chorei:
Ergo a fronte, aparo o raio,
Desgraçado e sempre altivo,
Não morro, porque não vivo;
Não choro, porque não sei.

— Não sei! quem é que não sabe
N'uma lagrima sentida
Alliviar-se da vida,
Que pesa no coração?

Não sabes como são tristes
Os olhos de quem não chora,
Como o teu rosto descora
Ao calor deste sertão?

— Deste sertão! é bem duro
Soltar inutil queixume,
Amar, sentir um perfume
De que não se sabe a flôr...
Não me recordes, não falles
No meu rosto descorado,
No meu olhar desvairado:
Não bulas com a minha dôr.

*
* *

Interrompendo os lamentos,
Calaram-se. Ambos attentos
Ouvem como que um tropel,
Que se augmenta, que se engrossa...
A poucos passos da choça
Nitriu fogoso corcél.

E a todos, que alli se achavam,
«Guarde-os Deus! não me esperavam!...»
Disse um moço que esbarrou.
«De casa aqui n'uma hora!
São rasgos de quem namora...
Palavra dada, aqui estou!»

«Consta-me que ha muito arrojo
Nos festejos de São João,
Vim hoje vêr a novena
E conversar com a morena
Que trago no coração.

Conversar?! e vim disposto
A carregal-a tambem
Nas ancas do meu murzéllo,
Demonio que só eu séllo,
Só eu monto e mais ninguem...»

*
* *

Olharam-se todos. «Tu és um damnado!»
Disseram. E o moço já estava de pé:
N'um cêpo de angico, depois assentado,
Contava proezas, mostrando quem é.

Conversa o terrivel, que sabe de tudo,
De espectro e phantasma que á noite se vê:
Um diz: «é mentira!» O camponio pelludo
De um pulo s'erguendo, responde-lhe: «o que?!»

«A noite formosa do Santo Baptista
Tem muitas virtudes, sustenta o rapaz.
Eu conto uma historia da bella entrevista
Que têm os valentes com o diabo sagaz.

Peguei, como ensinam, de um galho de arruda,
Depuz no caminho que se cruza alli:
Gritei pelo nome da fera sanhuda,
E ao cheiro da herva com poucas eu vi...

Em negro cavallo de arreios de fogo
Figura medonha me diz: aqui estou!
Senti-me medroso de entrar neste jogo;
Não sei... de repente meu sangue esquentou.

Nos olhos, no punho correu-me a coragem;
Que estava montado no meu alazão;
Cravei-lhe as esporas, cheguei-me á visagem,
Tomei-lhe a distancia, metti-lhe o facão.

E o ferro tinia no corpo de pedra,
Faiscas enormes cahiam no chão;
Eu cego bradava: commigo não medra!
Virou-se n'um porco, metti-lhe o facão.

Virou-se... virou-se... piquei o cavallo,
Bem alto dizendo-lhe: é como quizer!...
Lancei-me por cima, queria pegal-o...
E esta?!... O diabo virado em mulher!...

*
* *

Metto o facão na bainha;
Pergunto-lhe: e quem és tu?
D'alto a baixo era Joanninha,
Por alcunha — *Pucassú.*

Mas aqui havia engano:
Como é qu'esta meretriz,
Que morreu, ha mais de um anno,
De cousa que não se diz,

Vinha encontrar-se commigo?
Não acho a causa. Só sei
Que ante a cara do inimigo
Fui firme, não recuei.

Não fugi, não tive medo
Das astucias infernaes.
Ella pedio-me segredo,
Por isto não digo o mais.»

(1866)

VII

Os Trovadores das selvas

Na porta da choça, que aspira a baunilha
Mistura-se a lua com varias feições
De moças que escutam rapaz que dedilha,
Rapaz que dedilha silvestres canções.

Da *prima* aos tinidos, ao som da cantiga,
Dançando a mais bella se alquebra e sorri,
E o canto repete-lhe: assim, rapariga,
Assim, rapariga, desfolha-te aqui!

Quem disse, meninas, que lá nas cidades
Tudo era belleza? prorompe o cantor:
Mentira... não passam de fôfas vaidades,
De fôfas vaidades, de espinhos em flor.

Ao bafo sonoro da musica em ancias,
Que embaça dos rostos a tez de crystal,
Lá vai fluctuando, perdendo as fragrancias,
Perdendo as fragrancias, a flor virginal!

E os seios que pulam em surdas arfadas,
Das harpas serenas ao doce arquejar,
De sons e suspiros as roupas tufadas,
As roupas tufadas, querendo voar?...

São ellas que estreitam-se em braços delgados,
As moças, as bellas, as virgens de lá...
Corpinhos ligeiros, cochichos trocados,
Cochichos trocados... que não se fará?

São estas as graças, que lá se desfrutam?
De pé, raparigas, aqui junto a mim!
Cantemos um hymno; pois não nos escutam,
Pois não nos escutam, digamos assim:

*
* *

Paixão da belleza,
Nos bailes accesa,
Da selva a simpleza
Mais bella não é?
Que importa esse encanto
D'um collo sem manto,
D'um rosto sem pranto,
D'uma alma sem fé?

Que são vossas bellas?
Nós temos donzellas
Mais lindas do que ellas
Mais virgens emfim:
Meninas caladas,
Bebendo as toadas,
Do peito choradas
Do meu bandolim...

E aqui no terrado,
Por ellas pisado,
De lua forrado,
Dançamos tambem;
Mas tudo é candura,
Que aqui mão impura
Não pega em cintura,
Nem dá-se a ninguem.

Nem crescem desejos,
Que em surdos adejos
Em busca de beijos,
Produzem só fel;
Aqui na colmeia
Do peito mais cheia,
Que o céo só tenteia...
Quem sabe-lhe o mel?

E' nossa a victoria:
Gravai na memoria
Que um raio de gloria
Nos doira o suor.
Com Deus trabalhamos,
Colhemos, cantamos,
E assim nos amamos,
Quem vive melhor?

(1864)

VIII

Anno Bom

Era um claro salão. Moças brincavam,
Pela entrada feliz do novo anno,
Mãozinhas d'anjo saltitavam candidas
Sobre o teclado d'optimo piano.

Um sertanejo, que presente estava,
De rude trajo e sapatões de sóla,
Diz ao dono da casa em tão agreste:
«Capitão, mande vir uma viola...»

Hilaridade! O bruto continúa:
«Não sei que graça tem o tal piano...
E, volvendo-se ás moças que o encaram:
«Vossas mercês, não gostam do *bahiano*?...»

Gargalhada geral. «Como? Isto é serio?»
Replica o monstro, que se erguendo avança
Para as meninas, e lhes diz convicto:
«Não duvidem; eu tóco e tudo dança.»

Chega a viola, o unico peculio
De um dos muitos escravos da fazenda:
Mas falta o arame; manda-se um moleque
Buscar depressa um carretel na venda.

Volta o emissario; a cousa está completa;
E o sertanejo afina o instrumento;
Começa o toque, um septimo batido,
No estylo barbaro em que sopra o vento.

Ninguem resiste!... Ao som, que sae do peito
Da viola franzina e amarella,
Os homens formam roda, e as proprias moças
Não têm reservas e se mettem nella...

Chovem as palmas, o *bahiano* impéra:
Em circulo tão nobre um facto raro!...
Movimentos, requebros e tregeitos,
De que vergonha é natural reparo.

Mas nem todas, que dançam, mostram quéda
Para o mistér. Aquella é desasada,
Move o corpo sem graça, e... coitadinha!...
Nem se quer sabe dar uma embigada!...

Porém a bella do piano... espanta!
Pisada e porte de pessoa déstra;
Abre os braços, que mimo! o diabrete
Saracoteia, como velha mestra.

A loura coma esparsa!... Onde esta moça
Já viu dançar-se ao toque da viola?
Pondo a lingua entre os dentes, dá sorrindo
Um estálo, que finge castanhóla!...

E o *bahiano* prosegue, o fogo augmenta,
Tudo alli se transforma em harmonia;
Mas, por engano, topam no matuto,
Que termina e repete: «eu não dizia?!...»

(1.º de Janeiro de 1882)

IX

Scena Sergipana

Vede a bella miseravel
Da minha patria... Eil-a aqui.
Fallai-lhe... Como é affavel!...
Como vos chama!... Seguí;
Qu'ella inda tem seus verdores,
Seus rebanhos e pastores,
Desgarrados pelo val...
Tem alli macia alfombra,
N'aquelle roupão de sombra,
Que desveste o quixabal...

E nas almas das donzellas
Toda a graça se contem;
Quando eu brincava com ellas,
Eu era virgem tambem...
Por tardes de bello estio
Via-as despirem-se ao rio,
Não tinham pejo de mim...
Meus olhos se deslumbravam
De fórmas que se arqueavam
Como lyras de marfim.

Quando a dona do vestido,
Que eu me apressava em levar,

Dizia: «como é sabido!
Vem trazer para me olhar...»
Vendo-me então pequenino:
«Quem faz conta de um menino...
Criança, de que te influes?!»
Gritavam corpinhos humidos;
Esta aqui — de seios tumidos,
Aquella — de olhos azues.

Nem já me lembra qual era,
Que, em mim se arrimando então,
«Meu noivo, dizia: espera!»
Outras vezes: «meu irmão!...»
Como acabava depressa
Tanto amor, tanta promessa
De coração virginal!...
Ah bellos tempos ditosos
Em que os enganos são gozos
E os beijos não fazem mal!

Um beijo é todo o segredo
Deposto na linda mão;
Milagre!... pomba sem mêdo,
Brincando com o gavião...
Meio vergada em desleixo,
Com a innocencia em que a deixo,
Na arêa imprimindo o pé,
Com certa graça fraterna,
Sufralda, descobre a perna,
E me olha e diz: o que é?...

Fica-lhe a bocca entre-aberta,
Dizendo sorrindo assim,
Meu olhar se desconcerta . . .
Porque não foge de mim?
Tomo-lhe as mãos pequeninas,
Esguias, brancas, divinas,
E, n'um ligeiro abraçar,
Volvendo o corpo em contrario,
Rebenta-se-lhe o rosario,
E ella se põe a chorar . . .

Chega-se á margem sombria,
As auras partem de lá;
Rolam na relva macia,
Trepam nas ramas da ingá . . .
E, humidas como o focinho
De mimoso cachorrinho,
Farejam-lhe a nivea mão,
E vêm ganir-me no ouvido,
Como um quebrado tinido
Das cordas da solidão . . .

(1857)

X

Amalia

(N'UM ALBUM)

Que vem fazer em pagina tão alva
Uma idéa mortal, humana, impropria,
Como em fronte infantil ruga sombria?
Ah! se ao appello de teus olhos serios
Responde tudo, que palpita e brilha;
A flôr, a estrella, o coração respondem
N'um canto vago, immaculado, ethereo;
Possa, minh'alma ennevoada, agreste,
De um nome angelico atirar as syllabas
Ao mar, ao céo, á luz, ao vento, ás aguias,
Capazes de apanhar a poeira fulgida
Do chão que pisas, e, n'um vôo celeste,
Ir, por brinquedo, sacudír as azas
No seio branco da mais linda nuvem...

*
* *

Feito de riso e doçura,
Aura do céo respiravel,
Teu nome santo, ineffavel,
Tão puro que os labios meus

Têm susto de proferil-o,
Desperdiçar-lhe os odores,
Amalia!... é o abrir das flôres
Pronunciado por Deus!

Bem como do sol reflectem
Os longos raios na lua,
Dardeja na face tua
Paterno olhar do Senhor;
Nem sei o que é mais visivel,
Se do teu rosto a lindeza,
Do teu corpo a subtileza,
Ou da tua alma o candor!...

Mas é verdade que soffres?...
Tão moça, soffres tão cêdo!
Dize: que angelico dedo
Te bolio no coração?
Ou foi a aragem da tarde,
Que o teu bordado de sonhos,
Esperançosos, risonhos,
Arrebatou-te da mão?

Dize: no céo, nas espheras
Fitaste um olhar mais triste?...
Tão terna ás flores sorriste,
Que a alma te puderam vêr?
Pois as flores todas, todas,
Já sabem do teu segredo,
E se ellas sabem... tem medo
Que as aves queiram saber.

Os ninhos não são capazes
D'esconder este mysterio;
Nem mesmo o tumulo é sério,
Para guardar esta dor . . .
As rosas não são amigas,
A quem abras o teu peito,
Crueis que dizem: bem feito,
Quem te mandou ter amor?

*
* *

De um peito debil, nos sonóros rythmos,
Como que se ouve o tropear de instantes
Que vão correndo fugitivos, trepidos . . .
Não ouças: canta. Que disse eu? não cantes!
Não; não recebas do piano os bafos,
Que são veneno para a tua dôr:
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Dizem que as serpes habitar costumam
Ninhos sem aves, por ahi desertos;
E a morte gosta de beijar os seios,
Que as magoas deixam para os céos abertos.
Não penses nisso; em tua fronte limpida
Corre da vida o matinal frescor:
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Como se calam da esperança os hymnos,
Ruido d'azas, que ao teu lado ouviste!...
Ao céo perguntas: por que morre a virgem?
E o céo te escuta n'um silencio triste...
E' que tens medo de fechar os olhos,
Cerrar os labios, e perder a côr...
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Tudo faz mal ao coração: a folha
Que cahe, o ramo que estremece, a vaga
Que geme á tarde, uma lembrança ao longe,
Um raio tremulo, um olhar que afaga,
Tudo faz mal ao coração: a aurora,
O riso, o pranto, o desfolhar da flôr...
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

(1864)

XI

O Beija-Flor

Era uma moça franzina,
Bella visão matutina
Daquellas que é raro ver,
Corpo esbelto, collo erguido,
Molhando o branco vestido
No orvalho do amanhecer.

Vêde-a lá: tímida, esquiva...
Que bocca!... é a flôr mais viva,
Que agora está no jardim;
Mordendo a polpa do labio,
Como quem suga o resabio
Dos beijos de um cherubim!...

Nem vio que as auras gemeram,
E os ramos estremeceram
Quando um pouco alli se ergueu...
Nos alvos dentes, viçosa,
Parte o talo de uma rosa,
Que docemente colheu.

E a fresca rosa orvalhada,
Que contrasta descorada
De seu rosto a nivea tez,
Beijando as mãozinhas suas,
Parece que diz: nós duas!...
E a brisa emenda: nós tres!...

Vai nesse andar descuidoso,
Quando um beija-flor teimoso
Brincar entre os galhos vem,
Sente o aroma da donzella,
Peneira na face della,
E quer-lhe os labios tambem.

Treme a virgem de sorpresa,
Leva do braço em defesa,
Vai com o braço a flôr da mão;
Nas azas d'ave mimosa
Quebra-se a flor melindrosa,
Que rola esparsa no chão.

Não sei o que a virgem falla,
Que abre o peito e mais trescala,
Do trescalar de uma flor:
Voa em cima o passarinho...
Vai já tocando o biquinho
Nos beiços de rubra côr.

A moça, que se envergonha
De correr, meio risonha

Procura se desviar;
Neste empenho os seios ambos
Deixa ver; inconhos jambos
De algum celeste pomar!...

Forte luta, luta incrivel
Por um beijo! E' impossivel
Dizer tudo o que se deu.
Tanta cousa, que se esquece
Na vida! Mas me parece
Que o passarinho venceu!...

Conheço a moça franzina
Que a fronte candida inclina
Ao sopro de casto amor:
Seu rosto fica mais lindo,
Quando ella conta sorrindo
A historia do beija-flor.

(1860)

XII

Presentimento

Meu Deus!... não mais este laurel de espinho,
Não mais a dor, que o coração devasta;
Minha alma é farta de martyrios... basta!
Deixai esta ave procurar seu ninho.
No meu sepulchro não terei as rosas,
As doces preces que os felizes têm;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará tambem.

Tudo conspira para o meu tormento;
Soffrendo, aos poucos minha fé se apaga:
Morte!... é a phrase que soluça a vaga,
Triste noticia que me traz o vento...
Nem sobre a campa colherei saudosas
Gottas de pranto que derrame alguem;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará tambem.

Estranha nuvem denigriu-me a sorte,
Do mar da vida revoltou-me as aguas;
As ondas batem sobre as minhas magoas,
E as brisas fallam sobre a minha morte.

No chão dos tumulos expressões penosas
Por mim dizel-as não virá ninguem;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará tambem.

Meu Deus!... não posso caminhar sosinho
Por entre as sombras que esta vida encerra,
Minha alma anciosa quer voar da terra,
Deixai esta ave procurar seu ninho.
No pó que habíto não terei as rosas,
As doces preces que os felizes têm;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará tambem.

(1867)

XIII

A Luva

(TRADUZIDO DE SCHILLER)

DIANTE d'arena, em que os leões combatem,
O regio throno levantado estava;
Em torno os grandes; de mulheres bellas,
De rosas vivas um jardim brilhava.

O rei ordena, n'um momento dado,
Franca sahida das prisões ferinas:
A passos lentos um leão avança,
Mostrando a guela e sacudindo as crinas.

O rei ordena, e nova porta se abre,
E vê-se um tigre, que pulou de dentro;
Os monstros se olham, mas persistem quedos,
O tigre ao lado e o leão no centro.

A um novo aceno, eis que apparecem rabidos
Dous leopardos, que arremettem juntos
De encontro ao tigre, que na garra os prende,
E os deixa logo sem acção, defuntos.

Neste momento do balcão das bellas
Cae uma luva de mimosa mão,
Que de proposito a lançara ao meio
Do tigre enorme e do voraz leão.

A linda e nobre Cunegundes volve-se
A um cavalheiro, com fallaz sorrir.
E diz: se é certo o vosso amor, provai-m'o,
Erguendo a luva que deixei cahir.

Accelerado o cavalheiro desce,
Entra na arena com feições severas,
E, ousado e firme, como quem não teme,
Levanta a luva, desprezando as fêras.

O rei, os grandes, as formosas damas,
Todos o encaram com sorpreza e medo;
Muito elogio perpassou nos labios,
Como o sussurro d'algum arvoredo.

Mostrou-se grata Cunegundes bella,
Nos seus olhares a paixão sorriu;
E elle, na face lhe atirando a luva,
Diz-lhe: desprézo!... E ninguem mais o viu.

(1867)

XIV

Pela morte de um amigo

Olhai... um cadaver de braços cruzados!
Nos punhos cerrados, nos olhos cerrados,
Nos labios cerrados que a morte deixou,
Com as forças eternas, guardando o segredo
De luz ou de sombra! Meu Deus, tenho medo!
Morrer tão depressa, quem foi que mandou?

Tão joven! De joven no seu devaneio
Dissera á esperança: que trazes no seio?
Dissera ao futuro: que fechas na mão?
Do seio da louca vôou-lhe a mentira,
E a mão do phantasma, que larga se abrira,
Foi lá um repouso dos mortos no chão...

Tão vivo! Batia-lhe o peito ancioso,
Sentia nas fibras o harpejo mimoso,
E os cantos, ao longe, das glorias irmans...
Mas é que Deus julga-se um pouco tentado,
E assopra e apaga o olhar destinado
Que o leito devassa das suas manhans...

E morra quem sonha, quem ama, quem sente
Fallarem-lhe as noutes, quem ouve a torrente
Das éras, que descem dos cimos azues...

E morra quem tenta, padece e aspira,
Quem súa, bebendo seus prantos! Mentira!
Minha alma, não temas, é Deus, não recues...

*
*   *

Ah, Senhor! e mais um dia
Que mal vos fazem as rosas?
Nossas corôas mimosas
Porque mandais desmanchar?
Não tendes lá tanta estrella,
Cujos cheiros são fulgores,
Precisaes das nossas flores,
Das perolas do nosso mar?

Era um menino... Contente
De seu intimo thesouro,
Dizia: conquisto um louro
Para leval-o a meu pai.
O coração adiantado
Bateu-lhe a ultima hora.
Cahio. E sobre elle agora
Só uma lagrima cahe...

Lagrima séria, pesada,
Grossa lagrima de chumbo,
Que lá se afunda, retumbo
Dos abysmos sepulchraes;
Mais rica, mais preciosa
Que as joias de vossa aurora;
Pois é um pai quem na chora,
Senhor, que nunca chorais...

*
*   *

Pensar na morte, que os laureis desfolha,
Pensar na morte, que não tem porvir,
E' na propria caveira, que se antolha,
Tropeçar e cahir!

Emquanto Deus embolsa no occidente
Seus thesouros de luz, a morte vem,
E á noite sopra um cantico plangente
Pela tibia de alguem...

Já vem o verme, talvez, beijar-lhe as faces,
E elle não póde perguntar: quem és?
Lá, no lago dos tumulos voraces,
Quem não lhe morde os pés?

Porém sua alma em divinal concerto,
Junto ás espheras, respirou emfim,
Pois bem; a gotta que por elle verto,
Seja prece por mim...

(1863)

XV

D. Hermina de Araujo

(POR OCCASIÃO DE SEU PASSAMENTO)

Teve a morte de uma santa
Tendo a vida de uma flôr!
Eis aqui o que eu quizera
Que me explicasseis, Senhor:

Para provar que não somos
Todos mais que sombra e pó,
Será mister morrer moça,
Deixando o filhinho só?

Vós sabeis que ha só no mundo
Um ente que nos quer bem,
E' nossa mãi, ella morre,
E o orphão grita... por quem?...

Ora, Senhor! perdoai-me
Não comprehendo isto assim:
Viver, e morrer tão cedo,
Sem um mister, sem um fim;

Passar como uma aura leve,
Ou como um sonho de amor,
Ter a morte de uma santa,
Tendo a vida de uma flor!...

(1882)

XVI

Uma Sergipana

ASTROS, sonhos, afagos e chimeras,
Tudo de grande de que a vida é feita,
Achei mesquinho, misera migalha,
Ração de beija-flor que uma aguia engeita.

Eu zombava dos céos. A voz dos mundos
De quando em quando me bradava: espera!
Deus mostrou-te aos meus olhos espantados,
Disse a meu coração: farta-te, fera!

(1883)

XVII

Papel queimado

Procuro as moças: porque de mim fogem,
Por mais que eu queira lhes fazer agrado?
Faltam-me graças, expressões, maneiras?
Ah! já entendo... sou *papel queimado.*

Então escutem, não se zanguem, digam:
Acham bonito este penoso fado
De andar de rastos a seus pés chorando?
Não! antes quero ser *papel queimado.*

A vida do homem, que é um bello drama,
Inda que ás vezes mal representado,
Tem dois papeis: um é o papel de bobo,
Outro mais serio: é o *papel queimado.*

Mas, venham cá, não me excommunguem, vamos:
Toda esta scisma é porque sou casado?
Para guardar um certo amor platonico,
Que tem agora ser *papel queimado?*

Noivo... não posso, pretendente... nunca.
Nem ha mais geito para namorado;
Então serei adorador eterno...
Que tem agora ser *papel queimado?*

Nada lhes quadra! querem gente livre,
E assim me deixam pelo meu estado;
Tambem não vale conversar com feias . . .
Que tem agora ser *papel queimado?*

Não me desejam como par na dança,
Tanto melhor, que ficarei sentado:
Acho-as tão murchas, tão desenchabidas . . .
Oh! como é bello ser *papel queimado!*

Melhor, ao certo, que viver na peça
A envelhecer e a ficar mofado,
Esta ou aquella, por exemplo, gentes,
Tambem não gosta do *papel queimado?*

As que já sentem suas trinta *festas*,
Trinta dezembros sobre seu costado,
Tantos suspiros não tiraram d'alma,
Doudas por terem seu *papel queimado?*

Essas ruguinhas, que se vão formando,
Esse desgosto que se lê pintado,
Por entre as sombras d'um sorrir sem graça,
Não são a falta do *papel queimado?*

Porque a menina suspirando vive,
Penosa e langue de causar cuidado?
Porque o piano toda noite geme?
Não é á falta do *papel queimado?*

(1873)

XVIII

Morte de um Pai

(A PEDIDO DE UMA MOÇA)

Já tudo parece envolto
Do esquecimento na calma;
Eu sinto pungir-me n'alma
Da saudade o espinho atróz.
Já oito annos passados!
Mas minha magoa não finda,
Tenho lagrimas ainda
Para choral-as por vós...

Qu' importa o tempo, essa força,
Que, se diz, tudo consome?
Não apaga o vosso nome
Do livro do meu amor.
No meu rosto... é bem possivel
Notar-se estranha mudança;
Mas esta minha lembrança
Conserva sempre o frescor.

Se fosse dado que ao mundo
Por um instante volvesseis,

Talvez não me conhecesseis,
Por acabada que estou:
Do meu ser a melhor parte
Jáz na vossa sepultura,
E o sopro da desventura
Minhas delicias matou.

Mas, mesmo através do brilho
Que ao homem justo circunda,
Na differença profunda
Que a luz do céo sôe fazer,
Se ninguem vos conhecesse,
Eu só vos conheceria,
Pois que só eu quereria
Comvosco tambem morrer.

Ainda e sempre na terra
Por vós pranteio e suspiro.
Meu consôlo . . . é o retiro,
Meu asylo . . . a solidão!
Nada ha mais que eu sentir possa,
Que me affecte, ou que me agrade;
Só vivo desta saudade,
Filha do meu coração.

(1880)

XIX

Anhélos

NESTE mundo, juncado d'enganos,
O prazer onde achar eu não sei...
Qu' é das flores que a vida perfumam,
Venturosos da terra? Dizei...

Não olheis para a sombra que passa;
Quero triste viver, ermo e só.
Minha noiva me espera nas nuvens,
Minha gloria da campa no pó.

Nem tenteis impedir-me a passagem,
Que não curvo a cabeça a ninguem.
Para entrar nos combates da sorte,
Tenho azas e garras tambem.

Sou um filho das plagas selvagens,
Onde o peito não teme bater;
Aprendi os queixumes das rolas,
E a cascata ensinou-me a gemer.

Preste, preste a lançar-me ás alturas,
Tenho as redeas da morte na mão,
Pelo trilho que as aguias abriram
Trás as ancias do meu coração.

Os tormentos da vida me cabem,
Os espinhos da rosa são meus;
Mas não posso encontrar quem me diga
Onde estão os thesouros de Deus!

Interpello as estrellas que choram,
E as estrellas não querem dizer;
Fallo aos ventos e os ventos respondem:
Tambem nós procuramos saber...

E' assim: tudo tem sua magoa,
Tudo tem sua sombra de horror.
Que de envolta com a sombra da terra
Vae lançar-se nos pés do Senhor!...

(1861)

XX

Ignorabimus

QUANTA illusão!... O céo mostra-se esquivo
E surdo ao brado do universo inteiro...
De duvidas crueis prisioneiro,
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Christo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam tambem Deus verdadeiro,
Veio o mundo remir do captiveiro,
E eu vejo o mundo ainda tão captivo!

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo
Não deixou de provar o duro freio
Da tyrannia, e da miseria o travo,

Se é sempre o mesmo engodo e falso enleio,
Se o homem chora e continúa escravo,
De que foi que Jesus salvar-nos veio?...

(1880)

XXI

Tentação...

(IMPROVISO)

Ante o vulto das montanhas,
Que pousam na solidão,
De sondar-lhes as entranhas
Ha como uma tentação,
Que nos diz: alli ha ouro!...
De certo, quanto thesouro
Não se pudera encontrar
Sob os montes arrazados,
Sob os thronos derrocados,
E até nas bases do altar?!...

(1858)

XXII

Dia de Finados no Cemiterio

Trajando galas de morte,
Virgens filhas desgrenhadas,
D' almos prantos enfeitadas,
Querem fallar a seus pais...
Quer a viuva ennoitecida
Ver do esposo a face algente,
Dizer-lhe um adeus sómente...
Senhor! porque não deixaes?

Vós, que o templo dos sepulchros
Encheis de augusta presença,
Com o serio da indifferença,
Contemplais tamanha dor?!
São corações que se chamam,
São mães de peito anhelante,
Que pedem ver um instante
Seus filhos... deixae, Senhor!

Vós, que sabeis qu'hoje, ao menos,
As nossas magoas são puras,
Que ambrosias, que doçuras
Podeis achar nestes ais?

Rescende a prece orvalhada,
Palpita o marmor funereo,
Querem sondar o mysterio,
Senhor, porque não deixaes?

Aqui, de envolta com as supplicas,
Uma saudade sentida
Sob a cabeça adormida
Do amigo se quer depor...
E vem queixosa a orphãzinha,
Por entre ruas de louzas,
Dizer chorando... umas cousas...
A seu pae: deixae, Senhor!

Pelo aflato destas auras,
Pela bocca destas flores,
Mandai um conforto ás dores
Que o dia d' hoje accendeu:
Assim a mãe cuidadosa
Do filho tenro, choroso
Sopra o dedinho mimoso
Que um vil insecto mordeu...

Podeis austero e sombrio
Sacudir a prece, o pranto,
Que as orlas do vosso manto
Nesta hora ensopado tem?
Não, meu Deus, alguma gotta
Sobre estes thesouros de ossos,
Que são os thesouros nossos,
Aqui derramais tambem...

E' uma lagrima doce,
Que cae do olhar providente,
Mais bella que outro presente
Que venha de vossa mão;
E essa lagrima invisivel
Que verteis limpida e calma,
Tem nome cahindo n'alma,
Se chama: — resignação!

(1863)

XXIII

Mãe e Filho

MENINO, que ao céo revôa,
Levado por mão de santa,
Junto a Deus a luz o espanta,
Quer chorar e Deus sorri...
Neste abandono celeste,
No vago d'uma lembrança,
Mãe!... balbucia a criança,
E um anjo canta: eil-a aqui:

Subito o triste innocente
Se lança meigo e choroso
No branco seio amoroso
Que alli outra mão conduz;
A mãe e o filho abraçados
Se prostram na immensa alfombra,
Ella... com medo da sombra
Elle... com medo da luz!...

(1864)

XXIV

A uma mulher de talento

Foi uma idéa, que se engastou quente
De moços nobres na cabeça ardente.
        Foi um sonho feliz;
Desses, que amostram em bateis de luas
Cantando e rindo deslumbrantes, núas,
        Luminosas Huris.

Foi uma idéa, que emergio singela;
Affoutos corações travaram della,
        Entregaram-na a ti.
Désce Deus um olhar que os anjos vara,
E através da mulher limpida e clara
        Como a idéa sorri!....

Cinge-te a graça de intima belleza;
Nos mysterios d'além tua alma accesa
        Começa a radiar:
Tendo louros da idéa no proscenio,
Que nome dar-te-hão? chamar-te genio?...
        Isto é muito vulgar...

Fallar em genios!... Que me quer nos labios
Esta phrase, este mel d'acres resabios,
Esse riso de dor?
Embriagados do céo, que em aureas taças
Bebem os tragos de infernaes desgraças
Em honra do Senhor!

. . . .

Genio!... é sondar o golphão do ineffavel,
E' ter um coração, monstro insaciavel
D' esperança e porvir,
Calcando o mundo, que lhe diz: padeça!...
Este horisonte aperta-lhe a cabeça,
E elle tende a subir.

Genio!... elle manda á aurora que desponte;
Sóbe; os futuros roçam-lhe na fronte
Perto, perto do céo...
Sacode-se dos pés a poeira humana,
Nos páramos azues da lucta insana
Levanta-se o trophéo.

Os grandes dias do progresso humano
Custam a vir. O genio soberano,
D'alma branca e louçan,
Cresce, cresce, debruça-se nos montes
E arranca lá dos fundos horizontes
A estrella da manhan!...

(1863)

XXV

Oito annos

Que bello é vel-a brincando
A virgensinha em botão,
Inquieta, rindo, saltando
Sobre o tapiz do salão
Com essa malicia divina,
Que a faz em tudo bulir;
E dão-lhe um grito: menina!...
E ella foge, e torna a vir...

Toda primores celestes,
Coberta de alvura só,
Nuas pernas, curtas vestes,
Cabellos, qual aureo pó,
D' angelico pensamento,
Perfumoso enchendo o ar,
Naquelle arrebatamento,
Com que a infancia quer brincar...

A flôr concerrada ainda
Rescende em sua manhan;
E se ouve uma voz: tão linda!...
Voz mais doce: é minha irman...

Por graça alguem diz: que moça,
Mostrando o joelho nú!
Mais alguem: que perna grossa!
E ella diz: grossa tens tu.

Quiz proval-o, e, n'um instante
De pueril insensatez,
Vio-se o lampejo inflammante
De nunca vista nudez
De sob a folhuda veste
Claro revelar-se até...
E o demoninho celeste
Gritou fugindo: não é?...

Dá-se perdão á criança,
Que inda não sabe o que faz.
Da vida na onda mansa,
Da innocencia na paz.
Contou-se o crime sorrindo;
Quem é que punil-a vai?
Depois... estava dormindo
Já nos braços de seu pai...

(1865)

XXVI

Nós as estrellas...

(A D. PAULINA DE S.)

Nós as estrellas, que no céo pensamos,
As folhas mortas, que no pó jazemos,
Os olhos tristes, que já não choramos...
Ah! que a ventura de chorar perdemos;
De orvalho as gottas, pelo chão bebidas,
Porque em seu calix não nos quiz a flôr,
Banhar-nos do anjo no clarão viemos,
E nossas preces a seus pés depor...

As auras frescas, de bem longe vindas,
Que a bocca rubra da criança abrimos,
Nem lhe passamos pelas faces lindas,
Que temos pena de levar-lhe os mimos;
As rosas murchas, por ninguem colhidas,
Que inda podemos reviver de amor,
Banhar-nos do anjo no clarão viemos,
E nossas preces a seus pés depor...

Assim teu astro, nas ceruleas dobras
Do manto eterno, mais e mais fulgura;
Nasceste bella, como são as obras,
Todas as obras, em que Deus se apura.

E nesta hora em que nasceste, bella,
E a terra encheu-se dos fulgores teus,
O mar revolto era um bater de palmas,
E o céo azul era a attenção de Deus.

Lembram-se as flores, que sentiram quente
No seio a força desse novo encanto,
Mais o calor de um coração ardente,
Que se alimenta de ternura e pranto;
Lembram-se as flores que aos ouvidos dellas
Chegaram tenues os vagidos teus:
E o mar revolto era um bater de palmas,
E o céo azul era a attenção de Deus...

(1866)

XXVII

Sobre as azas cherubicas...

(A D. PAULINA DE S.)

Sobre as azas cherubicas suspenso,
Deus sobre os mundos estendendo o braço,
Nasceste linda e o oceano immenso
Embalou-te cantando em seu regaço.

Embalde o archanjo do mysterio, triste,
Cerrara os labios do universo mudo:
Os floreos risos que primeiro abriste
De Deus e d'alma revelaram tudo.

Tudo... o meigo candor das alvoradas,
Das tardes calmas o segredo fundo,
O silencio das noites estrelladas,
Foi por teus olhos revelado ao mundo...

E é se revendo em tua face pura
Que os archanjos de Deus se julgam bellos.
Dize: que é que o teu olhar procura
No céo, na terra em fulgidos anhelos?

E' a meiguice dos primeiros dias,
Que ao longe exhalam divinaes fragrancias?
Não; nos olhos ainda balbucias
D'anjo e menina as innocentes ancias.

Rindo afagas a candida plumagem
Da tua infancia pelas azas prêsa;
Em cada flôr se estampa a tua imagem,
Teu halito embalsama a natureza...

Sobre as azas cherubicas suspenso,
Deus sobre os mundos estendendo o braço,
Nasceste linda e o oceano immenso
Embalou-te cantando em seu regaço.

(1867)

XXVIII

A Caridade

FAZEI o bem: sobre a terra
E' a belleza suprema;
Tem mais luz do que um poema,
Vale mais do que um trophéo.
Por uma dadiva ao pobre,
Que é de Deus o grande eleito,
Podeis comprar-lhe o direito
De que elle goza no cèo.

Se ao grito dos que padecem
O mundo cerra os ouvidos,
Se do prazer nos ruidos
Perdeu-se de Deus a voz;
De torpezas maculada
Do Christo a veste inconsutil,
Parece que foi inutil
O ter morrido por nós!

Será que o sol da bondade
Vá no occaso se escondendo?
Será que Deus vá descendo
A' força do homem subir?
Por isso de dia em dia
Ganha o vicio mais encantos,
E vê-se a virtude em prantos
E a impiedade a sorrir?

Será que os raios divinos
Tenham emfim resfriado?
Que, indifferente e calado,
O céo nos contemple? Não:
Deus perdoa ao mundo ingrato,
E aos suspiros de quem soffre,
Tem sempre aberto o seu cofre
De amor e consolação.

E desse amor o perfume,
Que alimenta a caridade,
No seio da humanidade
Brotal-o quando Deus quer,
Lançando mão d'uma estrella
Mais viva do firmamento,
Fórma della um sentimento
No coração da mulher.

Nem cremos que ás outras almas
Taes pensamentos assomem;
Não, não é cabeça d'homem
Qu'estas idéas contém;

E' da mulher que ellas partem,
Da mulher, que, suspirando,
Mesmo sorrindo e cantando,
Ensina a fazer o bem.

Geme a familia do bravo
Que a morte cobrio de louros;
Que custa abrir-lhe os thesouros
Bondosos do coração?...
E assim fallarem unidas,
Como echos de um só abysmo,
A voz do patriotismo
E a voz da religião?

Se é bella assim a virtude
Face á face com a opulencia
Derramando aquella essencia,
Que em harmonias se esvae;
Que custa dar um sorriso,
Dar um obolo, um carinho
A's aves, que não têm ninho,
Aos filhos, que não têm pae?

A caridade inda sôa
Nas fibras do humano peito:
Como no céo satisfeito
Vai ficar o moço Deus,
Jesus, o amigo dos tristes,
Quando os astros lhe contarem,
E estas vozes lá chegarem
Nas azas dos anjos seus!...

Fazei o bem: sobre a terra
E' a grandeza suprema;
Tem mais luz do que um poema
Vale mais do que um trophéo;
Por uma dadiva ao pobre,
Que é de Deus o grande eleito,
Podeis comprar-lhe o direito
De que elle goza no céo.

1866)

XXIX

A' Polonia

Ainda uma povo captivo,
Que em lucta inutil se esvae!
Da luz o seculo altivo
Encolhe as azas e cae...
Lá soffre a virgem sósinha.
Lhe diz o Cossaco: és minha!
E a pobre soluça: não!...
Phrase negra, renegada,
Que sahe como uma golphada
De raiva e desesperação.

O mundo vê... não lh'importa!
Ninguem que remil-a vá...
Gritam por ella: eil-a morta!
Chama-se um gladio: não ha!
Abre-se a tumba da historia,
E, envolta em trapos de gloria,
Vai a Polonia dormir.
Boccas grudadas de medo
Guardem o triste segredo,
Fiquem tyrannos a rir!...

Já são de mais os resabios
Da ira, diz o Senhor...
Ai daquelle que em seus labios
Foi lançar o dissabor!
E' quando o povo delira,
Bradando altivo: mentira
Crenças, direitos e leis!...
Só é grande a liberdade,
Que sacode a magestade,
E arranca a juba dos reis!...

O seu esforço era louco,
Sahiu-lhe o ultimo ai...
Morrer é esperar um pouco:
Martyres della, esperai...
Christan, confia em teus santos;
Que se purpurêem mantos
Com sangue dos filhos teus...
Não digas: o céo é mudo,
O que ha porvir, veio tudo...
Alguem falta vir: é Deus!

Polonia, na tua ossada
Ezequiel soprará;
Ao clarim de uma alvorada
Teu tumulo partir-se-ha.
E tu, maior nesse dia,
Apanhando a cinza fria,
Dos que morreram por ti,
Gladio em punho, olhar insano,
Farás o Deus do tyranno
Resuscital-os ahi...

Pois que assim morres tão forte,
Deixa-te agora morrer;
Impaciente da morte,
Tu voltarás a viver.
Cabellos e pensamentos
Largados aos quatro ventos,
Dirás ao mundo: venci!
E o despotismo embriagado
Verás a teus pés rojado:
Segura o golpe, Judith!

Cadaver santo e glorioso,
Amam-te os livres de cá;
Aceita o beijo amoroso
Que o moço imperio te dá.
E' livre a nossa bandeira,
Que açoita o ar altaneira
Como as azas do condor;
Nossas almas têm mais fundo:
Por ti... um protesto ao mundo...
Por ti... um voto ao Senhor!

(1864)

XXX

Jeronima

Junto, bem junto á região dos sonhos
Ergueste o throno da belleza tua;
Ris, tudo brilha, tudo falla e sente,
O céo trasborda e o coração fluctua.

Nos seios te arde perennal, cheiroso,
Incenso puro de sagrado amor:
Mostras nos olhos, nas feições, nos labios
A luz de um astro dentro de uma flor.

Lá onde correm, no correr das nuvens,
Genios ethereos, matinaes, risonhos,
Na plaga immensa de estrellados mares,
Junto, bem junto á região dos sonhos;

Lá onde ousado o pensamento humano,
Querendo entrar, ante o clarão recùa,
Lá onde apenas meus suspiros chegam,
Ergueste o throno da belleza tua.

Ha no teu rosto uma intenção divina;
Cremos que és santa; pois que Deus não mente...
Sahe de tua bocca mysterioso aroma,
Ris, tudo brilha, tudo falla e sente.

Nem ha segredo que medrosa occultes;
Porque tua alma é uma deusa nua
Que os anjos banham, e na terra em ondas
O céo trasborda e o coração fluctúa . . .

Mas ninguem sabe que visões douradas
Enchem teus dias de indisivel goso;
O sentimento da candura eterna
Nos seios te arde perennal, cheiroso.

Guardas, é certo, para quem no mundo
Tiver mais gloria, mais ditoso fôr,
Guardas no peito que as paixões não ferem,
Incenso puro de sagrado amor.

Vêr-te . . . é beber uma porção de nectar,
Deixar no espirito immortaes resabios;
O que és, mal pensas; tua origem, bella,
Mostras nos olhos, nas feições, nos labios:

Na fronte clara, sobranceira, altiva,
Nesses desmaios de celeste alvor . . .
Como que Deus em teu corpinho encerra
A luz de um astro dentro de uma flor . . .

(1871)

XXXI

Juizo Final

(FRAGMENTO)

Lança os seres ao ludibrio
De universal turbilhão,
Corta as azas do equilibrio,
E os astros tombando vão.
Sombras e sombras se agitam,
As campas mortos vomitam
Para o Juizo Final...
E, olhando o quadro assombroso,
Miguel Angelo orgulhoso
Ri-se e murmura: «tal qual!»

(1861)

XXXII

Inspiração

(A PROPOSITO DOS VERSOS DE UMA SERGIPANA)

Um dia um anjo de fulgureas faces,
Que enchem de luz a sideral mansão,
Abrindo as azas na azulada esphera,
Por sobre os mundos estendendo a mão,

Desceu á terra, contemplando candido,
Da vida humana o miserando pó,
Tendo no rosto a pallidez das tardes
E a alma ferida de tristeza e dó.

Vibrando as cordas de sua harpa d'ouro,
Que meiga echôa pelo céo sem fim,
Com voz que infiltra a eternidade n'alma,
O anjo falla suspirando assim:

«A morte é bella na manhan da vida
Quando sentido já se tem a dôr;
E' doce sonho que nos arrebata
A uma morada só de paz e amor.»

E tudo sente nos suspiros d'harpa
Da morte esqualida a verdade atroz;
E as flores abrem os seus labios frescos
Para do anjo recolher a voz.

E nas pupillas as estrellas lindas
Reflectem delle a desmaiada côr,
E Deus murmura: é o meu genio amado,
Todos os genios têm o seu Thabor.

Alma sensivel ao tocar das auras,
Que colhem ternas os perfumes teus,
Talento, genio, intelligencia angelica,
Vive aquecida sob o olhar de Deus.

(1864)

XXXIII

A Escrivadão

Se Deus é quem deixa o mundo
Sob o peso que o opprime,
Se elle consente esse crime,
Que se chama a escravidão,
Para fazer homens livres,
Para arrancal-os do abysmo,
Existe um patriotismo
Maior que a religião.

Se não lhe importa o escravo
Que a seus pés queixas deponha,
Cobrindo assim de vergonha
A face dos anjos seus,
Em seu delirio ineffavel,
Praticando a caridade,
Nesta hora a mocidade
Corrige o erro de Deus!...

(1868)

XXXIV

Como?!...

Como?! e julgavas que não eras bella?
Tu, que tremes de limpidos fulgores,
Tu, que bebes no calice das flôres
Segredos que teu halito revela?...

E dessa fronte a linda transparencia,
Mais o roseo frescor da bocca pura,
Onde os risos são favos de ternura,
E as palavras perfumes de innocencia?

Mais ainda esse olhar que tão maligno
De amor tirou-me a lagrima primeira,
E o porte nobre, e o pézinho digno
De sobre elle pensar-se a vida inteira?

E a alma sublime de quem sempre vejo
Pairar no rosto um não sei quê tristonho;
E a mãosinha que cobre se de um beijo,
E a cintura que aperta-se n'um sonho?

E o albor que adivinha-se em teu seio,
Céo sublime por quem muita alma anhéla:
E o corpinho que é quasi um devaneio...
Como?! e julgavas que não eras bella?

Ser bella é ser assim qual te diviso:
Santa, adoravel, sendo um pouco ingrata,
Feiticeira no olhar, cruel no riso,
Ter um raio que brilha, outro que mata.

(1866)

XXXV

No album de um poeta

Deixemos os louros, as flores, as palmas,
E as velhas promessas de immenso porvir!
Deixemos... Só genios fecundam as almas
De novas idéas, de um novo sentir.

Não venho dizer-te que aos fados affrontes,
Nem venho mostrar-te por cima dos montes,
Das nuvens, dos mares, dos seculos alem
O vulto da gloria phantastico, escuro...
Prophetas, que mentem, só dizem — futuro!
Futuro! futuro! — e o futuro não vem!

(1864)

XXXVI

Namoro não é crime

(A UM JUIZ DA ESCADA)

Considerando que as flores
Existem para o nariz,
E as mulheres para os homens,
Na opinião do juiz;

Considerando que as moças,
Ariscas como a perdiz,
Devem ter seu perdigueiro,
Na opinião do juiz;

Considerando que a gente
Não póde viver feliz
Sem fazer seu namorico,
Na opinião do juiz;

Amemos todos, amemos,
É Cupido quem o diz;
Pois *namoro não é crime*,
Na opinião do juiz...

(1874)

XXXVII

Chapa . . .

AGORA tudo é *chapa!*... A luz de uns olhos,
Donde a furto um signal de amor se escapa,
O sol e a lua, o céo e as estrellas,
Tudo que é velho, o proprio Deus... é *chapa.*

Nenhuma idéa, que não traje humilde
Do commum, do vulgar a rôta capa...
Se ao amigo se diz: sou teu amigo!
Não se acredita, pois amigo é *chapa.*

A honra, a liberdade, o amor, a gloria,
E, se quizerem, a Igreja e o papa,
Tudo está gasto; e, afinal de contas,
A propria *chapa* já tornou-se *chapa!*...

(1880)

XXXVIII

Um pouco de musica

(TRADUZIDO DE VICTOR HUGO)

Se te apraz, inventemos um sonho,
Cavalguemos dois lindos corceis;
Tu me levas, e eu te arrebato;
Cantam aves em floreos vergeis.

Olha! eu sou teu senhor e tua presa,
Bôa hora em que o sol vai se pôr...
Meu cavallo se chama a alegria,
Teu cavallo se chama o amor.

Vem, os nossos ginetes mentiras
Andam ambos em marcha sonora,
Bate o meu com o pé nos meus sonhos,
Bate o teu nas pilastras da aurora.

Fal-os-hemos correr em parelha,
Passo a passo, cabeças juntinhas,
E depois dar-lhes-hemos em paga
Uma doce ração de boquinhas.

Vem, a hora é bellissima; os passaros
Interrompem da tarde a canção
Para ouvirem o som das cadeias
Que puzeste no meu coração.

Vem, sê terna, que eu sou ébrio e doudo . . .
Que perfume! . . . Teu halito faz
Borboletas e abelhas dos campos
Dos teus labios voarem atraz.

Levaremos tambem por bagagem
Nossos votos, cuidados e zelos,
Nossas ditas e nossas tristezas,
E essa flôr, que te adorna os cabellos.

Vamos juntos, assim, minha santa,
Que és de Deus a mimosa pupilla:
Contaremos depois este sonho
A's estrellas da noite tranquilla.

(1865)

XXXIX

No album de uma discipula

D'AGUIA e d'anjo, no teu sublime vôo,
Terás tão doce, tão gentil futuro,
Que até has-de esquecer o mestre obscuro,
Que estas linhas traçou: e eu te perdôo.
(29 de agosto de 1885)

Ouve: minh'alma é filha d'uma rosa,
Meu coração é filho do oceano;
Sou voluvel, já vês, e, todavia,
Confirmo o que escrevi, faz hoje um anno.

Só n'um ponto parece se turvára
Do meu destino a calma lucidez:
Quanto a versos escriptos no teu album,
Desconfio ser esta a ultima vez...
(29 de agosto de 1886)

XL

O Coração

O coração tambem é um metaphysico:
Estremece por fórmas invisiveis,
Anda a sonhar uns mundos encantados,
E a querer umas cousas impossiveis...

(1884)

XLI

Uma Poetisa

E foi o doce preludio
Do seu poetico pranto.
Que estrophes cheias d'encanto!
Que folhas cheias de mel!
Bravo! que penna bonita
Cahiu das azas de rosa
D'aquella rola mimosa,
Que suspirou no vergel!

Tão merencoria! Parece
Que das bandas do passado
Um pensamento magoado
Bolir-lhe no seio vem.
Do sol pôsto a aura macia,
Vendo-a sympathica e triste,
Pergunta, pede-lhe, insiste
Que ella lhe diga o que tem!

Quem lhe trouxe esta lembrança?
A tarde? o cheiro das flores?
Como veio? nos frescores
Do céo? nas vozes do mar?

Quem foi que lhe tirou d'alma
Doces lagrimas divinas?
Uma aza d'anjo? Traquinas!
Porque a fizeste chorar?

Bem. A causa deste pranto,
Que o teu rosto tanto engraça,
Não digas á aura que passa,
Não digas ás flores, não.
Guarda esse amor, essa estrella,
Que tão longinqua fulgura,
Que cahe da celeste altura
No abysmo do coração.

(1865)

XLII

A mulher

Deus extrahe o ideal dos prantos doces
Borrifados na tez das flores meigas;
Lança no molde a languidez da tarde,
A calma santa das ethereas veigas;
No seio das manhans colhe perfumes,
Das entranhas do céo tira o amor!...
Insigne obra, que a Deus mesmo custa,
Nasceu, e n'alma da mulher augusta
Abrigou-se a bondade do Senhor...

(1866)

XLIII

Victor Hugo

Mostras na fronte os estragos
Dos raios que a sorte tem;
Na phalange dos teus *Magos*
Tu és um mago tambem.
Joelhas, guebro da ideia,
Ante a luz que broxuleia
Dos futuros através!
Por grande, os teus te renegam;
Cem anathemas fumegam
Suffocados a teus pés...

O estylo d'oiro que empunhas,
Foi o Senhor quem t'o deu.
Leva a aguia a presa nas unhas,
Ninguem lhe diz: isto é meu!
Estrellas, mundos, idéas,
Biblias, monstros, epopéas,
Tudo que empolgas é teu...
Cabeça que pesa um astro
Na mente de Zoroastro,
Na mão de Ptolomeu!

(1864)

XLIV

Maria

Nome, que as almas sacia,
Que adoça os labios da flor,
Mystica, eterna harmonia
Dos cherubins do Senhor...

Grande, profundo mysterio
Das crenças da nova lei;
Visão, que ao som do psalterio,
Cantava o propheta rei...

Aroma que o céo aberto
Por toda parte expandiu;
Voz de Deus, que perto, perto,
Michéas de longe ouviu.

Inspiração de Isaias,
Que disse a Jerusalem:
«Levanta-te, as melodias
Dos anjos cahindo vêm»...

De tudo... nada existia,
O cahos ponderava a sós;
E disse Deus: ó Maria!
E tudo ouvio esta voz.

(1863)

XLV

Magoas

Ai! que vida! que cansaço!
Que triste lidar sem fim!
Tudo á força do meu braço,
Ninguem se condóe de mim...
Dez filhos! Quanta avezinha
Nesta pobreza mesquinha!
Rola, meu bem, filha minha,
Traze-me o meu bandolim.

A noite é bella; a baunilha
Deita aromas ao luar;
Anda, não ouviste, filha?
O bandolim... vae buscar:
Das minhas dores, magoadas
Pelas auras perfumadas,
Quero expandir as toadas,
Que á noite fazem chorar...

(1887)

XLVI

Criança

Em tenra e fragil vergonta
De uns treze annos que tem,
Agora é que a alma disponta
No viço e no olhar... pois bem!

E se eu lhe chamo menina,
Ella me chama senhor!
Se eu a toco, ella s'inclina...
Será respeito, ou amor?

Se a rosa estremece ao dedo
Da aragem que na tocou;
E' de ternura ou de medo?
Quem diz que ella não gostou?

Chego-me á bella e lhe digo:
Vamos casar-nos, amor?
«Mas como casa commigo?
Como? Não vae ser doutor?»

(1858)

XLVII

Sempre bella

Na luta pela vida, illuminada
De uns lindos olhos ao clarão divino,
Diz o tempo á belleza: eu te devoro!
E a belleza responde: eu te domino!

O tempo curva-se ao poder mais forte.
Das bellas, como vós, é esta a gloria:
Onde murcha uma flor, mil flores brotam,
E sempre assim repete-se a victoria...
(1877)

XLVIII

Discipulo e Discipula

(IMPROVISO)

Não são ultrajes cuspidos
Pela bocca da baixeza
A causa desta tristeza
Que me turva a fronte assim.
Não! a causa é vêr que aquelles,
A quem rendo intimos cultos,
Acham graça nos insultos
Que se atiram sobre mim.

E eu que julgava ainda
Sentir a luz da verdade
Nesta palavra — amisade —
Que nada, entretanto, diz!
Será que o mundo já desce
Das proprias feras ao nivel?
E' elle que é insensivel,
Ou eu que sou infeliz?

(1883)

XLIX

Epicurismo

(IMPROVISO)

Se as crenças são um engodo,
Se falha o verbo da fé,
Se o homem se acaba todo,
Com a materia que elle é,
Se o coração nada aspira,
Se este bater é mentira,
Se alem não ha desfructar,
Da vida a idéa suprema,
O grande, o sabio problema,
E' viver muito e gosar...

(1866)

PARTE II.ª

PATRIOTICAS

I

A' Vista do Recife

E' a cidade valente
Brio da altiva nação,
Soberba, illustre, candente
Como uma immensa explosão:
De pedra, ferro e bravura,
De aurora, de formosura,
De gloria, fogo e loucura...
Quem é que lhe põe a mão?

Magoas tem que estão guardadas.
Quando as vingar é sem dó!
Raça das Romas tombadas,
Das Babylonias em pó,
Quer ter louros que reparta;
Vencer, morrer não na farta...
Grande, d'altura de Sparta,
Affronta o mundo ella só!...

Com os seios entumescidos
Do germen de muito heroe,
Tem nos olhos aguerridos
Fulminea luz que destroe.
Detesta a classe tyranna,
Comsigo mesma inhumana,
Vê seu sangue que espadana,
Ri de raiva, e diz: não dóe!...

No seu pisar progressivo
Ostenta um certo desdem;
Suspendendo o collo altivo,
Não rende preito a ninguem.
Lê no céo seu fado escripto,
Quando o Brasil solta um grito,
Franze a testa de granito,
E diz ao estrangeiro: vem!...

Sim, eu vejo, ainda a espada,
Na tua dextra reluz,
Cabocla civilisada
De pernas e braços nús,
Cidade das galhardias,
Que no teu punho confias,
Coeva de Henrique Dias,
Guerreira da Santa Cruz!

Estremecida, ridente,
Como que esperas alguem.
Ouves um som de torrente?
E' a grandeza que vem...

Teu halito alimpa os ares,
Por cima do azul dos mares
Prolongam-se os teus olhares,
Que vão namorar além...

Não te pegam em descuido;
Teu movimento é fatal.
E a liberdade, esse fluido,
Que fórma o gladio, o punhal.
Nos teus contornos ondula.
Nas tuas veias circula,
E vai chocar-te a medula,
Dos ossos de pedra e cal.

E' um lidar incessante,
Cai-te da fronte o suor;
Ferve tua alma brilhante,
E tudo é bello em redor.
O assombro lambe-te a planta,
Na estrella, que se alevanta,
Pousado um archanjo canta:
Vai ser do mundo a maior!

Tens aberta a tua historia,
Laboras como um crysol;
Como um estygma de gloria,
Nos hombros queima-te o sol.
A guerra, a guerra é teu cio,
Fera!... O estrangeiro frio
Se aquece ao beijo macio
Dos teus labios de arrebol.

Assopras nas grandes tubas,
Que despertam as nações;
Eriçam-se as ferreas jubas,
Uivam as revoluções...
Teus edificios dourados
Vão-se erguendo, penetrados
Da voz dos Nunes Machados,
Do grito dos Camarões!...

Com a morte bebes a vida;
Não te abalas, não te dóes!
D'oiro e luz sompre nutrida,
Novas idéas remóes,
E' que á voz das liberdades,
Calcadas as potestades,
Germinam, brotam cidades
Do sepulchro dos heroes!

Possa a coragem de novo,
Teu bafo ardente inspirar,
E a gloria sahir do povo,
Como tu surges do mar...
O coração te o advinha,
De fome o ferro definha,
Ruge o gladio na bainha,
Como na gruta o jaguar...

Sejam meus votos aceitos,
Dá-me ver tuas acções,
Dá-me sugar esses peitos,
Que amamentaram leões...

Sahiste nua das matas,
Não temes, não te recatas;
Contra a frota dos piratas
Açula os teus aquilões...

(1862)

II

Os Voluntarios Pernambucanos

Já fomos a gente ousada
Que um mundo virgem produz;
Já viu a Europa assustada
Gladios e caboclos nús
Pularem grandes, valentes,
Vermelhos, resplandecentes,
Do abysmo dos occidentes,
Lavados em sangue e luz!...

Hoje a idéa em nossa terra
Fulmina a espada voraz:
Que somos? Lavas de guerra,
Petrificadas em paz;
E pois não venham ignavos
Na lingua dos ferros bravos
Deixar os amargos travos
Desse horror que o sangue faz.

O Brasil, de coma intonsa,
Dorme e deixa-se afagar;
Macio, qual pello d'onça,
Não no queiram insultar:
Os que repousam nas campas,
Sentem que o vento dos pampas
Lhes açoita as aureas lampas,
E os faz com raiva acordar!...

Para estes vultos brilhantes
Morrer... é não combater;
E' apear-se uns instantes,
Do valle ao fundo descer,
Fitar a noite estrellada,
E, á espera d'outra alvorada,
Dormir nos copos da espada,
Deixando o sangue escorrer!

Que athletas! que espectros grandes!
Lá por onde o sol tombou,
No topo altivo dos Andes
Um cavalleiro estacou...
Susurram vôos angelicos,
Lambem-se os gladios famelicos.
Dir-se-hiam relinchos bellicos
Que o bronzeo corcel soltou!...

Muita coragem, que dorme,
Desperta da guerra ao som:
Fumega o banquete enorme
De ferro e fogo! Está bom!...
Tudo ri, palpita, avança...
Que o rei tambem tome a lança,
Se tem brios um Bragança,
Se tem valor um Bourbon!

O povo sacode o somno
Da cabeça que descai:
Senhor! d'altura do throno
Vêde a mão de vosso pai,

Limpando todas as frontes,
Passando em montes e montes,
Por cima dos horizontes
A' cata do Paraguay!...

E temos peitos vetustos,
Que batem sempre leaes;
Amagos d'homens robustos,
Que ainda guardam mortaes,
Antigas, ferventes ascas...
Do tronco saltam as lascas:
Mazeppas, Arabes, Guascas,
Vêde lá: quem corre mais?

No coração desta gente
O bravo suffoca o ai.
Que ferros! o cedro ingente
De um golpe derreia e cai;
Ceda a republica insana,
Se emfim não se desengana.
Espada pernambucana,
Desembainha-te e vai!

Vai tu, que não geras fracos,
Cidade, que abres aos sóes...
Cornelia mãi de cem Grachos,
Viuva de oitenta heroes!
Quem ha que o collo te dobre?
Terrivel, sincera, nobre,
Limpaste as faces de cobre
Das batalhas nos crysóes!

Não falla, não ri, não medra
Comtigo estranha altivez;
Tu tens nas unhas de pedra
Cabello e trapo hollandez...
Teu bafo que accende a gloria,
Suspende a poeira da historia
Em turbilhões de victoria;
Venceste por uma vez!

Levantas o braço forte
E o raio matas na mão!
Como um aceno de morte,
Os Guararapes lá estão!...
Volupias de fogo exhalas,
As petreas juntas estralas,
E pões-te a salvo das balas
Por detrás de Camarão.

Guerreiro a morrer affeito
Defende o Brasil, que é seu;
A hora sôa no peito,
A cicatriz é tropheu.
Da patria as manhans coradas,
As tardes acabocladas,
Flores, mulheres amadas,
São estrophes de Tyrteu...

(1865)

III

Os Leões do Norte

(AOS VOLUNTARIOS PERNAMBUCANOS)

Se ha quem possa ter visto em noite lugubre
De tempestade, despota bramindo,
Nas primitivas solidões das selvas
Estorcerem-se as arvores gigantes,
Em contracções de dôr, rugindo iradas,
E, ao abrir do relampago, estalando
Altos cedros que o raio despedaça,
Passar um vulto de caboclo impavido,
Sacudindo os cabellos, indomavel,
Atrás das feras disparando settas,
Grande, rebelde ás leis da natureza;
Se alguem já vio, imaginou tal scena,
Poder-me-ha dizer que dessa tempera
Só ha, seguindo sempre a sua origem,
Fortes, fortes assim do norte os filhos,
Quando se atiram rigidos, invictos
Nas procellas crueis que as armas fazem,
E embrulhados na nuvem tenebrosa,
Com que os encobre o anjo das batalhas,
Sobranceiros á morte que rechaçam,
Galgam da gloria o escarpamento altissimo,
Pelos raios da guerra illuminados!...

Terra de bravos, raça de valentes,
Tu és o punho do gigante imperio!
Terra de bravos, raça de valentes,
Desde quando nos musculos selvagens,
No solo virgem, no amago dos troncos,
Livre corria do Brasil a seiva;
Desde quando rugiam nas florestas
A torrente, o caboclo, a onça, o vento;
Desde o arco encurvado por Tabyra,
Té o gladio brandido por Lamenha!
Só este nome encerra uma epopéa;
Pois que de quantos houve heroes honrados,
Que ainda ha pouco a patria ennobreciam,
Que, suffocados no silencio eterno,
Fumegantes ainda dos combates,
Como os leões a pernoitar nas grutas,
Recolheram-se aos tumulos... foi elle,
Que, ajustando o valor com a lealdade,
Sob o azul deste céo lançou mais brilho,
Fez mais rapido a orbita da espada!
Só Pernambuco tem destes modelos.
Imitemol-os todos, imitai-os,
Vós, que tendes no peito ardendo occulta
D'almos brios a flamma inextinguivel,
Para brilhar n'um dia de vingança...
O que ha de illustre, glorioso e bello,
Que se dirige a nós, ao nosso mundo,
Longe no abysmo do porvir immenso,
Branqueando como a vela de Colombo,
Só se avista bem, só se descobre
De cima desses tumulos heroicos,
Promontorios do mar da eternidade...

Imitemol-os todos, imitai-os,
Vós, que a patria podeis salvar do opprobrio;
Vós, que daqui sahis, deixai que eu diga,
Inexpertos, incognitos, pequenos,
E amanhã vos tornais grandes, esplendidos,
Da victoria ao clarão transfigurados!

E' mister que o Brasil, se erguendo altivo,
Despreze de uma vez, não mais aceite
Os apertos de mão, que lhe prodiga
D'além do mar a perfida amizade.
O mundo sabe a nossa historia. Tudo
Que ha de heroico entre nós tambem foi feito.
Quem duvida? O oceano interpellado
E' capaz de attestar esta verdade,
Arrojando indignado em nossas plagas
Armas, destroços e almirantes batavos!...

Ide varrer o Sul, tufões do Norte!
O Deus de Camarão vos abençôa.
E Olinda, a triste, a pensativa Olinda,
Tem mais um pranto que chorar de gloria,
E um facto que contar aos vossos netos...

(1865)

IV

Sete de Setembro

Quando os céos limpos, attentos,
Fallavam com as solidões,
Cheias de estremecimentos,
De vastas palpitações;
No dia em que o luso Diogo
Ficou o homem de fogo,
Que a taba curva adorou,
De frente, encarando o raio,
Houve um que disse: não caio!...
E rio-se e não se curvou!

Era um irmão de Moema,
Que amava Paraguassú;
Ergueu a fronte suprema
E disse ao luso: que és tu?
Vio toda a tribu prostrada...
Fugio; e a setta irritada
Que elle atirou para o ar,
Varando através dos annos,
No coração dos tyrannos
Ha de um dia se cravar...

Rolam os astros, os dias,
E o grande dia não vem:
Cada povo o seu Messias
Aguarda, espera tambem;

Supporta, suspira, anceia
Pelo homem, pela ideia,
Que passa e se faz nação...
Para que tudo estremeça,
Basta erguer-se uma cabeça,
Cheia da revolução!...

Ergueu-se: foi decepada.
Ergueu-se outra: cahio.
Mais outra: ainda calcada...
Ao longe um brado se ouvio!
Era o espirito das matas,
Os turbilhões democratas
Que a liberdade produz,
Fazendo os thronos vergarem
E os reis se descoroarem,
Cortejando a nova luz...

Mais de uma fronte abatida,
Sangrenta, humilde no pó,
Suspendeu-se esclarecida
A' luz deste dia só.
E todos, que despertaram
Com o ferro em punho, esbarraram...
Porque Deus, que ama os perdões,
Disse aos livres, que rugiam,
Que inda vingar-se queriam:
Tranquillisai-vos, leões!

(1865)

V

Em nome d'uma Pernambucana

Nas unhas de ferro de infames rapaces
Lá morre o soldado que a patria enviou!
Por elle uma lagrima inunda... que faces!
Se ainda ha quem vacille, quem diga: não vou!...

Assim é que a vida se cobre de flores,
De beijos, de risos, de dias caudaes...
Dest'arte é que vamos a ser uns senhores
Galantes, mofinos, covardes, banaes!

Na orgia de fôgo, ao abrir de mil boccas,
Quem déra uma taça, um talher para mim...
Ah! fibra medrosa, que o peito me apoucas,
Rebento-te, infame, se tremes assim!

Ruido nos mares; clarão no horizonte...
Os nossos murmuram: são elles que vêm!
Por cima das serras lampeja uma fronte...
E' o sol, alevanta-se; é nada, ninguem!...

Que é desses valentes que abraçam as glorias,
Que plantam cidades nos seus mausoléos?
Oh! vinde escaldar-vos, ao sol das victorias,
Espadas geladas no fundo dos céos!

*
* *

Volvem-se os ossos da historia,
Olha-se em torno .... ninguem!
E' o eclipse de uma gloria
Em pleno dia... pois bem!
Impetos d'almas ardentes,
Corações, forças, torrentes,
Vós todos que cavalgais
De um pulo os corceis da morte,
Guerreiros, ventos do norte,
Deus de Vieira, onde estaes?

De suas irmãs aos gemidos,
A mais valente, pasmae!
Com as mãos tapando os ouvidos,
Responde que lá não vai!...
Póde Achilles agastado
Sahir, e vêr-se vingado;
Porém tu, cidade, não...
Negas a tua phalange?!
E's a bastarda de Orange,
Ou Clara de Camarão?

Corre da patria em defesa,
Fé no triumpho que vem.

Diante de tua grandeza
Eu me engrandeço tambem.
Vê do passado as entranhas:
Sepulchros, trophéos, montanhas,
Esqueletos de Titães,
Nomes que os mundos ouviram,
Garras, jubas, que inda inspiram
Terror aos rabidos cães!

Sob os seios tumulares
Que heroicas palpitações,
Quando abrem em nossos ares
As azas dos batalhões!
São esses de peito forte,
Meio engolidos da morte,
Sublimes, descommunaes,
Que o golphão da noite escura
Some-os até á cintura,
Sómente, não póde mais.

Emmudecidos, guardados,
Porque não querem luzir
Corações acrysolados
No brasileiro sentir?
Que gelo em torrida zona!
Do Deus, que nos abandona,
Vingai-nos, velhos heróes:
Vossas testas são levantes,
Lavae as barbas, gigantes,
No sangue dos arrebóes . . .

Os mortos.... eil-os na frente!
E os vivos.... onde é que estão?
Que quer o povo? que sente?
Medo de morrer? oh! não!
Morrer é soltar um grito,
Que rola pelo infinito,
Terrivel, terrivel sim!
E o nome, o valor subido,
A gloria, fama é o ruido
Daquelle rolar sem fim.

(1865)

VI

Partida de Voluntarios

São elles que partem... Nos olhos vermelhos
Que accende a coragem, que inflamma o valor,
São raios do Norte. Lopez, de joelhos!
Estão quentes ainda das mãos do Senhor.

A patria chamara-os. O espectro da morte
Lançou-se adiante: pozeram-se a rir...
Chamara-os de novo: pancada mais forte
Soou-lhes no peito: quizeram partir...

Sentiram-se presos. De um impeto os laços
Rebentam-se todos nos seus corações;
Int'resses, affectos, caprichos, abraços,
Cadeias de palha não prendem leões!

(1865)

VII

N'um dia nacional

E' mais um dia azul, um astro de ouro,
Que passa e volta nos vaivens do tempo,
Onda que arroja a eternidade limpida,
Banhando de esplendor a face augusta
Da nação, que se ostenta ousada e forte...
São palmas para ti, terra fecunda
De valentes e bons. São palmas tuas,
Terra em que o genio e o sol são populares,
Joven patria de heroes!
Que outros te vejam
Grande, estendida, vastidão prostrada
Do Amazonas ao Prata em somno estupido...
Quero ver-te de pé, pisando em nuvens!
Soergue-te, Brasil, fita mais alto,
E lança a voz aos échos do infinito,
Aos combates, ás luctas gloriosas
Que o futuro longinquo te promette;
Leva comtigo o teu passado illustre
De robustas acções. Leva comtigo
Da luz o seculo, auroral, brilhante,
Como de Homero os colossaes guerreiros
Meio nús mergulhavam nas batalhas,

Com seus mantos de purpura no braço!...
Atira a voz aos échos das alturas;
E no teu avançar para a conquista
Das estrellas que além te chamam, tendo
Na larga dextra a tocha do progresso,
Projectando tua sombra sobre os mundos,
Com tua indole propria de cometa,
Ergue o punho, desloca-te do globo
E sacode no espaço os teus cabellos!

Perante os vendavaes os troncos rangem
A' face dos leões a grei se esconde,
Ao grito dos heroes as armas tremem.
Cada guerreiro que por nós combate
E' a ira de Deus que se faz homem;
Tem na espada o relampago, e no peito
O subterraneo palpitar da patria.
Labora a chamma, a serpe se contorce,
A guerra avança, o Paraguay recúa!...
Do seculo que passa o genio ousado,
Que conduz as nações ao grande, ao bello,
Definha e morre alli, como um antigo
Prisioneiro de Francia. As ferreas portas
O Brasil vai-lhe abrir, bradara o povo.
Mas nós, que combatemos e que amamos
As victorias sem sangue, como auroras
Que não tem arrebol; nós, que vencemos,
Sejamos bons. A obra heroica do homem,
O triumpho, a conquista, o louro, a palma,
Todos os feitos da grandeza humana,
Face á face com Deus, com as obras suas,

Não igualam, não valem na belleza
Uma gotta de orvalho, que scintilla
No calix de uma flor...
No céo, na terra
O que ha de grande, as arvores, as aguas,
A procella com todos os seus raios,
O oceano com toda a sua colera,
Face á face, grandeza por grandeza,
Lucta por lucta, esforço por esforço,
Tambem não valem, no ideal que encerram,
Um paixão que se no peito esmague,
Um só dever cumprido, um grito, um impeto,
No fundo d'alma comprimido e morto!

*
* *

Limpas de sangue as espadas,
Limpos de sangue os trophéos,
De gloria as faces banhadas,
Banhados de gloria os céos;

Açoitam nossos ouvidos
De ethereas harpas os sons...
Perdão aos pobres vencidos,
Guerreiros, sejamos bons!

(1865)

VIII

Capitulação de Montevidéo

JUNTEMOS as almas gratas
De collegas e de irmãos;
Que o vento que acorda as matas
Nos toma os livros das mãos:
A vida é uma leitura,
E, quando a espada fulgura,
Quando se sente bater
No peito heroica pancada,
Deixa-se a folha dobrada
Emquanto se vai morrer...

Quando a patria geme afflicta,
Nobre mãe rojada ao chão,
Seguil-a em sua desdita
E' fazer como Catão:
Empunhar um ferro heroico,
Craval-o no peito stoico,
Dizer sorrindo: eis aqui!
Derramar o sangue futil,
Trapo de purpura inutil
Que a alma repelle de si...

Não permittamos que fallem
Campas illustres por nós:
São grandes, mas já não valem,
Phantasmas, sombras de avós.
Se vos cobris de flagicios,
Ociosos, nobres, patricios,
Diz Mario, se nada obraes,
Que importam avoengos brios,
Caducos, mansos e frios,
Raios que não prestam mais?

Que leio em vossa alma inquieta?
Peso de Montevidéo:
Tombaste, diz o propheta,
O raio applaude no céo!
E Pernambuco anhelante
Suspende na mão possante
O peso do Paraguay;
Dá de escarneo uma risada,
Cerra o punho e a sua espada
Desembainha-se e vae...

Já das victorias que correm
Nitrem os rubros corceis,
Os fortes avançam, morrem;
Erguem-se espectros crueis!
Levam dos gladios terriveis,
Rubidos, quentes, flexiveis,
Como linguas de leões;
Gritam, a morte se assusta,

Vôa tonta e barafusta
Nas azas dos pavilhões!

E tinem os musculos de aço
Do brasileiro valor;
O heroe alevanta o braço,
Clamando: esperai, Senhor!
Tudo nosso, nada alheio!...
A sorte van neste meio
Não ponha o seu pé fatal:
Tendo os auxilios divinos,
Chamar-nos-hão de mofinos!...
Senhor, sêde imparcial!

Bem como os rios valentes,
Que avançam além da foz,
Distinctos, independentes
Das aguas do mar feroz,
Desses que a patria defendem,
E aos sacrificios se rendem,
Guardando os direitos seus,
O vulto impetuoso e forte
Avista-se além da morte,
Não se confunde com Deus...

Esses, que alargam os peitos
E as mãos para sustentar
Vastos planos, grandes feitos,
E a fama enorme empolgar,
Da altura precipitados,

Rolam nos céos abraçados
Com suas nobres acções,
Deixando impressos os dedos
Nos poemas, nos rochedos,
Nos bronzes, nos corações!...

(1865)

IX

Viuva e filhos do capitão Pedro Affonso

Era n'um dia de gloria:
Passava, tristonha e bella,
Criança d'alma singela,
Folha d'ethereo jasmim;
As multidões estacaram,
Que o pobre do anginho implume,
Em mavioso queixume,
Passava fallando assim:

«De minha mãe os cabellos
A dôr da viuvez espalha...
Meu pae morreu na batalha,
Grandes da patria, escutae:
Não sei quem é que permitte
Que se tenha um máo destino,
Que se soffra tão menino,
Que a gente fique sem pae...

Póde ficar nas florestas
Passaro orphão perdido;
Existe um desconhecido,
Que não no deixa morrer;

Manda ao sol que lance um raio
Para aquecel-o no ninho,
E diz: abre o teu biquinho,
Venho dar-te o que comer.

Dorme no berço a criança,
Que perde seu pae valente;
Languece, definha, sente
Falta de paterno amor...
Ai! quando as aves se aquecem
Pelos cuidados divinos,
Não acho bom que os meninos
Chorem de frio, Senhor!

O caçador das montanhas
Exclama, sondando o ninho,
Que bello!... meu passarinho!
E ao seio crial-o vae:
Não diz o homem que aspira,
Que atrás da gloria se lança,
Bravo!... achei uma criança
Tenra e mimosa, sem pae!

Mas eil-o em seu alto feito
Seguro, impavido e forte...
Se indago por sua morte,
Todos me dizem: Teu pae
Foi qual aguia, que, morrendo,
Fica n'altura escarpada
Pelas garras pendurada,
Que morre, porém não cae!...»

Calou-se, o povo magoado
O anjo triste abraçava;
E Deus attento escutava
Os ternos queixumes seus;
Por que ha lagrimas tão puras,
Que, mal sentidas no mundo,
Fazem lá dos céos no fundo
Franzir a fronte de Deus.

E é quando em prol, em soccorro
Do orphão, que é sempre pobre,
Rebentam no peito nobre
Lances d'illustres acções;
Por que, subito expandindo-se,
Um pensamento divino,
Como o frescor matutino,
Penetra os bons corações.

(1867)

X

Guerra hollandeza

(FRAGMENTO)

Barreto diz: «Somos poucos
De encontro ao troço hollandez;
Que vamos fazer, ó loucos?
Morrer inglorios, talvez...»
«General, brada Vieira,
Foi minha a ideia primeira,
O passo primeiro é meu!
Morreremos neste extremo...»
Camarão ruge: «não temo!»
Henrique Dias: «nem eu!»

(1861)

XI

Caxias e Herval

No céo, bem longe onde echoam
Da gloria os sons marciaes,
N'altura em que os anjos voam,
Resplende um astro de mais;
E' o corpo deste imperio,
Pedaço d'um hemispherio.
Que dá pr'a vinte nações;
E' uma lasca do globo,
Que, das victorias no arroubo,
Vôou ás constellações.

A' frente augusta da historia
Assoma um grupo immortal;
Que um mesmo raio de gloria
Ligou Caxias e Herval:
Fulgor de duas espadas,
Que, sobrias, enfastiadas
Daquelle sangue servil,
São as pontas do compasso,
Que traçou larga no espaço
A evolução do Brasil!

(1868)

XII

Queda de Assumpção

«Nas vascas de um sonho estranho,
(Diz o vate do Senhor)
Eu vi um povo rebanho,
Sem aprisco e sem pastor!
Eram profundas torrentes
D'homens robustos, valentes,
Que rolavam do aquilão;
Eram guerreiros sem dono!
E vi levantar-se um throno
Junto ás portas de Assumpção.»

Cortezan dos dictadores,
Canta, folga, dança .... Emfim
Tu vais cahir aos clangores
Do brasileiro clarim;
Sentindo que abrem teu peito,
Saltarás nua do leito
Em gritos de insensatez ....
Ninguem rirá de teu pranto,
Que o imperador com seu manto
Cubrirá tua nudez!

(1870)

XIII

Fim da Guerra

Se ha hora em que mais prezemos
O direito de morrer
Por aquillo a que devemos
Peito e braço offerecer,
E' quando o labio não mente,
Quando a alma estúa fremente,
Porque liberrima gente
Suffoca um povo servil!
E o astro acceso da gloria,
Mais o gladio da victoria,
Mais uma folha da historia
Reluz na mão do Brasil!

De sangue levada a custo
Venceu-se a lucta mortal;
E se sei que Deus foi justo,
Sei que foi imparcial!
Contra o ferro paraguayo
Forja-se aqui muito raio;
Não ha tremor, nem desmaio,
Nem lei que faça esbarrar.

Na hora do desengano
Cresce o valor sobrehumano
E a cabeça do tyranno
No abysmo ouviu-se rolar.

*
*   *

Se houvesse desta lucta uma só gloria,
Um só raio de luz indivisivel,
Este era todo para dar ao povo,
Que ainda sente o sacrificio horrivel.

E se do seio popular brotaram
Combatentes de homerica estatura,
Porque entre os semideuses da victoria
A presença do rei tambem figura?

E' que ha tantos triumphos, tantos brilhos,
Tantos louros que a historia não abarca,
Que, repartidos pelo povo inteiro,
Fica sempre um quinhão para o monarcha . . .

(Maio de 1870)

XIV

Dois de Julho

(FRAGMENTO)

Na frente dos bellos dias
Que trajam mais viva luz,
Desfilando entre harmonias
No vasto imperio da cruz,
Passa um dia sublimado,
Qual guerreiro namorado,
Valente, bravo e gentil,
Que traz a gloria estampada,
Na face meio embaçada
Pelo alento do fuzil.

Neste dia, sempre novo,
Entre os applausos do mar,
Entre os ruidos do povo,
Vai a cidade fallar....
Actriz magestosa e bella,
Fallando só e só ella
Diante de duas nações,
Representa um alto feito,
Que arranca bravos do peito
De emmudecidos canhões.

(1861)

XV

Volta dos Voluntarios

Inda têm fogo nos olhos!...
E as armas inda estão quentes!...
A face destes valentes
Faz medo, custa a encarar,
Para não ler as palavras
Que o anjo da guerra imprime
Na fronte heroica e sublime
Que elle não póde curvar!

Palavras fundas e lugubres,
Que traçam esta sentença:
Não achareis recompensa,
Que a lei dos homens não dá...
E oxalá que em algum dia,
Tendo saudades da morte,
Não clameis: feliz a sorte
Dos que não voltaram cá!

Que dizes, pendão soberbo,
Trapo de raios e glorias,

Por combates e victorias,
Que ainda fazem tremer,
Esta reliquia de bravos,
Fundidos em altos feitos,
Com a vastidão de seus peitos,
Chegas tu para envolver?

Não vos lembreis dessas horas
De universal agonia,
Quando, aos ais da artilheria,
Refulgem os gladios nús;
O inferno cospe a metralha,
Fuzila o raio mais forte,
Diz a bala: eu sou a morte...
Diz a morte: eu sou a luz!...

Entrae, golphadas do abysmo,
Primogenitos da guerra,
Que pisaes de novo a terra
Glorificada por vós.
Desconfiaes do futuro?
Não, não! a patria não mente,
De tudo é ella innocente,
Pois a patria somos nós.

Somos nós que só com flores
Remunerar-vos podemos;
Se outros titulos não temos
Para dar-vos, não zombeis...

A' altura em que estaes erguidos
Braço d'homem não attinge,
Nem regia dextra vos cinge
Dos louros que mereceis....

(1870)

XVI

Diante de um batalhão que voltava da campanha

Lavas de gloria, aos terremotos d'alma,
Queimam os peitos de paixões estranhas:
E' o povo que pesa os seus guerreiros,
Como os deuses pesavam as montanhas...

Homens do céo, phantasticos, enormes,
Que sondastes o golphão do heroismo,
Inda tendes nos pés ensanguentados
Agarradas as perolas do abysmo!

Tendes na fronte um resto de fumaça
Que trazeis das batalhas, e os resabios
Do cartucho mordido se misturam
Com o soberbo desdem dos vossos labios.

O pendão que os relampagos rasgaram,
Dás mãos da guerra bravamente escapo,
De que póde servir? O rei tem frio...
Dae ao rei por esmola... este farrapo!

(1870)

XVII

Decadencia!

Nós já não temos caracteres nobres,
Nem voz, nem sombra de Catões e Grachos:
O céo tem pena de nos vêr tão pobres,
O mar tem raiva de nos vêr tão fracos.

Por que não te ergues, oh Brasil fecundo,
Por vastas ambições, por fortes brios?...
Que gloria é esta de mostrar ao mundo,
Em vez de grandes homens, grandes rios?...

Bastas selvas, um céo azul immenso,
Que os corações em flôr bafeja e rega;
Uma terra abrazada como incenso,
Que do sol no thuribulo fumega?

Nada val, se não ha quem se offereça
Para d'alma arrancar-te o negro espinho...
Tudo em baixo!... não surge uma cabeça
Em que as altas ideias façam ninho!...

Donde é que teu primor, patria, derivas?
Por que ao orgulho ingenua te abandonas?
Ai!... as outras nações dizem altivas:
Pitt, ou Bismarck; e nós?... o Amazonas!...

O sceptro é nullo; e os animos languescem
Da indifferença no pesado somno...
Não vêm as horas em que as aguas crescem,
E a onda morde na raiz do throno...

Que o povo falle, isto é, prenda na bocca
A escuma, a raiva, o fel dos oceanos
E a braza dos vulcões! materia pouca
Para cuspir na face dos tyrannos...

Tyrannos? sim, que matam o progresso,
Que suffocam a luz e o direito,
Para quem toda ideia é um excesso!...
Não ha mais fogo do Brasil no peito!...

(1870)

XVIII

O Rei reina e não governa

(APOLOGO)

NÃO sei porque a lingua humana
Os brutos não fallam mais,
Quando hoje têm melhor vida,
E ha muita bêsta instruida
Nas sciencias sociaes...

Ultimamente entenderam
Que tinham tambem razão
De proclamar seus direitos,
Pondo em uso os bons effeitos
Que trouxe a Revolução...

«Seja o leão, diz o asno,
Um rei constitucional;
Com assembléas mudaveis,
Com ministros responsaveis,
Não nos póde fazer mal.

Fiquem-lhe as garras occultas,
Não ruja, não erga a voz,
Conforme a these moderna
Qu'elle reina e não governa,
Quem governa somos nós...

Todas as bêstas da terra,
Todas as bêstas do mar
Tenham os seus delegados,
Sendo os ministros tirados
Do seio parlamentar...»

«Muito bem! grita o macaco,
A gente vai ser feliz!
Respeito a sciencia alheia;
Publicista de mão cheia,
O burro sabe o que diz.

Todavia, acho difficil
Que Dom Leão rugidor,
Sujeito á sêde e á fome,
Queira ter sómente o nome
De rei ou de imperador!...

Acostumado a pegar-nos
Com suas patas reaes,
Calar-se, fingir-se fraco!...
Segundo penso eu... macaco...
Dom Leão não póde mais!»

Acode o asno: «eu lhe explico,
Nada val a objecção:
Se o rei viola o preceito,
Salvo nos fica o direito
De fazer revolução».

«Mestre burro, isto é asneira,
Palavrão de zurrador,
Esse direito é fumaça;
De que nos serve a ameaça,
Quando nos falta o valor?

Só vejo, que bem nos quadre
No throno, algum animal,
Que coma e viva deitado:
O *porco*!... Exemplo acabado
De rei constitucional...»

(1870)

XIX

O general Deodoro da Fonseca

Entre os actores do drama,
Do vasto drama da historia,
Sobre o palco das batalhas,
Que illumina o sol da gloria;

E' bello o papel d'aquelles,
Dos poucos que são felizes
Em mostrar nos peitos nobres
O brazão das cicatrizes.

Vós sois do numero desses,
Que em prol da patria adorada,
Abrem caminho ás estrellas
Com a ponta da sua espada.

Gladio ardente, que, envolvido
Da guerra nas nuvens pretas,
Percorre a orbita immensa
Mais depressa que os cometas.

Vós sois do numero desses,
Que dizem ao raio: vamos!
E a victoria com os seus anjos
Responde rindo: aqui 'stamos!

Em nome da patria augusta
Que a vossa espada defende,
E em cujo altar a memoria
De heroicos feitos rescende,

Em nome da patria santa,
No dia dos vossos annos,
Quando os genios do combate
De vós se lembram ufanos;

Deixai que pague o tributo,
Que mais falla ao coração,
Aguia sem rapacidade,
Grande heróe sem ambição!

(5 de agosto de 1877).

PARTE III.ª

ESTHETICAS

I

Polka Imperial

Esta polka é o nectar dos anjos
Preparado de orvalho e de mel;
E' o som da carreira infinita
De auri-rubro celeste corcel.

E' cascata de vivos diamantes,
Borrifando um tapiz de esmeraldas;
E' o brinco de deusas travessas,
Desfolhando laureis e grinaldas.

Peregrina harmonia de anhélos,
De ternuras, de castos desejos,
Confusão de soluços e prantos,
De suspiros, afagos e beijos...

Esta polka é o halito ardente
De cem pallidas virgens formosas,
Que adormecem, cantando abraçadas
Sobre um leito coberto de rosas.

E' a doce agonia sonóra
Da menina pudíca e modesta,
Que murmura, sonhando agastada
De algum sylpho beijal-a na testa...

E' o mêdo da noiva que sente
Mão de sombra tirar-lhe a capella;
E seu anjo, escondendo a cabeça,
Canta um hymno, e despede-se della.

São auroras que ao longe sacodem
Aureas franjas de rutilo véo:
Tudo isto guardado n'um sonho,
Tudo isto passado no céo...

E parece que ao som desta polka
Fallam, cantam visões sobre humanas;
E levantam-se, cheios de perolas,
Alvos braços de lindas sultanas.

E parece que ao som desta polka
Brandem gladios, que tiram scentelhas,
Multidões de guerreiros gigantes,
Balançando as plumagens vermelhas...

E contempla-se um rosto encantado,
Desses rostos que Byron descreve,
Como um dia polar, calmo e bello,
Bello filho do sol e da neve.

São arfadas de seios feridos
Por saudosas e gratas lembranças;
São gaivotas, que batem as azas,
São donzellas, que soltam as tranças.

São mysterios que ahi se descobrem,
Loucas fadas, que rompem as vestes,

Cherubins, que apedrejam com astros
Esse bando de garças celestes.

São edenicos pomos mordidos,
Doces saibos por elles deixados;
Ternos olhos, que trocam affectos,
Rubros labios a furto osculados...

Esta polka é o amor que enlouquece,
O tormento, o ciume que falla:
E' o sangue, jorrando em golphadas
D'alvo peito que Othello apunhala.

São pedaços de carta amorosa
Lacerada por mão feminina,
Que, animados de amor, se tornaram
Borboletas azúes da campina...

São cochichos das brísas odóras,
São recados de occultos amores,
Que as estrellas recebem das ondas,
Que os archanjos recebem das flôres.

Não ha mais... não sei mais o que diga:
São palavras de mimo e carinho,
Que profere, embalando nos braços,
Joven mãe ao primeiro filhinho...

(1867)

II

Libia Drog

Como aura subtil, que vem de longe,
Carregada do effluvio redolente
De flores matinaes, que não têm nome,
Como nome não tem o que a alma sente;

Sim, como brisa, oriental, cheirosa,
Que azula os céos, que os mares abonança;
Que passou pelos campos da innocencia,
Pelos valles sombrios da esperança;

Tal chega-nos a voz melliflua e pura,
Que sae dos labios teus, sempre risonhos,
E invade o coração, té no mais fundo
Das doces illusões, dos vagos sonhos...

A que estranho paiz, pois, nos conduzes,
A que esphera de luz nos arrebatas?
Tu convertes o palco em um rochedo,
D'onde rolam os sons de aureas cascatas;

N'uma ilha encantada, além deserta,
Para onde não ha barco e nem vela;
Onde aos pés de uma deusa um anjo canta,
Dos céos expulso pelos olhos della...

Mas tudo vai findar!... Tu vaes deixar-nos...
São sempre cousas que se dão na terra;
Não fallemos de glorias e futuros,
Passageira illusão que o mundo encerra.

Ninguem tem mais razão de amargas queixas
Da vida do que as rozas... Entretanto,
São philosophas, riem-se, e não pensam,
Que amanhã já é murcho o seu encanto!

Faze assim, saborêa o mel dulcissimo
Destes momentos idêaes, supremos...
E depois, que te importa? nós ao menos
Te juramos que não te esqueceremos.

Pelos suspiros, pelos ais de *Lucia*,
Grata essencia que ainda respiramos,
Pelo canto ridente de *Rosina*,
Pelas pernas de *Oscar*, nós te juramos...

Te juramos, por tudo que cantaste,
Por tudo que, em teu calice mimoso,
Nos deixaste sorver, jasmim d'Italia,
De suave, de terno e doloroso!...

(1881)

III

Adelaide do Amaral

Sou grego pequeno e forte
Da força do coração,
Vi de Socrates a morte,
E conversei com Platão;
Sou grego; gosto das flores,
Dos perfumes, dos rumores;
Mas minh'alma inda tem fé;
Meus instinctos não esmago,
Não sonho, não me embriago
Nos banquetes de Phriné . . .

Se eu já tivesse um instante
Descrido do teu poder,
Genio, mulher fulgurante,
Que o palco fazes tremer,
Louco, sceptico, blasphemo,
Pelo teu raio supremo
Varado no coração,
Cahira humilhado e crente;
Falla Deus da sarça ardente
E o impio grita: perdão!

No meio dos esplendores
Das noites do teu brilhar,
Não perguntes se houve flores
Lançadas ao teu altar:
Pergunta aos astros sentidos,
Aos olhos humedecidos,
Se o coração te escutou,
Se as fibras d'alma tremeram,
Se as harpas do céo gemeram,
Se alguma virgem chorou.

* * *

Quem vive do pensamento
No merencorio retiro,
Que nem um leve suspiro
Deixa do seio escapar;
Quem tem n'um cofre de estrellas
Seu coração escondido,
Tão molle, tão dolorído,
Que as flores podem magoar;

Quem tem sua alma queixosa
De Deus envolto em mysterio,
Quem acha que tudo é serio,
Que é serio o pranto da flor;
Quem fita a noite serena,
Suspenso n'um vago medo,
Quem diz á lua: segredo!
Não falles na minha dor;

Quem sorve aromas celestes
Pelo olfacto da esperança,
Quem tem affectos .... descança,
Que para ouvir-te aqui vem,
E ha de applaudir-te sincero
E, em tuas lagrimas puras
Bebendo as santas doçuras,
Comtigo chorar tambem.

(1866)

IV

Julia Tamborini

Do teu canto na ternura
Doce, doce, que faz mal,
Sente-se a extase pura
Da vida celestial;
Tanto a musica é mais bella
Na tua voz, que revela
Bondades do coração,
Como que attrahes aos ouvidos
O som dos beijos perdidos
Que os anjos no céo se dão.

A' força do orgão que vibras,
Aos brílhos do teu cantar,
Do peito expandem-se as fibras
E as almas querem voar...
Em busca do impossivel,
Atrás da flor invisivel
Que perfuma os labios teus,
Flor de luz qu'enche o espaço,
Lançada no teu regaço
Por um afago de Deus.

Que notas! que auras macias!
Dir-se-hia que a ignea mão
Do archanjo das harmonias
Aperta o teu coração!
Aperta... e brota a doçura,
O mimo, a graça, a frescura...
Basta! archanjo, isto é atroz!
Aperta... e rebenta o pranto,
O aroma, o fogo, o quebranto,
E o incenso da tua voz!...

(1868)

V

Arthur Napoleão

QUEM póde dizer-te avante?
Nesta altura é só deixar,
Como sombra de gigante,
Largo a fama se estirar...
No vivo abysmo em que tocas,
Amarras, prendes, suffocas,
As ancias do mundo réo;
Calando as vozes da terra,
No ouvido, que se descerra,
Fazes entrar todo o céo!

D'alma presa aos teus enleios,
Enchendo os espaços vãos,
Tu palpas da gloria os seios,
Que arquejam nas tuas mãos!
Parece que nesta vida
Cada lagrima perdida
Teu pulso em notas reduz,
Em notas que vêr se podem...
São legiões que sacodem
As cabelleiras de luz!

E quando ameigas as fibras
De tudo que pasma aqui,
A' cada nota que vibras,
Não vês por detraz de ti
Loira, celeste menina,
Colhendo a flor matutina
Dos sons que sabes tirar,
E um anjo de roupas cérulas
Rindo, apanhando-te as perolas,
De que faz o seu collar?

Fallado assim pelo mundo,
Bemdito e admirado vaes,
Sondador do argenteo fundo
Das harmonias caudaes.
Assim augmentas a historia
Dos condemnados á gloria
De subjugar corações...
Tu, com quem ha se abraçado
Portugal, resuscitado
Do sepulchro de Camões!

Quantos anjos não quizeram
Comtigo trocar as mãos!
Os vates honras tiveram
De os chamares teus irmãos!
Vós, que abris os peitos nossos,
Homens, talentos, collossos,
Grandes vultos, coripheus,
Vós para quem a alma investe,
Sois a nobreza celeste,
Os escudeiros de Deus!

Passando entre elle e o homem
Estes enormes, vereis
Como devoram e somem
Na sombra o lustre dos reis.
Seu nome, capa inconsutil,
Veste-os; o sol é inutil;
Vida e calor elles dão.
Ante elles tudo escurece,
Deus mesmo perder parece
Um pouco de seu clarão.

Tu és um desses. As vistas
Não arredes, vai, feliz;
Reune tuas conquistas
Aos louros de teu paiz.
Como de luz que o esclarece
Portugal de ti carece,
Tendo um throno e tendo um rei!...
Faze que a inveja se estorça;
O teu piano é uma força,
E o teu talento uma lei.

(1865)

VI

Joaquim Augusto

Quando por cima das nuvens
Tão alto o genio fulgura;
Quando assume essa estatura,
Essa attitude de rei,
Despota, impondo nas almas
Seu nome, sua grandeza,
Faz parte da natureza,
Como vida e como lei!...

Se em marmor talhar pudesse
O teu olympico vulto,
Como um preito e como um culto,
Mostrando ao vivo o que és,
Nas mãos puzera-te um drama,
Pelo teu bafo animado,
Uma aguia, um anjo a teu lado,
E um coração a teus pés!...

(1866)

VII

Desanimo

Em nossa época abatida, exhausta,
Pobre de sonhos, época de prosa,
De pedra e ferro, em que ninguem mais falla
Nos risos d'alva, no frescor da rosa;

Nesta phase do seculo, em que as artes
Já não servem de norma ou de medida
Para tomar as dimensões de um povo,
E calcular-lhe os impetos da vida;

Morta no céo a luz da poesia,
Morta no peito a flor do sentimento,
Não se toleram mais idolatrias,
Nem mesmo a idolatria do talento...

Faz medo vir ainda em horas doces
Sentar-se a sós á borda do oceano,
E ante o golphão azul da immensidade
Pensar no abysmo do destino humano.

Faz medo assim tambem perante o merito
Vir curvar-se contricto e reverente,
Porque aqui, como alli, vem espreitar-nos
A risada da critica descrente...

Não importa. No altar d'alma escondido,
Que os interesses deixam impollúto,
Pela mão da justiça conduzido,
Venho humilde pagar-te o meu tributo.

Um tributo ao artista, que na gruta
Santa, harmoniosa de seu peito encobre
Todo o thesouro de um caracter firme,
De um grande coração, de uma alma nobre.

Tu vaes partir; que o nume que te inspira,
Sob as azas da gloria dê-te abrigo!
Tu, que, alem d'arte do cantar esplendido,
Sabes a arte tambem de ser amigo...

(1884)

VIII

O pianista Hermenegildo

CADA seculo — o seu genio!..
Cada monte — o seu condor!..
E' falso; que esse proscenio
Já vio cahir muita flor
De preito, de pasmo e culto
Sobre mais de um grande vulto
Que nelle erguido se tem.
Alguns, ha pouco, passaram,
E ao fulgor que elles deixaram
Teu fulgor juntar-se vem.

As teclas encandescidas
Por tuas leves pressões,
Como fibras dolorídas
De profundas emoções,
Palpitam, choram affaveis,
Molles, ternas, irritaveis
Ao toque meigo e subtil
Dos teus dedos, pressurosos
Como os rhythmos maviosos
De um coração infantil.

Abre-nos esse thesoiro,
Mais um punhado de sons,
Archanjo! em tua taça d'oiro
Que sorvos de mel... tão bons!...
Sobre estas frontes profanas
Estende as mãos sobrehumanas,
Que dos céos colhem jasmins;
Derrama o teu oleo santo,
Dá-nos beber esse pranto
De estrellas e cherubins.

*
* *

Sentem-se n'alma as tuas mãos divinas,
Banhadas no esplendor que sae do piano,
Ligeiras, como as auras vespertinas,
Que acarinham a juba do oceano.

E da vida dissipam-se as caligens
Ante essas notas calidas, anciosas,
Qual o bafo confuso de cem virgens,
Ebrias de amores n'um tapiz de rosas.

Menino-genio, que tão cedo vôas,
Que já sobes tão alto, e de cansaço
Vaes dormir, machucando almas corôas,
De tua mãe no angelico regaço,

Aspira a flor que no porvir se expande,
Dos louvores d'aqui não, não te fartes;
E' só por vós que a natureza é grande,
Aguias, genios, apostolos das artes!

E' para vós que os dias alvorecem,
Que desbrocham paixões no peito nosso;
E' para vós que as rosas amanhecem,
Boquiabertas pedindo um beijo vosso.

A ti cabe tambem muita victoria,
Manda ás terras de além tu'alma accesa,
Trarás no peito as emoções da gloria
E na fronte algum beijo de princeza....

(1865)

IX

Mr. Reichert

E quando ameigas as fibras
De tudo que pasma aqui;
A' cada nota que vibras,
Não vês por detrás de ti
Loira, celeste menina,
Colhendo a flôr matutina
Dos sons que sabes tirar,
E um anjo de roupas cérulas,
Rindo, apanhando-te as perolas
De que faz o seu colar?»

Assim eu disse ante um homem
Que faz do piano trophéo,
Um dos vultos que se somem
Entre os mysterios do céo...
Assim te vejo. São fragoas
De sons, de anhelos, de magoas,
Crepitando aos sopros teus;
Faiscas de pensamento,
Levadas por esse vento,
Que parte das mãos de Deus.

Tu sopras, é um thesoiro
De mimo e graça e fulgor;
Sussurro de abelhas d'oiro,
Compondo favos de amor...
Na tua frauta divina,
Qual na aragem vespertina,
Vem saudade e languidez,
Que mal sentida vagueia,
Como o azul de uma veia
Por baixo de nivea tez.

Tu sopras, é um assomo
De matutino clarão;
E essas vozes, não sei como,
São beijos no coração,
Que vem banhar-se de goso,
Ouvindo-te a frauta, ancioso,
Qual um amante infeliz
Sorprende a bella n'um sonho
Fallando... e treme risonho,
Escutando o que ella diz...

São beijos harmoniosos,
Resomnar de cherubins,
Adormecidos, mimosos,
Das auroras nos colchins.
São segredos palpitados,
Ledos instantes passados
Que ao coração restitues,
Caricias, beijos que sôam,
Ruidos d'almas que vôam
Nos infinitos azues!

São suspiros de donzellas,
Repercutidos nos céos;
Lagrimas de noivas bellas,
Quando as noivas tinham véos;
Abrir de virgineas boccas,
Moças desgrenhadas, loucas,
Revelando os seios nús.
E as notas, que ahi clarêam,
Por cima de ti se arquêam
N'um firmamento de luz...

E, quando a frauta inspirada
Fallar aos teus labios vem,
Na tua fronte pousada
Não sentes a mão de alguem?
E' a desgraça, é a gloria,
Essa princeza illusoria,
Que no seu throno fatal,
Dando ao beijo o pé descalço,
Mostra a perna... e o cadafalso,
Antigo pagem real!

Mas que importa? O espaço é grande:
Talentos, astros, brilhae;
Que á luz, que de vós se expande,
O tempo se abrindo vae!
Pelos degráos das edades
Vão rolando as potestades,
Que lá não podem chegar...
Como nas torres, nos montes
A luz d'alva, em vossas frontes
Vê-se a idéia radiar...

Não ha mais para onde cresças;
Teu nome vale brazões.
E' bello quando as cabeças
Conquistam os corações.
Assim te vejo. São fragoas
De sons, de anhelos, de magoas,
Crepitando aos sopros teus;
Faiscas de pensamento,
Levadas por esse vento,
Que parte das mãos de Deus.

(1866)

X

A Bottini

Eu bem sei o poder que ao céo da gloria,
Filha dos sylphos, vossos passos guia,
Reconheço, porém, a demasia
De sacra flamma que reluz assim:
Eu bem sei; mas reprovo este capricho,
Mas censuro de Deus este delirio...
Uma estrella no calice de um lyrio!
Fibras d'alma nas mãos de um cherubim...

Não ha motivo porque ahi da moça
Na fronte esplendida o laurel duplique:
E' preciso que Deus se justifique
Desses primores que trazeis de mais;
Vós, que abris nas alturas do mysterio
Essas fontes de luz que nos inundam,
E os raios do porvir que vos circumdam,
E as azas d'ouro com que ao céo voais...

Ha disso uma razão? talvez do berço
Alto destino vos conduz; quem sabe?
A gloria d'arte, que tambem nos cabe,
Realçada por vós quer o Senhor...

Genio e lindeza!... abraço de dous anjos,
Que se confundem n'uma só vertigem,
Donde resulta o rosto de uma virgem,
A porção do idéal que se faz flôr...

Pelo sopro da musica embalada,
O halito da gloria vos aquece;
No vosso coração, que se enternece
Das patrias auras ao tocar subtil,
Trazeis as vibrações de estranhos mundos,
Onde aos olhos de Deus o peito abristes,
E em mystico hymeneu, voando, unistes
A alma da Italia ao genio do Brazil.

(1867)

XI

Ainda a Tamborini

Na transparencia desta voz augusta,
Que as nossas magoas docemente acalma,
Quem não te sonda o intimo celeste,
Quem não vê a candura de tu'alma?

Meiga e terna, suavissima e brilhante,
Quando ás alturas do idéal revôa,
O ouvido diz: este cantar é bello,
O coração murmura: est'alma é boa.

Luz que se ouve, harpa etherea, sonho d'anjo,
Divina essencia, perfumado encanto!
Oh! metaphoras vans que nada valem
Para exprimir a graça do teu canto!

Porque esta voz, que excede o pensamento,
Que te torna radiante e adoravel,
Nos infiltra um anhelo, uma saudade,
Sem saber-se de quem... vaga, ineffavel...

Só tu tens o segredo dos arroubos,
Das novas emoções que nos implantas:
Que dôr é esta? que desejo é este,
Que sentimos arder quando tu cantas?

Não é da terra, não! nem se parece
Com as terrenas paixões que nos affligem:
E' o desejo da belleza eterna,
Que a alma remonta á sua grande origem.

Como os deuses de Homero em quatro passos
Do Olympo abriam a planura extensa,
De quatro notas n'uma phrase abranges
Do coração e o céo a altura immensa.

*
*   *

Pela força indefinivel
Dos santos gorgeios teus,
Torna-se clara, visivel
Uma das faces de Deus.
Sentimos que, quando cantas,
Do peito humano levantas
O grande e pesado véo...
N'um raio d'alma estendida,
Tua voz é a medida
Do que vae da terra ao céo!

Como que um anjo te abraça,
E deste abraço ao calor,
Trescala o perfume, a graça
Do teu cantar seductor.

Sempre doce e redolente
Da Somnambula innocente
No mavioso chorar,
Ou nos ais de Lucia, a louca,
Tens phrases d'oiro na bocca
E musica até no olhar!

*
* *

No mesmo tom em que os Bellinis vertem
Ternos queixumes de su'alma errante,
Deus escreveu o verbo de teus olhos,
E o suave pallor do teu semblante.

Das harmonias que os archanjos vibram,
Teu peito nobre é o celeste ninho;
Cantas do palco, e as estrellas dizem:
E' a filha de Deus, nosso vizinho!...

(1868)

XII

Ainda a Adelaide do Amaral

Actriz, não sei o mysterio
Do teu talento estupendo;
Mulher, eu te comprehendo
Nas fallas do coração....
Tu, sympathica e celeste,
Colheste, d'arte aos quebrantos,
O applauso de nossos prantos,
E queres deixar-nos?... não!

Se tens saudades que ao longe
Dispersam teu pensamento,
Nós pediremos ao vento
Que sopre mais devagar,
Que á tarde, nas fibras ternas
Do teu peito harmonioso,
Module um canto mimoso,
Que não te faça chorar...

A' noite que seja meiga,
Que não te traga lembranças;
Que durmam, que sejam mansas
Todas as ondas do mar...

Nós pediremos á aurora
Que surja mais seductora,
Que te console, senhora,
Que não te faça chorar.

E' por ti que se enternecem
As nossas auras olentes,
E os corações innocentes,
Melodiosos de amor...
Se partes, que faz a virgem
Do orvalho que tem no seio?
E de seu calice cheio,
Se partes, que faz a flôr?

Os genios vivem de orvalhos,
Alimentam-se de odôres;
Diremos ás flores: flores,
Ah! não na deixeis partir!...
Com ella a chorar se aprendem
Todas as dores profundas,
Todas as magoas fecundas
Que a mulher póde sentir.

(1867)

XIII

O rabequista Muniz Barreto

Houve um tempo em que as artes, recolhidas
Nas santas solidões do claustro fundo,
Eram pallidas monjas, embebidas
Nos louvores de Deus, longe do mundo.

A musica tambem gemeu captiva,
Fugio do templo atrás da liberdade,
De soror fez-se actriz no palco altiva;
Mas não perdeu a sua virgindade.

Para ella, essa deusa aquem fallaste,
Parece que o Senhor te destinava;
Que assim dos olhos seus inda limpaste
As lagrimas do céo que ella chorava.

Como uma imagem, que sonhando abraças,
Tua rabeca, em poetica vertigem,
Tem mais risos, mais perolas, mais graças
Que a bocca meiga de mimosa virgem.

Tanta harmonia divinal, bemdita
Tem um fundo de amor, que ninguem sonda;
Em cada coração, que aqui palpita,
De além dos mundos vem quebrar-se a onda.

Na corrente dos sons fluctua a vida
Com seus ais, seus anhelitos, seus prantos;
E tu' alma é a fada adormecida
Nas vagas d'ouro desse mar de encantos.

Pura, como o respiro da innocencia,
Sahe das cordas a voz evaporada,
Que se espalha no ar, como uma essencia
De flor querida, ou de mulher amada...

*
* *

Dessa altura, eu comprehendo
Que possas tu genio ser,
Genio da patria estupendo,
Que ser maior é morrer,
Isto é, sacudir a poeira
Da vida, e com a aza altaneira
A natureza roçar,
Deixando o mundo maldito
Teus vôos pelo infinito
Longo tempo a contemplar.

O talento em seus fulgores
Banha, embebe as multidões;
O pasmo atira-lhe — flores,
A inveja vil — maldições...
E elle diz: «não esperdiço,
Tudo se presta ao serviço

Da obra descommunal....»
Para a c'rôa apanha os cultos,
E os motejos, os insultos
Servem pr'a o seu pedestal.

*
* *

Na linguagem do céo — genio e grandeza,
Na linguagem da terra — pobre artista!
E' assim porque Deus, baixando á terra,
Se rebuça nas noites tenebrosas;
Ou, quando ao mundo envia os seus archanjos,
E' sempre n'uma nuvem que os encobre...
Oh! tu és grande sim, poeta do arco!
Tu que sabes tirar notas sentidas,
Filhas do coração, preciosas, fulgidas,
Como joia, que treme em collo alvissimo;
Notas que saltam, borbulhosas, quentes,
Como rojam da palpebra da moça,
No arfar do seio, as lagrimas primeiras,
A primeira expressão dos seus amores....
Por entre a luz de incendiada sarça
Das intimas visões, diz Deus ao genio:
Que tens tu a teu lado?
A minha lyra.
Calca-lhe o peito, sonda-lhe as entranhas;
E ella exhala perfumes, brota risos,
Golpha prantos, riquezas, luzes, sonhos....
Que tens tu a teu lado?
O meu thesouro.
Derrama, entorna-o sobre o mundo absorto...

E nesse despenhar de sons angelicos,
Suspiram aves, esvoaçam flores,
Correm auras celestes, redolentes,
Que balançam brincando lyrios d'alma;
Passam meiguices, murmurar de afagos,
Tremer de labios, estalar de beijos....
Que tens tu a teu lado?
Oh! uma virgem!
E' tua gloria: abraça-te com ella...

(1865)

XIV

Giuseppina de Senespleda

Et vera incessu patuit dea.

VIRGILIO

Não é só pelo porte que se ostenta,
No dizer do poeta, a deusa occulta:
Quando cantas da terra, e o céo contempla,
Quando cantas do céo, e a terra exulta,

Cahe, como orvalho, a lucidez angelica
Sobre o teu rosto matinal, risonho;
Mais d'um espirito abre as azas d'ouro,
E'um delirio, uma loucura, um sonho...

E' um cantar de flores e de estrellas,
Que se consomem de ancias e de anhelos;
Canta a flor de teus labios purpurinos,
Cantam os astros de teus olhos bellos....

Tudo medido, accommodado e justo
Ao rhythmico ondular de teu corpinho;
E o coração voraz tenta agarrar-te
Para esconder-te dentro de seu ninho.

Quiz uma vez o genio da harmonia,
Que te vira e tomára-se de medo,
Asylar-se no calix de um cravo,
E asylou-se em tua bocca, ... eis o segredo!

Hespanhola gentil, das raras graças,
De que essa voz etherea se colóra,
Mimo de voz que se dilata aos poucos,
Crê-se que é uma flor, e é uma aurora.

Que aurora! O ramo secco da velhice
Reverdece ao clarão da feiticeira!
Mas não se sabe ao certo o que é teu canto,
Se uma cousa que se ouve, ou que se cheira . . .

Se digo ás auras que tua voz é meiga,
Se conto ás musas que teu rosto é lindo,
Não é por mim, tudo isto é uma historia,
Que ouvi dos labios de uma rosa abrindo.

(1881)

XV

Depois de ouvir a aria final da Traviata

Alguem soluça... A tecla dolorida,
Que fundas magoas do intimo revela,
E' o peito a sangrar de Margarida...
Ai! não calques assim no peito della!

Vê que é amor, que, n'alma não cabendo,
Cava as entranhas, estortega os ossos;
Mysterio a descobrir-se, em se morrendo,
De um coração nos funeraes destroços.

E parece que as visceras arrancas
Palpitantes do sphinge d'harmonia;
Como que anjos, batendo as azas brancas,
Vêm tomar-te dos labios a ambrosia.

O canto, que é teu halito escutado,
Lança-me em torno virginal perfume;
Dissera que minha alma é teu cuidado,
Que alimentas na bocca esta ave implume.

Como as fimbrias subtis dos teus vestidos,
Auras de sêda roçam-me na frente;
Tremem os olhos para os céos erguidos,
Rolam as bagas de suor nitente.

Que aguda voz a me deixar tranzido,
Como a aragem perpassa entre ruinas!...
Que plangente leão curvo, abatido,
Aos pés da santa que lhe ameiga as crinas!...

Pelo bafo sonóro entontecida,
N'um meigo bocejar alçaste o canto:
E era o peito a sangrar de Margarida,
E o seu anjo a verter celeste pranto.

Derrama, virgem, no meu peito ardente
Esses tormentos. Como a noite é calma!
Anda apanhar a lagrima innocente
Que o teu piano salpicou n'est'alma.

(1864)

XVI

Ida Giovanni

Astro innoto que ao longe se contempla
Do espaço immenso nos abysmos fundos,
Que brilha sobre nós, que nos deslumbra,
E comtudo pertence a outros mundos,

Teu destino é assim! Passas na terra,
Como a lua no céo, serena e bella,
Indifferente ás almas, que suspiram,
Que se embebem d'amor nos raios della;

Indifferente aos olhos, que humedecem,
Aos ais que a seguem na veloz passagem,
Indifferente ao pobre do regato,
Cuja lympha reflecte a sua imagem.

Poetisa do canto, era isto mesmo:
Typo meigo, sympathico e risonho,
A bocca um cofre de custosas perolas;
Eu já te vi alguma vez em sonho....

Já te vi, quando em cima da montanha
Vieste dar o ultimo conforto
A quem perdera as azas da esperança,
A quem julgava o coração já morto.

Poetisa do canto, oh! dir-se-hia
Que transformas em musica divina
Os langôres de uns olhos, que se entendem,
Os tremores da estrella matutina;

Que reduzes á musica o murmurio
De um beijo a furto dado em rosto lindo,
Que convertes em musica celeste
O ruido que faz a flor abrindo.

(1881)

XVII

Ainda Libia Drog

QUANDO cantas, é elle, o amor, não sabes?
Que afaga Psyché adormecida;
Se a nossa vida pende dos teus labios,
Quem por teus labios não daria a vida?

Por teus labios, isto é, pela doçura
Dessa voz, que nos fere e acarinha,
Que tem mais mimos que um sorrir de infante,
Mais valor que um presente de rainha.

Prova-se uma emoção nunca sentida,
Que de rara se torna assustadora:
E' o mesmo abalo que um escravo sente
Ao receber um beijo da senhora...

Eu bem quizera dedicar-te uns versos;
Mas para isto já me falta o gosto:
Não continúo, só se m'os pagares
Com o par de estrellas que tu tens no rosto.

(1882)

XVIII

Ainda Muniz Barreto

Quando te envolves nesse manto esplendido,
Que enche o templo de incenso e d'harmonia,
Na voz melliflua dessa lyra d'anjo,
Que os suspiros da terra aos céos envia,

Julgo ver, deslumbrado em tanta gloria,
Moça gentil que adormeceu pensando,
Sonhou que um beijo lhe queimava os seios,
Tremeu nervosa! e despertou chorando.

E' que, aos toques subtis desse arco magico,
Raio divino que o teu genio brande,
Tua rabeca tem as luctas intimas
E as doces expansões de uma alma grande.

Escutar-te é sentir n'um só momento,
No som d'uma harpa doce, enternecida,
Todas as flores que se colhem d'alma,
Todos os beijos que se dão na vida!...

(1865)

XIX

Uma cantora

LAGRIMA santa cahida,
Estrella d'oiro a tremer,
Nos seios d'alma embebida,
Tua voz é um poder,
Que diz ás flores: brotemos!
Que diz ás aguias: voemos!
E nas alturas se esvae...
Voz do céo, que o céo attende,
Que por si só se defende,
Dizendo a tudo: escutae!

Que aromas puros rescendem
Do calix daquella flor!
Deus e a alma, que se estendem
Nos seus colloquios de amor,
Não querem saber dos gritos,
Que os seios rompem afflictos
Da natureza feroz...
Do céo nos doces retiros
Gostam de ouvir os suspiros
E os hymnos da tua voz!

(1866)

XX

De novo Adelaide do Amaral

ATÉ hoje, Senhora, antes de virdes,
Genio de rozas, matutino e pallido,
Com vosso halito animar o drama,
Tinha-se dito: o palco é falsidade;
Tinha-se dito: o palco é vicio, engano,
Torpeza e corrupção. Anjo incumbido
De o elevar á altura de um planeta
E do mundo fazer o seu satelite,
Anjo incumbido d'elevar a palma,
Os esforços de actriz, de actriz o nome
A' altura de um poder que se respeita,
Vós desmentistes a verdade eterna!
Mirae-vos na alma e meditae um pouco.
Para vossa cabeça intelligente,
Meditar é escutar as harmonias
Que vêm cantando os seculos futuros...

*
*   *

Nas luctas que sustens com o proprio genio,
Do archanjo d'arte no combate rude,
Cada suspiro teu vale um tormento,
Cada lagrima tua uma virtude.

Ah! lagrimas de actriz que denunciam
De um peito feminino a grata essencia!
Vindas da fonte, onde as estrellas bebem,
Filhas d'alma e do céo, como a innocencia!

E do teu rosto a pallidez sympathica
Reflecte as emoções que te devoram;
Teu grande coração tem raios puros
De que todas as dores se colóram.

Não has mister de c'rôas e triumphos,
Da ruidosa effusão que tudo arrasta:
O mudo applauso da serenidade
Do céo e d'alma que te entendem . . . basta!

(1865)

XXI

A' Augusta Cortesi

Nas alturas azues, onde tu libras
As azas d'arte, angelicas, serenas,
E por cima da terra, em doce adejo,
Abandonas ao vento as molles pennas,

Vôa comtigo o espirito da noite,
Que os jardins accommette e desbarata,
Sendo victimas todas estas rozas,
Que o teu talento sacrifica e mata;

Vôa a teu lado um bando de cem aguias
Em demanda da luz que Deus derrama
Dos seus eleitos sobre a fronte pallida,
Onde labora do ideial a chamma;

Vôa comtigo o genio do delirio,
Que infunde arroubos, que produz furores
No seio deste povo, que te applaude,
No fundo deste mar, que espuma flôres.

E minha alma tambem, rustica abelha,
Vem de longe perdida, errante e louca
Para levar o aroma de teu canto,
O succo dessa flôr que tens na bocca:

Vem correndo anhelante, anciosa e tremula,
Das delicias que esparges em procura,
Como a corça bravia e sequiosa
Atrás das aguas de uma fonte pura.

27 de janeiro de 1887.

PARTE IV.ª

AMOROSAS

I

Deusa Ignota

Eis a vida... Que ideias matutinas,
Que auroras, que visões, que sons, que aromas
Não se volvem no fundo de minha alma!
Flores colhidas, beijos despegados,
Todos os risos, todos os affectos
Palpitados, e aos toques da belleza
Estremecidos, eil-os que se accordam
N'um só affecto virginal e puro,
Santo amor da mulher que se procura,
Que é como a concepção suprema e unica
Do coração que se illumina e canta.
Não na vi, nos meus sonhos de loucura
Nem se quer a sonhei, que ante meus olhos,
Nos meus braços, ao som das agonias
Inda apertei effluviosas formas,
Cujas frontes polidas trasudavam
A luz funerea de pensar impuro.
Não na vi, que em meu peito lá se ouvia
Suspiro tenue, susurrar longiquo
Do surto d'alma, que poisou de uns olhos
Na etherea altura e vôa e sobe ainda,

E as ancias se lhe embebem do infinito,
Como as plumas embebem-se do vento.
Entretanto, no vortice das dansas,
No baloiço das roupas que resfolgam
Tambem lancei-me para achar a morte;
E o archanjo da dor posto a meu lado
Me vinha suspender por os cabellos
Que eu sentia eriçarem-se ante as scenas
De vil prostituição de almas vendidas.
Não era lá no pego da vaidade
Que eu devia morrer trás essas flores
De inaccessiveis, encantadas ilhas...
Não era lá nos cimos ennevoados
Do orgulho e da ambição que me esperara
A imagem pura que minha alma busca.
Por tardas horas, quando os olhos cahem,
As tranças descem, o sorrir languesce,
E o seio nú desvergonhado alveja,
Eu pensei nessa virgem, que se entranha
Na camara soturna acompanhada
Do ultimo lusir de tocha accesa,
Que assistira ao serão, pallida e triste,
Muda, sosinha, semelhante ao anjo
Dos cemiterios, derramando sonhos
De amor e gloria no dormir das campas....
Eu pensei nessa virgem desnúada
A' vista quente, perturbada, tremula
Do seu imaginar... Sorri-me della.
E até nos templos, ó meu Deus, quem vira
Como os labios desfolham-se em meiguices,
Como os olhos attrahem-se na esphera
De um pensamento voluptuoso, ardente,

Que afoga os seios e allumia as frontes,
Desconfiara de pedir ás virgens
O que lhe falta de ternura e graça.
E onde existe esse lado de minha alma?
Donde vem essa mão, que se me estende
Para erguer-me do pó, que me conduza
Tonto de luz por os degráos da gloria?
Nem eu sei; pelas tardes alquebradas,
Por serenas manhans, por noites lindas
Bem que sinto roçarem-me na face
Molles, macias, femininas vestes,
Subtilisadas em macias auras.
Será ella seguindo-me risonha?...
Nessas horas que cahem mais celestes,
E se embebem na cruz, que só não dorme
De pé, tristonha, vigiando os mortos,
Ella falla, ella explica-se mimosa
Aos reflexos da lua que pratêa
Os brancos arêaes de minha terra,
Ao vivo trescalar das guabirabas,
Nas aragens de um céo desabafado.
Oh! como assim viver ermo, perdido,
Rompendo a selva de fataes empeços?
A vida do homem, desamado e pobre,
Crepusculo do archanjo luminoso
Atufado nas trevas insondaveis;
Lasca informe de uma alva espatifada,
Pede um anjo que desça e venha em graça
Do mundo ignobil a limpar-lhe o lodo,
Que ainda pode no céo dar algum brilho...
Do oleo virgem que se extráe de um labio,
Terna phrase de amor limpo de enganos,

Aviventa-se a lampada mortiça
Da fé que aclara a escuridão da morte.
Pois é doce o martyrio que se firma
Na graça de um olhar, longinquo e morno,
Que se derrama do intimo do peito
Nos sombríos mysterios da existencia,
Penoso e bello e só, bem como o triste
Gemer da pomba, no espinhal escuro,
Que se prolonga pelo valle immenso....
Quando no tempo rola a innocencia,
Que apenas deixa os ultimos lampejos,
N'um sorriso de mãi, se ainda a temos,
Bem como a corça nutre-se de espinhos,
A alma fugace nutre-se de dores.
O peito, que se serra de amargura,
Lá se expande, aspirando a virgindade,
Grande roza que um pétalo desprende
E a noiva deixa-se ir chorosa e bella.
Quanto é suave um sim! balido terno
De candida pureza que se immola
Para aditar a vida de um só homem!
Oh! ellas são as hostias innocentes
Que se corôam p'ra morrer de amores....
E não poder-se amar, sem que se exprimam
As fundas impressões, talhadas n'alma!
Cumpre dizer que a mão é a vontade;
O aperto, o abraço a expressão do peito.
Em jarros de oiro que se plantem flores,
Não se concebe que no oiro vivam
Sem um pouco de terra em que vegetem.
Derramai vosso amor n'um seio de anjo;
Não rebenta, não cresce, não vigora,

Sem um quê de miseria e poeira humana,
Que brota beijos e enraiza affectos.
Resguardando os principios de sua obra,
Quiz Deus a luz no sol que não se fita,
O amor no coração que não se sonda.
Mas as flores coloram-se do raio,
Como os labios coloram-se do beijo;
E' preciso beijar e logo e cedo,
Que os raios da manhan o orvalho sorvem,
E os beijos juvenis limpam os prantos....

Campos, (Sergipe) fevereiro de 1862.

II

Teus Olhos...

Oh! tu, que abriste no meu peito esteril
Fontes de amor e virginal ternura,
Intima essencia das manhans cheirosas,
Lyrio animado de infantil candura;

Idéa, encanto, lucidez dos anjos,
Pallido sonho de saudades feito,
Por ti definho, vem tocar mais perto
A dor occulta, que me rasga o peito.

Podem teus olhos, para os ceus erguidos,
D'altos mysterios penetrar no fundo;
Fallar das noites ao silencio mystico,
De luz e graça esclarecer o mundo...

Podem teus olhos, que deslumbram fulgidos,
Quando entre os astros fulgurosos tremem,
Saber a causa por que a lua é triste,
Por que a alma soffre, por que as rolas gemem...

Mas não puderam, por desdita minha,
Sondar o germen desta magoa infinda;
Mas não puderam, penetrantes, vividos,
Teus meigos olhos entender-me ainda!

E eu tenho n'alma, para dar-te, aromas
De innotas flores que se não sentiram,
Como no fundo dos espaços brilham
Milhões de mundos que inda não se viram.

E eu tenho n'alma a vibração eterna
D'harpas que ao longe soluçar ouvi;
Tenho os suspiros, o bater das azas,
Talvez de um genio que morreu por ti.

Mas tu não sabes o que sinto! Escuta
O verbo augusto que direi tremendo,
Ultima nota que do peito as cordas,
Por ti quebradas, soltarão morrendo...

Eu te amo! Attende: e deste amor, que occulto,
Por premio e gloria, só imploro a Deus
Na terra — um pouco de silencio... nada;
No céo — a graça dos sorrisos teus...

(1864)

III

Penso em ti

(A L. C.)

PERDÔA, se, nas horas que se embebem
No coração mais cheias de amargura,
Mais pesadas de amor e de saudade,
Penso em ti... Do teu seio moduloso
Sinto a onda empolada em ancias doces
Quebrar-se junto a mim.
Oh! minha estrella,
Noiva dos lyrios, perola celeste,
Lagrima d'anjo sobre mim chorada,
Que te somes no fundo de minh'alma,
Perdôa, se, nas horas do repouso,
Quando da morte me deslumbra o riso,
Tenho desejos timidos de vêr-te;
Que não agaste do teu anjo as azas,
Que não te acorde; de invejar-te o sonho,
E dar-te um beijo na mãozinha casta
Que deixaste pender fóra do leito...
Perdôa ainda, se arroubado, insomne,
Quando na testa do levante pallido
Menos bella que tu a alva fulgura,
Ruminando a doçura do teu nome,
Nos perfumes, nos bafos matutinos,

Vagos longes de um cantico ineffavel,
Que vem do céo, aspiro a essencia tua...
Oh! não poder-te amar com mais candura!...
Se este ancioso querer e louco anhelo
Não é amor que se revele aos anjos,
Porque não tenho um coração mais puro?
Cego inditoso, que adormido sonha
Beijar-lhe os olhos peregrina imagem,
Acorda e sente o odor, palpando as vestes
Do sonho certo, que lhe diz: olhai-me!
Blasphema, estorce-se e não póde vêl-o!...
Que horrivel transe! E é assim que eu te amo,
E' assim que te adoro, e não te beijo,
Que não posso dizer-te, e, nesta lucta,
Rindo assisto aos combates tenebrosos
Que se dão na minh'alma, e, sempre amando,
Nem dos meus olhos este amor confio...

*
* *

Quizera, virgem, que meus versos debeis,
Meus pensares ao ar soltos, perdidos,
De mistura com as auras vespertinas,
Modulassem de manso aos teus ouvidos;

Que fallassem do céo, da tarde limpida,
Derramando em tu'alma um vago enleio;
Que tu pudesses, entendendo as queixas,
Meus versos, timida, esconder no seio.

E, como a santa da legenda, quando,
Cortando o vôo a virginaes amores,
Teu pae acaso perguntasse: filha,
Que tens no seio? respondesses: flôres...

*
* *

Quizera a teu lado chorar de ternura,
Dizer: que ventura!
Meu bem;
Guardar em tua bocca, esse cofre de gemmas,
Minh'alma; não temas
Que tem?

Em lendo estas phrases, do mar na bafagem,
Nos beijos que a aragem
Te dá,
Teu anjo suspira: não vês que é comtigo!
Tu dizes: commigo?...
Será?...

E attenta a scismar, murmurando sózinha:
Meu peito adivinha,
Sou eu...
Qu'é delle? perguntas, e o vento que passa
Dirá: que desgraça!
Morreu...

(1865)

IV

Ideia

(A L. C.)

AMO-TE muito. Não temas
Que possa dizel-o. Espera...
Comtigo a sós eu quizera
Beijar as mãos do Senhor;
No ninho das rolas castas,
No calix das flores puras
Guardar as nossas ternuras,
O nosso morrer de amor.

Quizera aquecer-te n'alma.
Candida, meiga avezinha,
Unida a meu peito, minha...
Como dizer?... minha irman;
Comtigo brincar á tarde
Na mesma sombra florída,
Respirar a mesma vida
Nos perfumes da manhan.

E á noite, quando medito,
Quando as lagrimas enxugo
No fogo de um verso de Hugo,
Mais duravel que um trophéo,

Pudera ver-te a meu lado
Chegar anciosa e louca,
E dar-me na tua bocca
Alguma cousa do céo.

Pudera ver-te mimosa,
Com a trança desfeita, esparsa,
Movendo as roupas de garça,
Nos meus segredos bulir,
Juntando ao calor, á vida
Do livro amado que leio
O palpitar de teu seio,
E a graça de teu sorrir.

Só tu puderas, passando,
Qual um aroma aos ruidos
De harmoniosos vestidos,
Meu coração acordar,
Derramando enternecida
De amor, de candidos zelos,
O cheiro dos teus cabellos
No fundo do meu pensar.

(1865)

V

Hœc olim meminisse juvabit

(A L. C.)

Tudo que bate no meu peito ancioso,
Tudo que sonho, que medito e creio,
Minh'alma toda é uma só idéa,
Cravada, immovel em teu alvo seio.

Quando me embebo na lindeza tua,
Sinto que um raio me illumina a fronte;
Sinto nos olhos o clarão divino,
Como o propheta que desceu do monte.

D'innotos astros na região de neve,
Dos vôos do anjo na altitude immensa
Brilha a pupilla dos teus olhos negros,
Prodigio escuro em que minh'alma pensa.

E sempre á face do revolto abysmo
Do meu sonhar esta visão sagrada:
Teu rosto meigo, tua alvura santa,
Como uma garça á beira mar poisada!...

Tu és o ermo, a solidão florida,
Que a mente exalta de um delirio vago,
Passando n'alma o deslizar da nuvem,
O azul do céo, a limpidez do lago.

Deus, que não cuida de contar as ondas
Do mar de gloria, que a seus pés fluctúa,
Conhece-as todas n'uma só palavra,
N'uma só fórma, que é a fórma tua.

(1865)

VI

Pelo dia em que nasceste

(A L. C.)

Ouve-me, tu: na tristeza,
Como uma sombra estendida
No mais escuro da vida,
Cá onde nada sorri,
Minha alma bebe os orvalhos
Do teu suor odoroso,
Como se eu, rico e ditoso,
Velasse perto de ti!

Volvendo as folhas dos dias,
Paraste rindo encantada
Sobre a estampa mais doirada
Desse livro que não lês:
Com o seu cocár luminoso
O sol espana o teu rosto;
Não fica n'alma um desgosto,
Nem uma sombra na tez.

Hoje que cabes n'um berço,
Que abriste d'alma o thesoiro,
O dia é teu livro d'oiro,
E eu pego nelle subtil

Para escrever uns segredos,
Para depor uns carinhos
E uns beijos... nos sapatinhos
Da tua idade infantil.

Por ti conservo sorrisos
Pela dor não apagados,
Como titulos gravados
Em face de mausoléo.
Contemplo o resto de infancia
Que a tua testa alumia,
Qual o fim de um bello dia,
Crepusculando no céo.

Bem sei que sonhas venturas
E a aragem que te balouça,
Franzina, languida moça,
Não te consente pender.
Socega, flôr buliçosa,
Deixa em teu seio innocente,
Vertida em lagrima quente,
Minh'alma se recolher.

*
* *

Bella!... nem sentes o ruir da vida,
Celeste arroio que te cobre a planta
Bafejada dos céos estremecida,
Etherea, limpida, impalpavel, santa!

Fulges, como de orvalho perfumoso
Perola sôlta ao matinal gotejo:
Noiva do raio pallido, mimoso,
Que no calix da flôr sorve-a de um bejo!

Transparece o candor d'alma sem magoas;
Á noite, ao dia estranha, sobranceira,
Teu trajo sôa, como o som das aguas,
Teu corpo treme e tua sombra cheira...

*
* *

E tu'alma tambem porque não vôa?
Podiamos subir, vagar atôa
Pelo infinito sós;
Eu faria de amor hymnos e preces,
Um ninho para ti... Se tu quizesses,
Um ninho para nós.

*
* *

Que receias? teu labio não murchece,
De moça eterna o raio te circumda:
Da fronte o lyrio não descai. Parece
Que uma alma exterior teu corpo inunda.

Como em floreo botão fechas as graças
E de um peito aos anhelos doloridos,
A's ancias loucas, não te volves, passas...
Cuidas que é o soar de teus vestidos.

Edenica romã, que um anjo parte,
É-te a bocca entreabrindo-se risonha:
Sou pequeno, bem sei, para tocar-te,
De que tamanho queres qu'eu me ponha?

N'um fio odóro tua imagem sigo,
Teu doce nome como um hymno entôo:
Eleva-me, que amar-te é voar comtigo,
Ser aguia e d'anjo acompanhar-te o vôo.

Eil-a de brilhos no seu throno alçada!
Eu te saúdo, burity do outeiro,
Que balanças a coma alumiada
Do sol nascente ao radiar primeiro.

Ouves? eu amo-te. Inda não sentiste
A mão que acarecia a sombra tua?
Meu amor é o scismar da fera triste,
Fitando estupida o clarão da lua...

(1865)

VII

Leocadia

(A L. C.)

Livro de luz em que o Senhor medita
E ás mãos dos anjos não é dado abrir,
Onde as estrellas aprenderam juntas
Com as rozas puras a chorar e a rir,
Alma que serve de alimento ás flôres,
De cuja essencia a creação trescala,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
A voz da santa que do céo vos falla...

Vós sois na terra a encarnação brilhante
Do sacro amor que a vossos paes adita,
Rútila estrophe de um poema d'oiro,
Livro de luz em que o Senhor medita...
Lagrima d'alva que no seio cálido
Da nuvem rubra vos deixou cahir,
Pagina alvissima em que Deus escreve
E ás mãos dos anjos não é dado abrir...

Virgem serena, a cujos olhos timidos
A lua gosta de fazer perguntas,
Biblia celeste de mysterios castos,
Onde as estrellas aprenderam juntas,

Com as brisas tenues, a dizer as queixas
De alguma dôr que só Deus póde ouvir,
Com as ondas cérulas, com as auroras pallidas,
Com as rozas puras a chorar e a rir...

Fronte em que passam d'outro mundo as scismas,
Rosto banhado em matinaes albores,
Peito onde arquejam do infinito as vagas,
Alma que serve de alimento ás flores,
Mimo do sol, que vos attrahe os raios,
E as vossas graças pelo céo propala,
Vós sois a alvura dos eternos lyrios,
De cuja essencia a creação trescala...

E quão piedosas não serão as preces
Dos vossos labios divinaes, risonhos!
Tranças esparsas, joelhada, extatica,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
Por entre os cantos das espheras lucidas,
E os ais sentidos que o universo exhala,
E os sons mellífluos do psalterio angelico,
A voz da santa que do céo vos falla.

(1866)

VIII

Suprema Visio

(A L. C.)

Mostra-me a nuvem, que te trouxe á terra,
Dize-me a estrella que no seio afagas,
Formosa ondina das celestes vagas,
Que ouves bater o coração de Deus.
Deixa que eu possa, d'amoroso affecto,
Morrer... guardar em tua rosea bocca
Minh'alma, est'alma, que se estorce louca,
Tacteando as trevas dos cabellos teus.

Para agradar-te não contei commigo...
Calado e triste, que attracções eu tinha?
Contei sómente com a desdita minha;
Não achas bello padecer assim?
Não te seduzem meus tormentos rudes,
E as grandes luctas de uma vida escura?
Não te apaixonas pela desventura?
Toca em meu peito, e chorarás por mim...

Se ouso um instante imaginar-te as formas,
A idéa hesita, o coração recúa;
O inteiro brilho da belleza tua
Do céo as nuvens não me deixam vêr...

Genio das flores, quero abrir-te o seio;
Quero sondar-te, divinal mysterio;
Voar, nutrir-me do teu corpo aereo;
Lagrima d'anjo, quero te beber.

Tarde, bem tarde, quando a mente envolve
Das noites claras o fatal quebranto,
Pedindo aos astros o perdido encanto
De alguma esp'rança, que já não sorri;
Quando a alma sólta as doloridas petalas,
De ermos suspiros ao profundo abalo,
E' de joelhos que teu nome exhalo,
Que anceio e chóro, meditando em tí.

Nem tenho um anjo, que me apare as lagrimas:
Debalde a lua, que madruga amena,
Vem desgrenhar-se, como que de pena,
Pallida e loira sobre o peito meu.
E eu digo á lua: devagar... não bulas
Nas magoas fundas do quem ama e chóra,
Vê... não na toques; ella dorme agora,
E eu sinto o alento do respiro seu.

Oh! quem beijara-lhe a mãosinha casta,
Que vem, no meio de subtis perfumes,
Tirar suspiros, desprender queixumes
Do intimo seio que ella abrio? Senhor!...
Se para ornal-a não descubro flores,
Se embalde mimos pelo céo procuro;
Peço-vos, dai-me um coração mais puro,
Para abrazal-a do mais puro amor!

Do que se aspira nesta vida ingrata,
Um riso, um gesto, uma caricia, um beijo,
Gozo, que mate o meu soffrer... não vejo...
Mas olha, escuta: é o supremo adeus!
Para minh'alma embalsamar-se extatica,
E ao céo voar inebriada e louca,
Cerrada a flôr de tua rosea bocca,
Dá-me o aroma dos cabellos teus.

(1866)

IX

Amar

(A L. C.)

Amar é fazer o ninho,
Que duas almas contem,
Ter medo de estar sosinho,
Dizer com lagrimas: vem,
Flôr, querida, noiva, esposa...
Cabemos na mesma lousa...
Julieta, eu seu Romeu:
Correr, gritar: onde vamos?
Que luz! que cheiro! onde estamos?
E ouvir uma voz: no céo!

Vagar em campos floridos
Que a terra mesma não tem;
Chegarmos loucos, perdidos
Onde não chega ninguem...
E, ao pé de correntes calmas,
Que espelham virentes palmas,
Dizer-te: senta-te aqui;
E além, na margem sombria,
Vêr uma corça bravia,
Pasmada, olhando p'ra ti!

(1866)

X

E' cêdo!...

(A L. C.)

E' cêdo!... as aves inda não cantaram,
Nem d'alva ao longe se présente a vinda;
Da noite as sombras não se dissiparam,
Ha muita estrella pelos céos ainda...

Venho colher-te. Porém tu me molhas
Com o teu orvalho no florído ramo;
Qu'eu tenho medo de tocar-te as folhas,
Qu'eu tenho medo de dizer-te: eu te amo!

Do céo descido teu olhar supremo
E' o infinito que se entranha em mim.
Scismo em tua sombra; se te encaro, tremo!...
Se isto é amor, eu nunca amei assim!

Pensar em ti é suspirar ditoso
Por uma gloria que se aspira em vão;
E os pisos leves do teu pé mimoso
São as pancadas do meu coração.

Roza dos valles, vem ver como és linda
No liso espelho desta fonte calma:
Queres mais bella, mais brilhante ainda,
Rasga-me o peito, mira-te em minh'alma!

(1866)

XI

Carmen

(A L. C.)

HA muita sombra, meu amor, no valle,
No valle agreste em que medito a sós;
Muita delicia, que enlanguece os olhos,
E muita flor para cuidar de nós...

Alli, das aguas, onde as corças bebem,
Ao som confuso, que mergulha as almas
Em scismas doces, da corrente ao longo,
Junta-se o murmur de viçosas palmas.

Alli, nós ambos, pelo céo guardados,
Do amor mais puro no encantado abrigo,
Tu me dirias: em que tanto scismas?...
Abre o teu livro, quero ler comtigo.

Juntos, ouvindo o murmurar das aves,
Batendo as azas entre os arvoredos,
Mãos enlaçadas, um no outro fitos,
Nós dois unidos, arroubados, quêdos;

De nossos olhos na linguagem mystica,
Fallando presos de amoroso enleio,
Eu te pudera desvendar minh'alma,
Tu me puderas revelar teu seio...

Depois, nas horas em que o pranto é doce,
De uma doçura a que ninguem resiste,
Nós dois, á margem de sereno lago,
Ao pé de um tronco desfolhado e triste;

Ah! nessas horas em que o céo é calmo,
Ao vago anhélo dos suspiros meus,
Eu juntaria tuas mãos de sêda,
Mãos de criança para orar a Deus.....

(1866)

XII

Consente . . .

(A L. C.)

Oh! deixa aquecer-te ao calor de meu peito,
Derrama os cabellos por cima de mim,
De flôres e sonhos forremos o leito,
N'um beijo esvaidos, morramos assim!

E Deus, que nos visse na campa dormindo,
Vedara que as auras nos fossem bulir;
E aos anjos inquietos dissera sorrindo:
São noivos ainda, deixai-os dormir!

(1866)

XIII

O Beijo

Que silencio, que calma
No teu olhar!
Cherubim da minha alma,
Vamos voar?

Algum canto suave
No bosque ouvir?
Ou no ninho de uma ave
Juntos dormir?

Vamos, longe do mundo,
Que é um paúl,
Espelhar-nos no fundo
Do céo azul?

Sei d'um ermo encantado,
Que existe além;
Já corremos o prado,
Caminha, vem!

Dentro deste arvoredo
Ninguem nos vê...
Vamos, tremes de medo?
Medo de quê?

Olha as frutas vermelhas
Do meu vergel...
Quanto enxame de abelhas!
Tu queres mel?

Olha... que passarinho
Lindo a cantar!...
Vou pegal-o no ninho,
Para t'o dar.

Quanta sombra!... Repousa,
Descansa aqui:
Vou dizer-te uma cousa,
Que eu sei de ti.

Mas só digo na bocca,
No ouvido não...
Anda, espera; que louca!...
Retira a mão!...

Suspirar-te um segredo
Deixa, que tem?
Cuidas que no arvoredo
Bulio alguem?

Foi o vento; ora essa!...
Ninguem bulio:
Chega, dá-me depressa...
Está!... Quem vio?

(1867)

XIV

Súpplica

(A L. C.)

Que brancas fórmas ao meu peito afago!
Não, são chimeras pela mente esparsas;
Não, é a escuma que acolchôa o lago;
Não, é a alvura de serenas garças...

Não me maltrates, tu, que tens no seio
Tanto rebento de paixões viçosas
D'alma superflua, que amanhece cheio
Do teu sorriso o coração das rozas.

Os astros limpos, a tremer sedentos
Da luz que guardas, como em um thesoiro,
Pedem um fio dos teus pensamentos
Para adornarem suas frontes de oiro.

E a onda pede, para arfar mais bella,
A inquietitude que o teu corpo abala;
E a aura da tarde supplicante anhela
Pelas essencias que tua bocca exhala.

Bocca mimosa, que uma aurora encerra,
Que meiga espira virginal fragrancia!
Formou-a Deus para supprir na terra
Das flôres mudas a perpetua infancia.

Boquinha aberta ao matinal rorejo,
Que existe só para sorrir nos prados,
Fallar ao céo e receber o beijo
Que Deus envia aos corações magoados.

Olha . . . se meiga, como tu pareces,
Terna criasses, nos vergeis nascida,
Pobre avezinha, e por amor lhe désses
Na flôr dos labios o alento e a vida;

Um dia, ingrata, te esquecendo della,
Com quem, tu sabes, ninguem mais se importa,
Quando a lembrança te viesse, oh bella,
Não chorarias de encontral-a morta?

(1867)

XV

Contemplação

(A L. C.)

Na selva longe entre espinhos
Minh'alma sonha e medita,
Desta ave, que geme afflicta,
Qu'em balde tenta voar,
Desta flor, que morre aos poucos,
Não podem vagos queixumes,
Transformados em perfumes,
Ao teu olfacto chegar.

E eu scismo á beira dos lagos,
E eu erro em sombrios valles,
E digo ao ermo: não falles
Do meu tormento a ninguem.
Escondo no intimo abysmo
Um nome que não profiro;
Que o meu ultimo suspiro
Póde escapar-me tambem.

Não sabes disso; entretanto,
Tremem-te as fibras mimosas
Por um desmaio das rozas,
Por um soluço do mar...

Por um gemido da lympha,
Que pela veiga deslisa,
Por um gracejo da brisa,
Tu és capaz de chorar...

Mas de quem soffre, não ouves,
Não ouves as sérias preces;
Ah! talvez no peito aqueces
Contra mim frios desdens;
Palpitas por uma sombra,
Por uma flor que descora,
Mas por uma alma, que chora,
Nem uma lagrima tens?

E féres e não te importas!...
E' o que faz a criança,
Que os passarinhos não cança
De espantar e perseguir;
Que, em todo viço da infancia,
Cabeça d'anjo, louquinha,
Tira as azas da avezinha,
Torce-a, mata, e põe-se a rir...

Será talvez um mysterio
Que a belleza e a innocencia
São feitas da mesma essencia,
E os mesmos raios contém?
De unir a roza ao espinho
Será de Deus um engano,
Ou tudo que é sobrehumano,
E' deshumano tambem?

Quiz contar aos lyrios candidos
Da minha dôr o segredo...
Quiz contar, e tive medo
Das meninices da flor!...
Immenso, mas concentrado,
De fogo, porém discreto,
Como se chama este affecto?
Como nasceu este amor?

Este amor, que é minha dita,
Santo amor, que é minha pena,
Nasceu da tarde serena,
Do azul do céo e do mar;
Nasceu do incenso sagrado
Que exhala a roupagem tua,
Nasceu de um raio da lua
Dum raio do teu olhar.

Ave, que os vôos ensaias,
Roza, que mal entreabriste,
Não saibas porque sou triste,
Archanjo, dá-me a tua mão!
E vós, oh! auras dos prados,
Flores, que abrís melindrosas,
Boccas, que rides mimosas,
Soprai no meu coração...

(1867)

XVI

Tão longe assim...

(A L. C.)

Quando no peito mais a dôr se entranha,
Quando as saudades me atormentam mais,
Despido archanjo, que na luz se banha,
Dormes, não ouves de quem te ama os ais!
Sem ver que rolam sobre as faces tuas
Lagrimas quentes de abafado choro,
Boias no lago, em que as deidades nuas
Lavam cantando seus vestidos de oiro.

Sonhas; no sonho, o coração fallando;
Na bocca, o orvalho de um sorriso lindo...
E os astros tremem de te ver boiando,
Como eu tremera de te ver dormindo!
E vão teu corpo, tua imagem bella
Volvendo as ondas do infinito além...
E as santas dizem: que florinha aquella,
Que na corrente deslisando vem!

Tão longe assim! Das effusões celestes
Sobrenadando no sereno mar,
Feliz o anjo, que te guarda as vestes,
Que estende as azas para te embrulhar!

Eu tenho ancias de viver arcando
Com as aguas quentes desse mar infindo!...
E os astros tremem de te ver boiando,
Como eu tremera de te ver dormindo.

Na voz penosa de sentidas queixas
Eu sou o arroio, que a teus pés murmura,
E a quem, medrosa, reflectir não deixas
Todo o teu rosto em sua lympha pura...
Passei nas varzeas, não havia flores;
Mudei de rumo, pelo val desci;
Nas minhas selvas não achei verdores,
Tudo era morto de soffrer por ti...

(1867)

XVII

Dize-me sempre

(A L. C.)

Que te custa uma phrase, um consolo
Para o meu coração, que padece,
Como afago pisar sobre a juba
Do leão, que a teus pés adormece?

Que te custa enganar-me fallando,
Se a tua alma por mim não suspira?
Quero ouvir-te dizer que me amas,
Inda mesmo que seja mentira!...

(1867)

XVIII

Oh! isto mata...

(A L. C.)

Não tenho forças para tanta lucta,
Lucta d'archanjo, que, se mais um raio
Do seio ardente me lançares, caio;
Que eu já não posso com teu meigo olhar.
Por ti sem vida, abandonado á sorte,
Gósto das noites que me causam medo;
Gósto da roza que me espinha o dedo;
Gósto de tudo que me faz chorar.

Carpindo magoas que comprimo n'alma,
Gemendo queixas de fatal desgosto,
Não sei que nevoa te passou no rosto,
Não sei que sombra nos teus olhos vi...
Mandas que eu fuja, que não mais te adore?
Temes que um sonho revelado seja?
Queres que eu morra, que não mais te veja?
Pois bem; não temas; fugirei de ti.

De ti, de mim... que pensarão as rozas,
Quando ao correr das virações macias,
Das tardes frescas nas mansões sombrias,
Me virem triste, lacrimoso a sós?

Oh! isto mata!... E que respondo ás flores,
Quando, insensiveis a meu longo pranto,
Disserem rindo qu'é do teu encanto?
Qu'é da criança mais gentil que nós?

Talvez cuidasses que pudesse amar-te...
Não que o teu nome nem sequer profiro!
Foi-te contado por algum suspiro,
Por algum astro, por alguma flôr?
Quem é que veio devassar mysterios
Na gruta opaca do meu pensamento?
E' falso, é falso o que te disse o vento...
Mentio a estrella que fallou de amor...

(1867)

XIX

Malévola...

(A L. C.)

Podes rir e não crêr no que soffro,
Nem ouvidos prestar aos meus ais,
E o festão de esperanças fagueiras
Desfolhar-me na face; inda mais...

Podes vir laurear-me d'espinhos,
Sem que o pobre uma queixa profira,
Vêr-me triste e dizer: que loucura!
Vêr-me louco e dizer: é mentira!

Podes, bella, a meus olhos cançados,
Que sem ver-te na sombra fallecem,
Ordenar que não ousem fitar-te,
Que os meus olhos chorando obedecem.

Mas querer que minha alma te esqueça,
Mas dar ordens ao meu coração,
Mas impor-lhe que deixe de amar-te,
Prohibir-me que soffra?.. isto não!

Meu amor, este amor que me mata,
De minh'alma no seio profundo,
Traduzindo o silencio dos astros,
Encerrando a grandeza do mundo,

E' a onda que vem do infinito,
Que não geme sequer, nem murmura,
Dos meus olhos trazendo a tristeza,
Dos teus labios a doce frescura.

E' o susto da flor que descora
Por um beijo do sol que na offende;
O segredo de brando favonio,
Que suspira e ninguem comprehende.

E' a gloria do mar que se ufana
De apanhar a botina e a meia
Da donzella. que foi por brinquedo
Descalçar um pézinho na areia.

E' o orgulho da vaga empolada,
Que se julga mais rica e ditosa
De embalar uma lagrima d'anjo
No batel de uma folha de rosa.

Meu amor é a rola selvagem
De um cabello prendida no laço;
E' o lyrio que diz: não me mates!
Ao tufão que lhe diz: eu te abraço!

Mas tu foges de mim!... ouve, espera:
Se procuras saber quem eu sou,
Diga o anjo que sempre commigo
Minhas magoas sentio e chorou.

Diga a lua a quem conto os meus sonhos,
A quem dou para ver e guardar
Meu thesouro de lagrimas puras
Que as angustias me querem roubar.

(1867)

XX

Não falleis em mim...

(A L. C.)

E hei de acabar desventurado e triste,
Fallando ás flôres que me não respondem,
Buscando uns olhos que de mim se escondem,
P'ra me não darem illusões de amor?
Hei de acabar!... e do fatal poema,
Sim, deste psalmo que a chorar desfiro,
O ultimo verso é o ultimo suspiro,
Suspiro eterno de ineffavel dôr.

Qual brava corça das virentes selvas,
Na sombra occulta a se nutrir de espinhos,
Minh'alma pobre, que não tem carinhos,
Amargas penas na soidão remoe:
Pasmando aos mimos da mulher que adoro,
Visão que abraço pelos raios della,
Transido soffro a suspirar: oh bella,
O sol que brilha, tambem queima e doe!

Morrer por ella... que loucura minha!
Longe, bem longe o seu olhar diviso...
Que tenho eu, para pedir-lhe um riso,
Que tenho eu, para adoral-a assim?

Astros da noite, que me olhais attentos,
Dizei, dizei que esta paixão me mata,
Mas, por amor, não-lhe chameis ingrata,
Ride com ella e não falleis em mim . . .

(1867)

XXI

Sê meiga e terna

(A L. C.)

Por ti suspiro; na minha alma echoam
Harpejos doces, vibrações celestes;
Invoco a morte, e pensativo escuto
Leve susurro de cheirosas vestes.

Os teus olhares é que só poderam
Matar a sêde que de luz eu tinha;
E o teu sorriso debuchar auroras
No céo escuro da existencia minha.

Ah! nem tu sabes como em ti rescendem
A graça, o mimo, a timidez singella!
Como em teus labios a palavra é doce,
Como em teus olhos a tristeza é bella!

Intimos gozos dilatando em sonhos,
O seio aos anjos cautelosa abrindo,
Levas os dias n'um festim de flores,
Ignoto aroma respirando e rindo.

Luz, que me feres com teu brilho puro,
Immensa luz, por que minh'alma chora,
Não me recuses da esperança um raio,
Sê meiga e terna para quem te adora.

(1867)

XXII

Porque me feriste?

(A L. C.)

Bem como as flôres em botão fechadas,
A' espera d'alva, que nas venha abrir,
No peito magoas, a doer caladas,
Pedem um raio para as expandir.
Fita-me, eu quero do martyrio santo,
Que o céo me outorga, offerecer-te a palma;
Deixa em teus olhos depurar minh'alma
E em teus cabellos enxugar meu pranto.

Desde que, ao ver-te, ajoelhei-me absorto,
E á hora extrema o coração bateu,
Meu pensamento, qual um raio morto,
Cahiu-te aos pés e nunca mais se ergueu.
Quiz perguntar-te: por que me feriste?
Fitei-te os olhos e tremi de medo...
Tive receio de morrer tão cedo,
Tendo o desgosto de viver tão triste...

Tu, que sorrindo minha fronte abrasas,
Porque não deixas que te possa amar?
Eu dispensara do meu anjo as azas,
Bastara um anjo para nos guardar.

Fórma visivel de minha alma errante,
Que o meu penoso coração dedilhas...
Oh! minha estrella, que de longe brilhas,
Nada te importa que eu soluce ou cante!

Para em teu seio penetrar a furto
E haurir o orvalho da pureza em flor,
Longo... infinito... o pensamento é curto,
Curtos os vôos do meu casto amor.
Quantas e quantas já lá vão perdidas
Lagrimas d'alma, que se quebra em ancias!
Pude nos sonhos aspirar fragrancias...
E achei as rosas de manhã cahidas!

Ai! deste amor o anciar dorido
Cubra, suffoque do mysterio o véo.
Genio dos anjos, se te amei perdido,
Não rias, ouve: dir-t'o-hei no céo...
Fita-me; eu quero, acrisolado e santo,
Do meu tormento offerecer-te a palma,
Deixa em teus olhos depurar minh'alma
E em teus cabellos enxugar meu pranto.

(1867)

XXIII

Como é bom! cantai...

(A L. C.)

Cantai, felizes, para quem deslisam
Do céo as ondas, insensiveis, mansas;
Colhei as graças, desprendei as tranças
Do anjo que é vosso... Como é bom! cantai...
Vós outros, loucos, que de labios puros
Nem voz de amor, nem um suspiro ouvistes,
Na propria sombra mergulhando tristes,
Nunca entendidos, que fazer? chorai...

Chorai commigo, corações doentes,
Lentos, cançados de amorosa lida;
Pobres de gozo, no festim da vida
Nem um sorriso... só nos coube a dôr...
Mas o martyrio fez voar minh'alma
Do affecto puro á região serena,
Que já não troco a minha doce pena
Pelas delicias de um ditoso amor.

Vamos; que importa? morrerei fitando
A idéa eterna que accendi na mente,

Sinto acabar-me; desgostoso e crente
Da morte o vôo sussurrar ouvi:
Basta, Hermengarda, o impossivel mata!
Laura, a teus pés um coração é pouco...
Abre-me o carcer, Leonor, 'stou louco!
Desço ao inferno, Beatriz, por ti...

(1867)

XXIV

Luctas d'alma

(A L. C.)

Como é sublime o combater de uma alma,
Que abrio as azas aos tufões da sorte!
Leva no seio um oceano amargo,
Transcende as nuvens soberana e forte;
Toma-lhe o vento as esperanças todas;
Mas não succumbe, mas não foge á morte...
Como é sublime o combater de uma alma,
Que abrio as azas aos tufões da sorte!

Sim! E que importa que na fronte curva
Presinta o frio de funerea lagem?
De uma tristeza no fatal suspiro,
De uma lembrança na veloz passagem,
Escuto ao longe o coração, que bate,
E a voz de um anjo, que me diz: coragem!
Sim! E que importa que na fronte curva
Presinta o frio de funerea lagem?

Sorte maldita, que me tens ferido,
Tu me venceste, mas eu não me entrego!
Na mente escura, como um vasto globo
De noite negra tacteando cégo,

Encontro as crenças de futuras glorias,
Que hão de valer-me, porque as não renego...
Sorte maldita, que me feres n'alma,
Tu me venceste, mas eu não me entrego!

Possa meu pranto fecundar a terra,
Donde rebentam da piedade as flores;
E tu, que assistes de minha alma ás luctas
Sê compassiva para tantas dores.
Morta a palavra pelo soffrimento,
Perdido o riso pelos dissabores,
Possa meu pranto fecundar a terra,
Donde rebentam da piedade as flores...

(1868)

XXV

Fatalidade

(A L. C.)

Disse ao verme da terra aguia celeste:
«Dóe-me ver-te no pó; minh'alma é nobre;
Porque não ousas remontar-te ás nuvens?»
«Não tenho azas,» lhe responde o pobre.

«Tenho-as eu; posso erguer-te ao infinito,
Onde voam as almas que suspiram.»
A aguia e o verme n'um olhar trocado
Se embeberam de luz; e ambos subiram.

As nuvens fogem para abrir caminho
Ao rapido voar da ave altaneira;
E os astros dizem rindo: «vem da terra,
Trazendo aos pés de Deus um grão de poeira...»

Quando assim mais alturas devassavam,
Esta aguia que dizia: «o espaço é nosso,
Vamos juntos ao céo, entras commigo...»
Disse ao ente infeliz: «ai! já não posso!..»

«Pois agora que o mundo está tão longe,
Que tão alto voaste, é que me deixas?...»
«Lembrei-me que eu sou grande, e tu pequeno,
Tenho pejo de ouvir as tuas queixas...»

E' assim que ao abysmo tormentoso
Meigo sorriso um coração arrasta,
E na borda fatal do precipicio
Tu recúas, e eu?.. sumo-me. Basta....

(1868)

XXVI

Por brincadeira

(A M. de A.)

«Bem vês, as illusões fugiram-me da mente,
Os sonhos de minha alma o tempo esvaeceu:
Na sombra e no silencio arrasto-me indolente,
Comtudo, pensas tu que o coração morreu?»

(DO AUTOR)

VINDE commigo ver essa belleza,
Incarnação do espirito das flores,
Ultima nympha que encontrei perdida,
Solitaria na ilha dos amores.

Como cêra mil vezes depurada,
Realça-lhe o candor da fronte linda;
Natureza cruel e demoniaca
Da familia de Lelia e de Lucinda;

Bastos, crespos cabellos de mulata,
Sendo ella aliás de pura raça aryana,
Olhos d'aguia, mãozinhas de criança,
Bocca de rosa e dentes de africana....

E' esta a imagem que peguei n'um sonho,
Sonho de amor, febril e delirante;
A mais moça, a mais quente das dez virgens.
A que o reino dos céos é semelhante....

(1874)

XXVII

Que Mimo!...

(A M. de A.)

Tu és morena e sublime
Como a hora do sol posto.
E, no crepusculo eterno
Que te envolve o lindo rosto,
O céo desfolha canduras
De alvoradas e jasmins,
E passam roçando n'alma
As azas dos cherubins...

Teu corpo que tem o cheiro
De cem capellas de rosas,
Que t'enche a roupa de quebros,
De ondulações graciosas,
Teu corpo derrama essencias
Como uma campina em flôr:
Beijal-o!... fôra loucura;
Gozal-o!... morrer de amor...

(1874)

XXVIII

Ainda e sempre

(A M. de A.)

> Foi por isso que a aragem da tarde
> Hoje mesmo chamou-me infeliz...
> Mas não creias nas phrases da aragem,
> Qu'esta louca não sabe o que diz.
>
> (DO AUTOR).

EIS-ME á borda do abysmo arrastado,
Deste amor aos impulsos fataes:
E teus olhos, que assim me levaram,
Já parecem dizer: é de mais!

E' de mais, bem o sei, a loucura
Com que cego atirei-me a teus pés,
E da poeira de luz, que te envolve,
Quiz ousado romper através.

Vi-te bella; encarei as estrellas,
Não achei quem dissesse: onde vais?
E minh'alma perdeu-se nas sombras
De teu negro cabello... E' de mais...

Fazes bem; meu amor não tem azas
Para ao longe comtigo voar;
Pobre, louco, miserrimo e triste...
Eu que tenho? que posso eu te dar?

Neste cofre de um peito sincero,
Que padece e o não sabe ninguem,
Guardo lagrimas; queres? não queiras;
Para que? pois é só o que tem...

Mas as lagrimas valem riquezas
De um affecto que é pena deixar,
Por desdem ou fereza, perdido,
Qual thesouro no fundo do mar.

(1874)

XXIX

Incredula . . .

(A M. de A.)

Quando te mostro essa porção de sombras
Que o teu cabello me lançou na fronte
E os ais sentidos que no ermo exhalo,
Pedindo ao ermo que a ninguem os conte;

Quando te fallo no profundo affecto
Que tua bocca me imprimio no seio,
Teus meigos olhos me respondem timidos:
Como é possivel este amor? não creio.

Como é possivel?! tens razão... As almas
Não sobem todas á serena altura,
Donde se expellem deste mundo as maguas
E lá mais vivo o coração fulgura.

Não sobem todas. Entretanto eu soffro,
Ninguem percebe a minha dôr; eu choro,
Ninguem conhece do meu pranto; eu morro,
E tu perguntas com que fim te adoro?!...

Pódes dizer-me com que fim rebentam
Brancas boninas no deserto? e as aves,
Que o sol saudam, com que fim gorgeiam,
E acordam d'alma as emoções suaves?...

A flor das veigas e dos céos a estrella,
Que meigos prantos entre si derramam!
A flor não sobe, nem a estrella desce,
Qual o motivo por que tanto se amam?...

(1874)

XXX

Nada...

(A M. de A.)

Um riso, um gesto, umas palavras doces,
Eis a riqueza do teu grande amor!...
Se Deus quizesse reduzil-o a orvalho,
Não ensopava a pet'la de uma flor...

Entretanto, minha alma, que te adora,
Esta alma, que a teus pés cahiu ferida,
N'esse pingo de amor, quasi invisivel,
Acha gozos dos céos, que lhe dão vida!...

(1874)

XXXI

Impossivel . . .

(A M. de A.)

VER-TE chorar! E não poder prostrar-me
Dos olhos teus ao infantil quebranto,
E, como o orvalho da manhã nos campos,
Nas minhas barbas imbeber-te o pranto!

Ver-te chorar! E não poder as lagrimas,
Que tu vertias com virgineo pejo,
N'um cofre d'ouro recolhel-as todas,
Seccal-as todas ao calor de um beijo!...

Que beijo! O echo dos abysmos d'alma,
Se abrindo aos raios da belleza tua:
Um beijo enorme de oceano immenso
Na branca praia, solitaria e nua!

. . . .

Tu trazes fitas nos cabellos negros,
Nos seios quentes o calor dos ninhos,
Na fronte a sombra do cahir das tardes,
Flôres na mão, no coração espinhos . . .

(1874)

XXXII

Variação á Heine

Donde vem que por ti sinto-me forte,
Capaz d'expôr-me a epicos perigos,
Se nos tratamos como indifferentes,
E olhamo-nos até como inimigos?

Porque, ao ver-te, descoro e tremo e calo-me?
Só porque amar é lei da humanidade?
Não sei disso; o que sei é que tens força
De prolongar a minha mocidade.

Viver é ter paixões. Emquanto n'alma
Borbulhar-me sedento este desejo,
Que me sustenta, de abraçar-te um dia,
E sugar-te da bocca o mel de um beijo,

Não murcha no meu peito a flor da vida,
Que sempre rórida a teus pés deponho...
Já vês como te adoro; e, todavia,
Não nos fallamos, nem siquer em sonho!

(1879)

XXXIII

A'...

Do beijo que tu me déste,
Primeiro beijo de amor,
Toda tremula e convulsa,
Cheia de mimo e candor,

Nasceu esta f'licidade
Que me enleva e me extasia,
Que outr'ora, de longe em longe,
Sómente em sonhos eu via...

O orvalho do céo cahido
Em floreo seio acha abrigo;
Minh'alma dorme na concha
Cheirosa do teu embigo...

(1884)

XXXIV

Pilheria

(Improviso)

De tua bocca mimosa
O labio superior
Tem a fórma graciosa
Do arco do deus do amor.

E, qual a flecha que assenta
Nesse arco de rubim,
Fôra assim em tua bocca
Um beijo dado por mim!

(1884)

XXXV

Houve tempo . . .

(Modinha)

Houve tempo em que meus olhos
N'outros olhos se embeberam,
N'outros olhos que em meu peito
Doces chammas accenderam.

Conheci que os meigos olhos
Me enganavam, traiçoeiros,
Quando, frouxos de ternura,
Me attrahiam feiticeiros.

Hoje amo a flor do deserto,
Amo o cardo montesinho,
Amo a vaga marulhosa,
O volatil passarinho.

Amo a brisa susurrante,
Amo os noites de luar,
Amo tudo que não possa
O meu peito atraiçoar . . . .

Já não quero amar na terra
Quem me póssa amar tambem;
Hei jurado amar sómente
Quem não possa amar ninguem...

(Itabayana, 1858).

XXXVI

Quando á mesa dos prazeres....

(Modinha)

QUANDO, á mesa dos prazeres
De amor, bebi minha vez,
Ao revoar dos desejos
Fascinou-me a candidez.

Mal pensava, cego e louco,
Enganado embalde eu cria
Que um anjo candido e bello
Nunca assim me trahiria.

Era um lis mimoso e lindo
Que docemente roreja;
Era uma nuvem serena
Qu'estival manhâ branqueja...

Mas, ao brilhar d'outros olhos,
A nuvem se bi-partiu;
Ao trovejar dos ciumes
Para mim se denegriu.

Hoje aborreço e detesto
Desse jasmim a candura;
Quero amar: amo a quem tenha
Da violeta a formosura.

As roxas por quem meu peito
Tambem roxeia de dôr,
As pallidas por quem minh'alma
Empallidece de amor...

(Itabayana, 1858)

XXXVII

Eu amo o genio....

(Modinha)

Eu amo o genio, cujo raio esplendido
Tirou-me o pranto no pungir da dôr;
Ha sempre um gozo no correr das lagrimas,
Ha sempre um riso no murchar da flôr...

Vê-se no templo se elevar o incenso
Puro, expressivo que se queima ahi;
E Deus aspira o matinal perfume
D'ethereas flores que espalhou em ti...

Quando, sublime de soffrer, um'alma
Rompe dos prantos o sombrio véo,
São glorias tuas, virginaes desmaios,
Quédas de rosas nos jardins do céo.

E quem não sente clarear o sonho,
A ideia santa d'um viver melhor?
E as harmonias d'um amor que torna
A fronte altiva, o coração maior?

Na voz dos mares, na expressão dos ventos
Ha um mysterio de fazer pensar....
Nas forças d'alma, no poder do genio
Ha um segredo que me faz chorar....

(Itabayana, 1859)

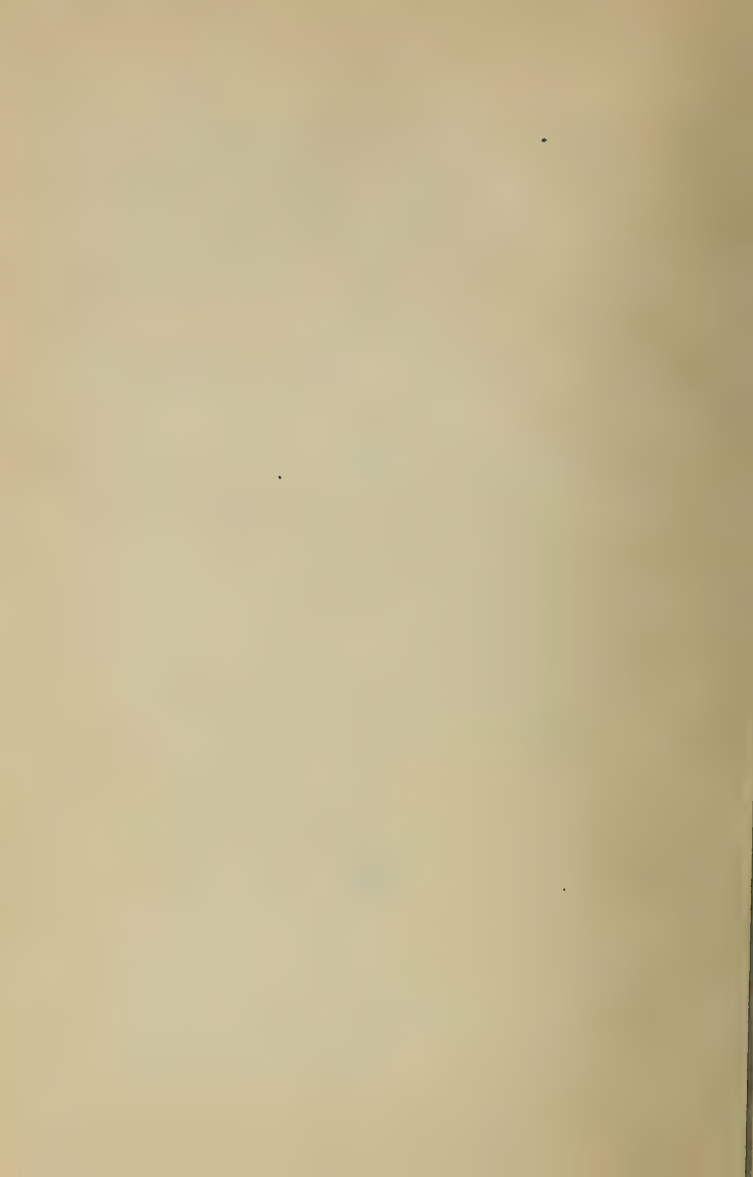
XXXVIII

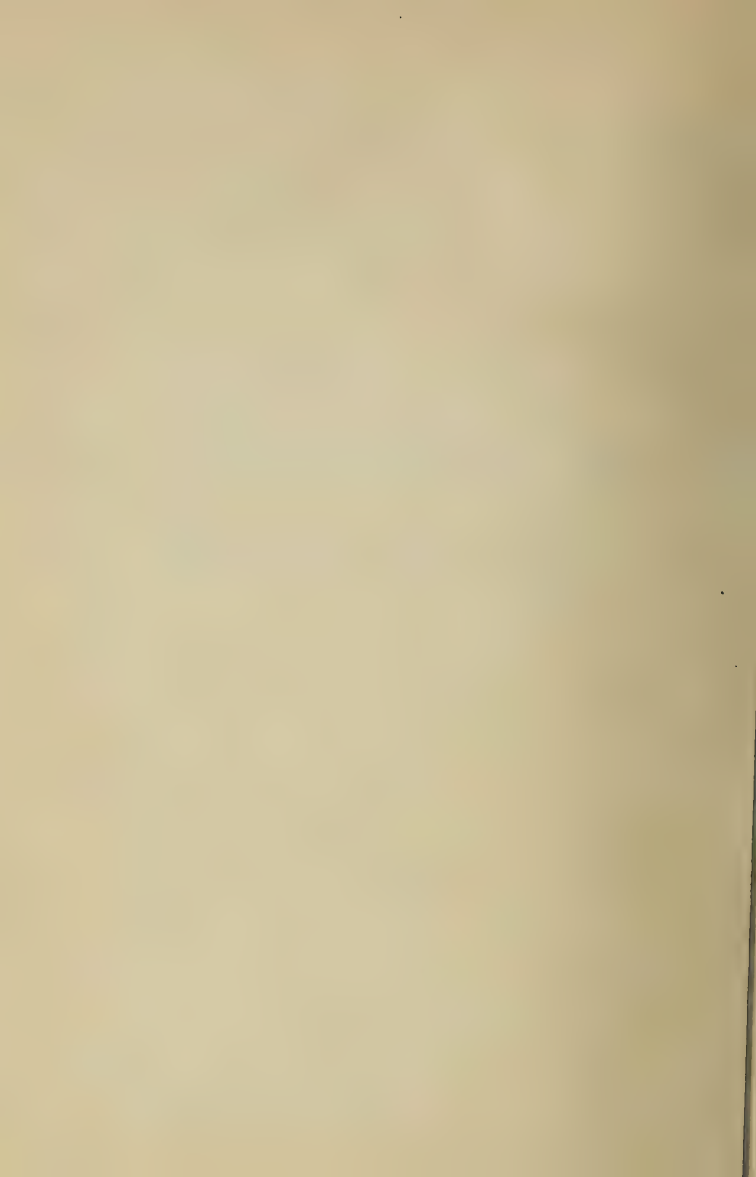
Glosa

(Improviso)

> «Quando os teus olhos me fitam,
> Minh'alma acredita em Deus.»

Eu sinto que se me agitam
As profundezas do ser,
Que mais um raio e' morrer,
Quando os teus olhos me fitam.
Que pensamentos excitam
Os olhos fagueiros teus!
São rompimentos de ceus
Olhares que a tudo abalam...
Quando os teus olhos me fallam,
Minh'alma acredita em Deus!....

(1864)

APPENDICE

A MULHER E O AMOR.

A Mulher e o Amor

(DIALOGO ENTRE LYSIS, TERPANDRO, MEMNON E DIOPHILO)

LYSIS. — A tarde é calma, o céo purissimo. Bem defronte do sol, que descamba, mal se divisa na esplanada do levante a lua descorada e timida, como rainha oriental, em presença do rei, seu senhor. Lembra-me Esther diante de Assuero. Que attrahente solidão, que poetico retiro! Não é com effeito fóra de proposito descançarmos um pouco sob a protecção deste mangal sombrio. Para aqui, para tão doce mansão de verdor e frescura, aliás só propria do socego de uma alma candida, ao pé de uma fonte, limpida e tranquilla como a consciencia de uma virgem, Horacio não deixaria por certo de pedir que lhe trouxessem todos os agentes das sensações agradaveis, os vinhos, os perfumes, as grinaldas de rosas e...

> «Huc vina et unguenta et ninium brevis
> «Flores amenæ ferre jube rosœ»

Entretanto, o psalmista do coração, o Alcion do mar da vida, acharia emoções que o fizessem exclamar:

«Mon cœur lassé de tout, même de l'esperance...»

Que vos parece o quadro?

Terpandro. — Magnifico! Tem poesia e innocencia bastante para um idylio. E nós outros figuramos um grupo de pegureiros virgilianos «sub tegmine fagi» ou «inter ulmos corylis mixtas»; — falta-nos tão sómente a gaita para entoarmos em estylo pastoril alguma queixa amorosa.

Diophilo. — E has de ter sempre um riso escarninho até para os objectos mais bellos? Pois sabe, meu gaiato, que o grande antecedente de Aristophanes que se riu dos sabios, de Voltaire que se riu dos padres, de todos que se riem de tudo, o espirituoso comico por excellencia é Satan que se riu de Deus. Confesso-te que esta paisagem me infunde n'alma um não sei que de melancolico e suave, que eu quizera aqui passar a vida em companhia das aves, em camaradagem com as flôres, namorando essa boa visinha que se chama a natureza.

Terpandro. — E' por isso, talvez, que ella agora assume aos vossos olhos, no sopro das auras, no baloiço das folhas, uns doces modos de coquetice. Embriagai-vos, poetas! Na phrase do indiano Kapila, a natureza é uma dansarina: dansai com ella. Quanto a mim, tenho assumpto mais alto em que medite.

MEMNON. — E quem te disse que a presença do céo azul, os suspiros da tarde, os aromas das flôres não podem tomar parte na discussão das grandes verdades? Pelo contrario, as mais aridas questões ganhariam muito em ser assim tratadas á sombra dos jardins, diante de um auditorio de rosas.

Era passeando pelas margens do Ilyssus que Socrates recebia as inspirações do seu demonio, quando não ia banquetear-se com a mocidade grega e por distracção elevar-se, nos surtos da philosophia, ás alturas do amor purissimo, como lh'o havia ensinado ... quem? uma soror de Laïs ou Gnathenium, uma hetaïra, uma «aristocrata do vicio», Diotima de Mantinêa.

D. — Ora pois! ... uma cortezã daquelles tempos dando uma theoria sublime do amor, quando as mais romanticas virgens dos nossos dias mal comprehendem as doces tristezas de uma alma santamente apaixonada.

T. — A razão é simples: é que o amor começa a ser uma chimera, porque a virgem vai começando a ser um idéal, como todos os idéaes, irrealisavel, fantastico, impossivel.

L. — Não queiras assim turvar o crystallino de minha fonte de lagrimas, arrancar a ultima crença ou illusão que me sustenta.

Já que tratamos de amor, envolvamol-o na têa da discussão e falle cada um de nós cordial e francamente.

O amor, que é ao mesmo tempo um tormento e um heroismo da alma, tambem tem a sua belleza,

e essa belleza é o vôo na ascenção para os cimos azues da serenidade angelica, é a idealisação da mulher e por contra-golpe a desventura, o soffrimento em silencio.

Escutai estas palavras do autor do Phedon: — «o homem, percebendo a belleza sobre a terra, lembra-se da belleza verdadeira, brotam-lhe azas; e elle anceia por voar até ella; mas em sua fraqueza levanta, como uma ave, os olhos ao céo, e, desprezando as cousas do mundo, passa por um insensato.»

Vêde, pois, que deste amor haverá sempre quem padeça porque elle é uma dignidade do coração, é uma penetração divina; porque esse amor, emfim, promettendo-se, jurando-se eterno, importa o sentimento, a consciencia da immortalidade.

T. — Eis ahi um arremedo de philosopho alexandrino nos transportes do extasis.

De tal mania não quero eu soffrer.

A minha Diotima ensinou-me que o amor, para valer, tambem tem suas condições economicas. Já vai bem longe o tempo em que elle era menino e andava nú: hoje é mister que appareça bellamente vestido. Dizei-me: qual é o ditoso a quem as castas rosas, as recatadas boninas offerecem os labios cheirosos? Não é de certo o passarinho que melhor canta: é o que tem mais rica toilette, o libertino, o estupidosinho do beija-flor.

A bocca e o seio das mulheres bellas tambem tem mel escondido e reservado para o biquinho de ouro dos beija-flores azues. E' a minha theoria do amor.

L. — Theoria grosseira, theoria aviltante que eu regeito como uma miseria, preferindo as maguas abafadas, os dolorosos segredos, á toda a exaltação dos prazeres, á toda a ebriedade dos sentidos.

A alma humana é um resto de anjo; amar é achar as azas perdidas. Unico feliz chamo eu aquelle para quem todos os sonhos da vida, todos os mysterios do coração, todas as questões do céo, estão definidas, resolvidas, explicadas por um olhar de mulher.

T. — Pobre doudo! quem te assegura que ella é sempre capaz de perceber ou tolerar a mysticidade sublime de semelhante amor?

Engano! Sei e confesso que a perfeição da mulher é a corôa divina, supponho até que nella se esgotou todo o primitivo poder creador, pois que depois de Eva, a ultima obra do Eden, não me consta que Deus tivesse creado mais ente algum. Entretanto a experiencia, que dá lições á custa de lagrimas, tem me feito duvidar seriamente dos bons instinctos do coração feminino. Comprehendera que a mulher dissesse: — «eu sou o louro da fronte dos bravos», e suscitasse a aristocracía do heroismo; que a mulher dissesse: — «eu sou a corôa das cabeças pensantes», e levantasse a nobreza do talento; que a mulher dissesse: — «eu sou o balsamo da ferida dos martyres» e creasse o paladinato da virtude. Mas . . . tudo impossivel! Amor puro, idéal, tu não és mais que um nome. Julieta . . . loucuras de poeta. Messalina é a realidade historica. E por isso gosto de ver o ferro em braza, pela mão de Juvenal, chiando no dorso nú da

imperatriz devassa, escrever-lhe o tenebroso epitheto de «augusta meretrix»; gosto de ver o azorrague do satyrico indignado, estalando-lhe na pelle alvissima, deixar-lhe como uma bêta roxeada, como um vinco eterno aquelle verso terrivel:

Et lassata viris, sed non satiata recessit....

Homens, que viveis absortos diante dessas deidades fataes servidas por anjos que lhes dão a beber as lagrimas dos infelizes, tende por certo que ellas zombam de vós.

M. — E os que debalde procurais zombar dellas, não podeis occultar o fogo intimo que se revela até nas maldições de vossa louca apostasia. Sêde mais justos. Vêde que, quando mesmo a mulher vacilla e cai, a razão é porque ella tropeça em algum obstaculo, e esse obstaculo, essa pedra é o coração do homem.

T. — Vossas idéas são elevadas, vossa linguagem é bonita: mas destoam do nosso mundo acanhado e miseravel. Louco é o homem que não se deixa fazer á imagem da sociedade em que vive, esta sociedade que, não contente de «aristocratisar» o ouro, divinisou-o, e creou sobre elle o mais abjecto pantheismo. Desenganai-vos; uma lagrima de poeta não vale o reflexo dos ouropeis. Já lestes por certo o velho Homero; lembrar-vos-heis daquella magnifica passagem da Iliada, em que os Gregos e Troyanos, misturados e confusos no referver da batalha, o pai dos deuses envolve-os em um manto de escuridão; o céo troveja; Neptuno

abala a profundeza dos mares; Plutão salta do throno, espantado, receioso de que se vão descobrir os segredos do inferno; quando o valente Ajax, apalpando as trevas, desesperado em busca do inimigo, prorompe nesta blasphemia de heróe: «Jupiter, restitue-nos o dia e combate contra nós.» Pois bem; sobre a lucta procellosa das minhas grandes paixões, Deus lançou a escuridão das circumstancias. Indignado, rebelde, certo de triumphar, eu posso tambem dizer: «Senhor, que assistis aos combates de minha alma, vós que tendes na mão o coração dos archanjos, dai-me a luz do ouro, e sêde contra mim».

D. — E' que vós outros, semelhantes a um doudo que, para apreciar uma bella harmonia, tapasse os ouvidos,tentaes apreciar a mulher, cerrando-lhe o coração. Todo o mal vem de que ella é um aroma e vós quereis descobrir-lhe um sabor; todo o mal vem de que a mulher tende a subir e o homem só quer descer; todo o mal vem de que os legisladores, os politicos, os philosophos mesmos no egoismo de suas meditações, se esquecem della, quando della só se lembram os poetas que não fazem lei, os poetas que não crêam doutrina, os poetas que não governam o mundo; tristes solitarios, grandes almas abrazadas, fumegantes de sonhos que formam nuvens nas alturas do infinito. Faz-se ainda necessaria uma revolução que proclame os direitos da mulher; ella que já teve tão pouco apreço, que era avaliada por uma cabeça de animal, tempo ha de vir em que ha de valer tanto como uma cabeça de genio.

L. — E' tarde. A estrella vesper que fulgura no azul do firmamento trasborda de saudade e melancolia, como um calix de ouro que o anjo da tristeza vem offerecer aos doentes do coração. E' a minha hora de lagrimas que debalde gotejam sobre as murchas folhas de pallida esperança. Silencioso, intimo, profundo, o chôro tambem é uma prece. E' a minha hora de recolhimento e oração.

T. — Sim! Deveis orar e chorar vós outros que ainda tendes uma esperança adormecida no seio da belleza que adorais. Eu não creio mais nestas vizões. Rio-me de desdem em face dessas mulheres que se espantam, que estremecem, que desmaiam por um insecto inoffensivo que lhes pousa no vestido, ao passo que escutam indifferentes o queixume dos vastos corações amorosos no equúleo da desesperação, como as Vestaes assistiam imperturbaveis ao dilaceramento dos miseros entre as garras dos leões.

Hoje para mim a mulher é apenas um objecto de estudo. E oxalá que eu podesse escalpellar-lhe o coração, descobrir as causas desse abysmo de incertezas e tomar pé no fundo desse oceano de contradicções.

L. — Felizmente não tenho uma alma talhada para tanta impiedade. Entendo que dos suaves espinhos, dos doces rigores femininos só ha um meio do homem vingar-se: é amar sempre. Bem como os corações maternos dedicam maior affecto aos filhos que mais dôr lhes causam, as grandes almas transidas estremecem mais profundamente pelo seu desditoso amor.

T. — Apage!... que isto não é amor, é devoção beatifica. Feriram-te no coto da aza, como poeticamente dizem os camponios. Quem foi a caçadora cruel que te disparou tão aguda setta?

L. — Oh! quanto a isto .... nem uma palavra! Em outra occasião continuaremos a lucta.

(1867).

Ainda Mr. Reichert.

Tonteia o palco em musical vertigem,
Sopro de Deus que os corações abala;
E a voz mimosa dessa frauta virgem
E'um perfume que dos céos trescala.

Aos sons fluentes que o teu genio empalma
Como que se abrem de prazer as dôres!
Que anjos meninos nos açoitam n'alma
Com ramilhetes de orvalhadas flôres.

Auras virgineas por teus labios cantam . . .
Dir-se-hia uma poeira refulgente
Que as azas dos archanjos alevantam
Nos desertos do céo, genio eminente!

São turibulos de ouro que embalanças,
E o incenso ondêa n'amplidão do espaço;
Como que ameigas docemente as tranças
De uma santa amparada no teu braço.

De tua bocca a musica espadana,
Parece, que ao fervor das harmonias,
Vaes ciumento a um collo de sultana
E lhe espalhas no chão as pedrarias . . . .

(1866).

---

[1]) Por descuido deixou esta bella poesia em estylo parnasiano de ser incluida entre as Estheticas. Vae, por isto, neste logar. (N. de S. R.)

INDICE

Parte II.ª Patrioticas

Parte III.ª Estheticas

Parte IV.ª Amorosas

Appendice